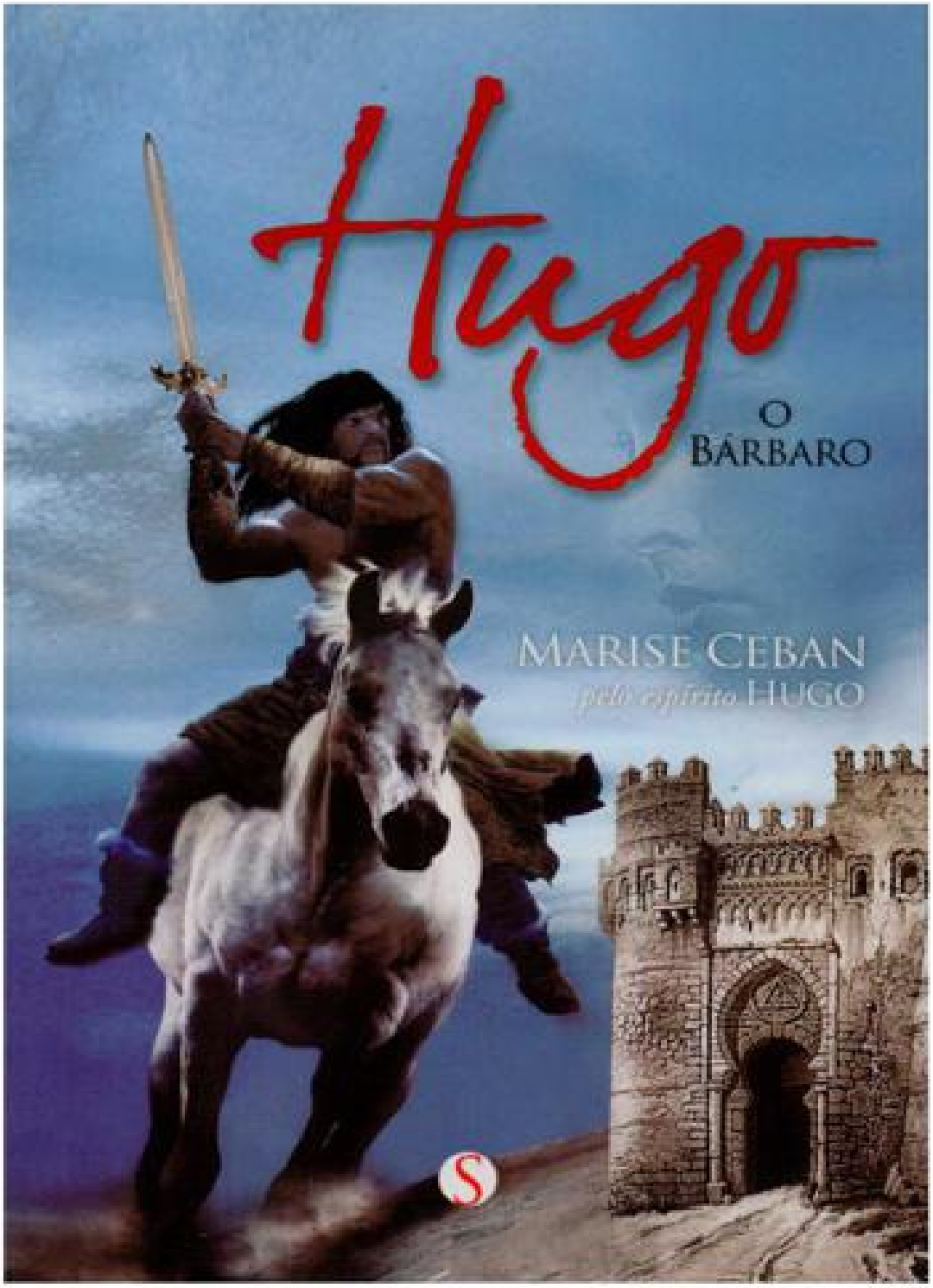
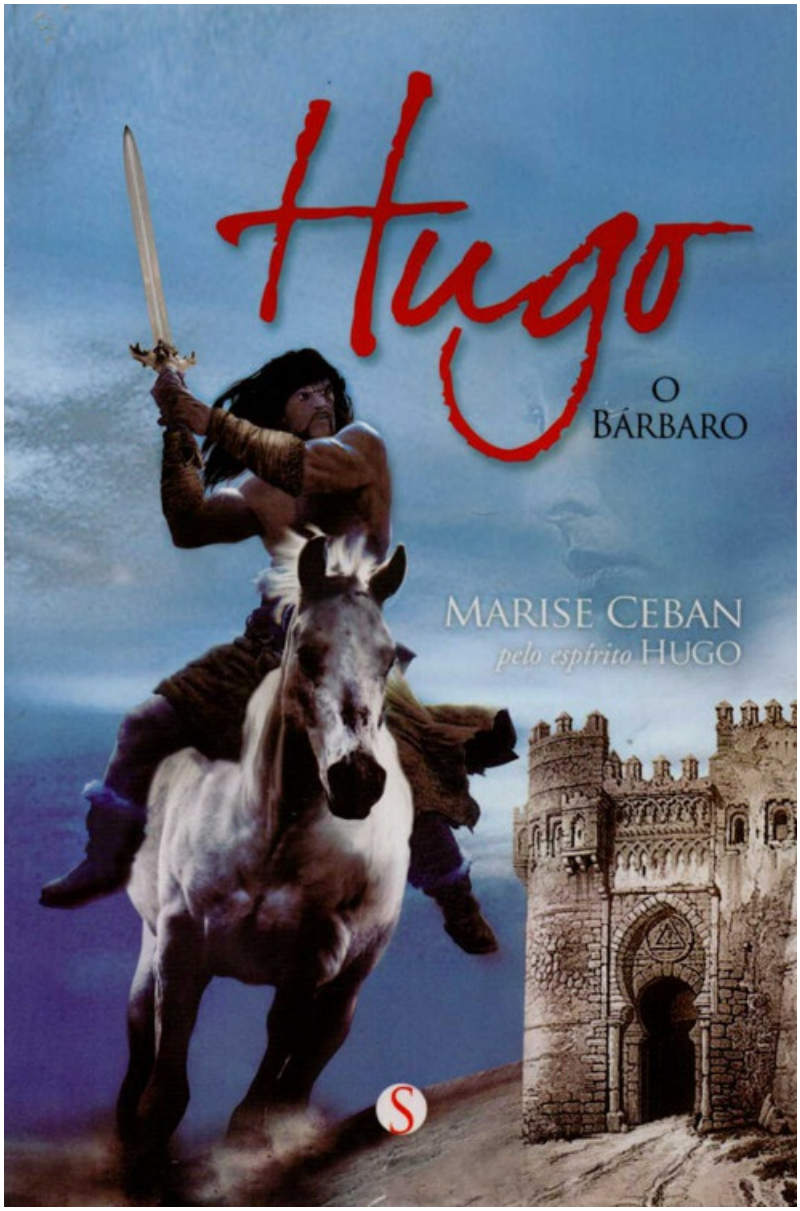

Hugo
O Bárbaro
Marise Ceban
pelo espírito Hugo



Hugo o Bárbaro

"morrer para o bárbaro era apenas uma ação final sem maiores consequências. Para este existia apenas o instinto de se conservar pelo maior tempo possível e viver também inatamente, satisfazendo suas necessidades carnais, bem como a ganância da conquista, da vitória e do poder. O sentido de família não existia para esses homens. As mulheres eram usadas e os filhos homens eram bem-vindos na medida em que seriam os continuadores, os herdeiros da força e das dominações. As filhas, mulheres, coitadas, eram vistas como mais algumas escravas a contribuir com o único trabalho existente, qual seja o de servir ao homem, ao seu senhor.

Com essa estrutura de civilização' o bárbaro era solitário por natureza. Nascia, comia, procriava, lutava, conquistava, escravizava e morria. Não havia nele sequer um único sentido mais singelo, ético, para a vida. Talvez por isso não tinha medo da morte..."

1

MlNHAS palavras pretendem levar ao leitor o que se passa no recôndito da consciência de um espírito que, como poderão constatar neste livro, não soube aproveitar as oportunidades benditas da reencarnação.

Creiam, meus amigos, a consciência liberta da carne é muito mais implacável do que quando obscurecida pelo corpo físico; os momentos são preciosos e farão toda diferença no futuro.

Quero incentivá-los à reflexão salutar para que possam aproveitar os momentos importantíssimos da vivência atual na carne e que não deixem para depois a reforma do espírito.

Agradeço imensamente a Deus por ter começado a elucidar o entendimento das Suas leis; agradeço aos Mensageiros Divinos que, com toda paciência e tolerância, conduziram-me até este momento; agradeço à minha mãe, incansável na luta para que o filho obscurecido pelo ódio pudesse enxergar a luz.

Hugo

Os direitos desta obra foram doados para uma instituição
social sem fins lucrativos, não recebendo a médium qualquer
remuneração proveniente da sua venda.

HUGO O BÁRBARO

MARISE CEBAN

Pelo espírito HUGO

© Marise Ceban

Editora Sofia

Rua Claudina Z. Betelli, 96 - Portal Santa Fé

CEP 13295-000 - Itupeva - SP Telefone: 11 4591-2285

editorasofia@editorasofia.com.br www.editorasofia.com.br

Ia edição - Fevereiro de 2013

1° ao 3.000° exemplar

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,
somente será permitida com a autorização por escrito da editora.
(Lei n° 9.610 de 19.02.1998)

Impresso no Brasil Presita en Brazilo

Coordenação editorial Cristian Fernandes

Revisão técnica e gramatical Joel Fernandes

Capa

Equipe censn

Projeto gráfico de miolo Bruno Tonei

Catalogação elaborada na editora

Hugo (espírito)

Hugo, o bárbaro / Hugo (espírito); psicografia de Marise Ceban.
- Itupeva, SP : Editora Sofia, 2013.

160 p.

ISBN 978-85-65663-01-4

1. Romance mediúnico. 2. Espiritismo. 3. Espanha. 4.

Literatura brasileira. I. Ceban, Marise. II. Título.

CDD 133.93

3

Agradecemos aos Espíritos amigos pela sustentação recebida durante a psicografia desta obra.

N.A.: notas do autor espiritual.

N.R.: notas do revisor técnico e gramatical.

PALAVRAS DO HUGO

Amigo! O coração grita e pulsa, procurando extirpar todas as dores acumuladas nesses anos.

Sinto como se estivesse prestes a renascer de um tremendo, profundo, ou demasiadamente pesado, tormento. Parece que minhas forças não serão suficientes para chegar até Toledo, amanhã.

Agora que minha consciência sabe o verdadeiro valor da existência bem vivida, busco realizar a proeza de vencer esta difícil etapa.

Se me permitir desabafar pelas lágrimas, acredito que isto me fará um grande bem.

Meu amigo! Sei que posso contar consigo; ainda sei que é graças a esta viagem**(1)** que realizarei o salto definitivo para minha evolução, deixando para trás todos os resíduos deformantes do meu perispírito. Retornarei ao Brasil como um novo homem, externa e também internamente.

Recebo muitas bênçãos de vocês, encarnados, e dos amigos desencarnados que me acompanham neste processo. Aqui estão conosco: André, Zen, e o Dr. Agostin **(2).** A ajuda é grande. Que Deus nos abençoe.

1- Viagem realizada à cidade de Valência/Espanha, sede do 6° Congresso Espírita Mundial, ocorrido no período de 10 a 12 de outubro de 2010 (N.R.).

2 Todos são Espíritos Mentores do Centro Espírita Nossa

Senhora de Nazaré, localizado em Itupeva/São Paulo, bem como dos encarnados citados (N.R.).

(Mensagem mediúnica recebida em 13 de outubro de 2010, na Cafeteria Café & Té, na cidade de Madri/Espanha, em torno das 17:00 horas local, pela médium Marise Ceban, apenas estando presente Joel Fernandes, com quem o Espírito Hugo falou.)

4

BÁRBARO

O tempo estava fechado, nuvens escuras indicavam uma grande chuva a ser enfrentada.

Caminhávamos descompromissados, com boa disposição, pois estávamos voltando de uma batalha vitoriosa.

Éramos homens abrutalhados, chamados bárbaros: cabelos desgrenhados, barbas sujas e esgrouvinhadas, roupas confeccionadas com restos de peles dos animais, e alguns poucos tecidos fabricados nas próprias aldeias.

Seguíamos a vida como irracionais, isto é, matávamos a fome, procriávamos, e lutávamos. Esse era nosso lazer: as lutas pelas (conquistas de terras, objetos, e escravos.

Sim, irmãos, lutávamos para escravizar, eis por que nos chamavam bárbaros!

Não formávamos famílias como as conhecidas nas civilizações. Quando os homens se engraçavam por alguma fêmea, roubavam-na, possuíam-na instintivamente, como brutos, pelo tempo que desejavam, e após largavam-na como trapo velho que não mais lhes servia.

Triste sina a nossa.

Éramos felizes, alegres, mas somente as batalhas perdidas poderiam nos tirai a paz. Quando vencidos nalgumas batalhas éramos capazes das maiores atrocidades com quem cruzasse o nosso caminho, até com as crianças e mulheres da nossa própria aldeia.

Não respeitávamos nada nem ninguém.

Em 435 antes de Cristo, na região da Mongólia **(3),** Gráviu - assim me chamava - vivia usando e abusando da brutalidade.

Nasci em 480 A.C, filho de Casmira e Tonteriu. Fui iniciado nas

artes da caça desde meus cinco anos. E claro que vivia solto pela aldeia como todas as crianças, porém já trazia algo diferente dentro de mim: uma inquietação, uma ânsia pela conquista; gostava muito de dominar "pela força" as outras pessoas - era da minha personalidade. - Éramos, os meninos, tratados com dedicação, pois seríamos os futuros combatentes, aqueles que manteriam a aldeia alimentada e protegida.

3 -Região situada nas Asias Central e Oriental, entre a China e a Rússia. Diz a lenda que foi Gengis Khan quem atribuiu a palavra mongol ao seu povo, no início do XIII (N.R.).

5

As crianças nascidas meninas sofriam bastante, assim como suas mães e as mulheres em geral. Não possuíam direito algum, apenas deveres, quais sejam os de servirem aos homens.

A alimentação, preparada pelas mulheres, era servida em primeiro lugar para os homens ativos do lugarejo - aqueles que possuíam toda vitalidade para as lutas e para a procriação -, depois era a vez dos garotos já no aprendizado da defesa, após eram os homens mais velhos, pois detinham a sabedoria, e só ao final dessa sequência é que as mulheres e finalmente as meninas poderiam se alimentar.

Mantínhamos leis rígidas: ao homem tudo era permitido, para as mulheres, ao invés, coisa alguma se lhes concedia apenas o trabalho quase escravo.

Quando chegamos em Serrasmonte, onde vivíamos, despejamos todos os produtos da nossa conquista: alimentos, ouro, e cavalos, foram entregues para a conservação do nosso núcleo.

Naquela noite houve festa. Entregamo-nos à orgia com plena força dos nossos instintos ainda muito bestializados.

As mulheres usadas eram as escravizadas, obrigadas que eram a se submeter a todos nossos caprichos. Nada podiam dizer nem muito menos demonstrar quaisquer expressões de tristeza, mágoa, ou rancor. As mulheres da aldeia apenas serviam comida e bebida para nosso desfrute.

Embora essa fosse a lei, os sentimentos enraizados em seus corações eram de ódio e desejo de vingança, porquanto nenhuma mulher deseja ser tripudiada em seus mais íntimos desejos.

A chuva caiu pesada naquela ocasião. Com a água abundante e o vento soprando velozmente, perdemos muitos dos animais, pois não os havíamos prendido adequadamente nem tivemos o

cuidado de guardar os víveres e os objetos valorosos conquistados.

Quando acordamos no dia seguinte, com as cabeças torturadas pela bebedeira, encontrávamo-nos desfalcados de nossos materiais e sentíamo-nos acuados e indefesos.

Alguém precisava pagar por essa desgraça. Sem dúvida a culpa era exclusivamente das incompetentes mulheres, as antigas, sem dúvida, pois as recém-escravizadas estavam a nos servir na cama.

6

Nessas decisões não tínhamos nem hesitação nem piedade.
Cirande parte das mulheres foi decapitada, principalmente as mais antigas, pois, com a idade, começavam a se tornar um iardo para nós. Precisavam comer, trabalhavam pouco e, se já não tinham forças para lidar com o trabalho e nem para procriar, então de nada mais nos serviam. A outra parte foi açoitada até à exaustão, e as mais jovenzinhas olhavam para aprender a não desrespeitar nenhuma regra da comunidade.
Enfim era a barbárie exercendo seu poder de mando em pleno delírio da irracionalidade humana.
Nós, homens, sentíamo-nos melhores intimamente, em nossas consciências as coisas estavam em seus lugares.
As novas mulheres entravam na rotina juntando-se às outras e, assim, a vida continuava.
Uma semana depois estávamos novamente prontos para partir.
Uma nova batalha deveria ser travada, pois precisávamos reaver as montarias, os víveres, e alguns objetos perdidos com a chuvarada.
Gráviu, de personalidade mais incisiva, tomou o posto de mando, pela força, matando o líder Ginsk. Era a primeira empreitada que comandaria.
Seguia firme e imponente, à frente. Nada o detinha. Olhar fixo no horizonte, pensava apenas no poder - liderança e mais poder.
- Nada poderia impedi-lo, estava preparado para ser rei.
Nas lutas bárbaras a crueldade prevalecia em todos os sentidos. O prazer de ver o inimigo caído esvaindo-se em sangue era maior do que uma boa noite de orgias.
As torturas, os suplícios, os açoites intermináveis, regalavam a vida daqueles homens abrutalhados e, para Gráviu, a maldade,

em especial, trazia-lhe um frenesi incontrolável.

Este habitante da Mongólia tinha como líder apenas ele próprio. Assumindo o poder da sua aldeia criou para si mesmo um séquito de pequenos escravos, rapazes recém-saídos da infância - entre 12 e 15 anos - para servi-lo em todas suas necessidades particulares.

Quando saíamos em campanha galopávamos por vários dias sem encontrar viventes pelo caminho e, desse modo, as necessidades íntimas de Gráviu eram trabalhadas por esses pequenos homens.

7

Geralmente, depois de um dia inteiro passado sobre o cavalo, uma barraca era armada e, sob ela, Gráviu recebia alimentos preparados de forma bastante rudimentar. A caça, constituinte do prato básico, era servida quase crua, pois se acreditava que o sangue ainda embebido na carne lhe trazia força. Isso era de suma importância.

Depois de se fartar, Gráviu, invariavelmente, usava sexualmente aqueles garotos, mantendo-os sob férreo controle. Deleitava-se como um rei a se chafurdar na bebida, no desvario do sexo, e na conquista da falsa dominação, visto possuir apenas corpos.

Essa constante situação causava naqueles meninos muitas moléstias físicas, mas era nos profundos ódios, nas feridas das consciências gravadas com sentimentos negativos, que as determinações de um futuro amargo e infeliz eram delineadas para Gráviu.

- Ainda me vingarei desse tal! Ele não escapará da minha vingança! Morrerá como um animal! Juro pelos deuses! - Essas eram as constantes falas dos rapazes, dos escravos, e de todos aqueles que conviviam com este brutamonte denominado Gráviu.

É claro que eu, na personalidade desse bárbaro, não dava a mínima importância para essas ameaças, até me divertia com elas. Quando começavam a ficar mais pertinazes eu apenas man-

dava torturar, à vista de todos os infelizes tagarela.

Morrer para o bárbaro era apenas uma ação final sem maiores consequências. Para este existia apenas o instinto de se conservar pelo maior tempo possível e viver também inatamente, satisfazendo suas necessidades carnais bem como a ganância da conquista, da vitória, e do poder.

O sentido de família não existia para esses homens. As mulheres eram usadas e os filhos homens eram bem-vindos na medida em que seriam os continuadores, os herdeiros da força, e das dominações. Formariam o exército do lugarejo para a manutenção da vida rotineira das conquistas e das lutas, formando assim um círculo sem terem mais nada com que se preocupar. As filhas, mulheres, coitadas, eram vistas como mais algumas escravas a contribuir com o único trabalho existente, qual seja, o de servir ao homem, ao seu senhor.

8

Com essa estrutura de civilização o bárbaro era solitário por natureza. Nascia, comia, procriava, lutava, conquistava, escravizava, e morria. Não havia nele sequer um único sentido mais singelo, ético, para a vida. Talvez por isso não tinha medo da morte. As batalhas sangrentas demonstravam essa falta de valor moral.

Como é triste e vergonhoso olharmos hoje para nossa história, a história da humanidade que ajudamos a construir!

A marca registrada da maldade, da falta de amor e de caridade, tornou-nos bárbaros por muitos milênios. A verdade cristalina é que infelizmente ainda hoje pesa em minha consciência esse delituoso passado, pois há apenas quinze meses deixei de trabalhai compulsado pelo mal enraizado em mim como uma doença tia qual me alimentava para viver.

Constrange-me verificar que muitos ainda, na atualidade do unindo, trazem vivas em seus peitos as marcas bárbaras das destruições, aquelas que ferem, matam, e escravizam.

Foi nesse momento, 435 A.C, que encontrei Dámila, a mulher mais linda já observada por meus olhos. Pele morena, esguia, e olhar penetrante. Fiquei literalmente enamorado à primeira vista. Dámila era a filha única de um ancião também solitário, pois viúvo, lá pelos lados da Letônia.

Fazia um dia ensolarado, com clima ameno, quando invadimos seu pequeno povoado. Como de costume nada perguntamos nem nada dissemos, apenas invadimos, destruindo pequenas barraquinhas onde se depositavam alguns víveres para o comércio local. Arrebatamos o que foi possível a fim de matar a fome implacável que nos assolava.

Da mesma maneira, com voracidade, assassinamos, como se

mata insetos impertinentes, aqueles camponeses que tentaram nos impedir o caminho e, ao mesmo tempo, amarrávamos as jovens, crianças, e mulheres, para escravizá-los ou vendê-los a bom preço para adquirir, assim, mais armas.

Enquanto essa barbárie acontecia virei para certificar-me de que nada ficara para trás; foi quando vi Séquia, meu homem de confiança, desvencilhando-se de um velho e segurando, com força, Dámila.

Meus olhos mais nada enxergaram. Apenas aquela mulher enchia de entusiasmo meu campo visual. Sem pensar, num átimo gritei:

- Solte-a, ela é minha!

9

Séquia, dominado pelo calor da batalha e também impressionado pela beleza da mulher, não me deu ouvidos. Puxou abruptamente, pelo braço, o corpo que estava seguro em suas mãos e, dando-me as costas, começou a caminhar em busca de sua montaria.

Eu, ainda montado, gritei como louco, enquanto atiçava o cavalo ao encontro de ambos:

- Séquia! Estou mandando, pare! Não me provoque, esta mulher me pertence! Sou o líder, tenho o direito de escolher os escravos, montarias, e objetos que me servem; depois da minha escolha você poderá pegar o que desejar.

O rapaz estancou. Quando me aproximei desci da montaria e fiquei defronte os dois. Com o ódio visivelmente estampado em seus olhos, encarou-me e esperou alguma reação minha.

Imediatamente puxei a mulher sem, no entanto, tirar meus olhos de Séquia, pois poderia trair-me com a espada ainda manchada de sangue em uma de suas mãos, enfiando-a em mim.

Minutos tensos, ódios à flor da pele. Nenhuma palavra pronunciada, apenas gestos, movimentos que definiam o poder.

Comecei lentamente a me afastar.

Pairava no ar a desconfiança vivida no coração de todo bárbaro: Séquia já não me parecia alguém para confiar. Não confiávamos em ninguém porque nossos atos nos remetiam aos golpes, armações, e ataques, conforme nossos impulsos, emoções, e desejos. E bom esclarecer que espíritos brutalizados, agressivos, truculentos, não possuem amigos justamente porque a falta de confiança impera em suas mentes.

Estava a uma distância razoável de meu capataz-inimigo e então, lentamente, fui me aproximando para apreciar melhor minha

nova mercadoria: um belo exemplar da espécie feminina.

Cabeça baixa, lágrimas a lhe escorrerem, o pavor estampado em seu semblante, essa era a figura que tinha em mãos. Minha ganância pelo poder de dominar não me deixava perceber a essência daquele momento.

Dámila era, já de tempos mais remotos, minha companheira; por ela e com ela vivera momentos de extrema paixão. Embora não tivesse consciência do passado, o sentimento não me enganava: eu estava jubiloso, feliz.

10

De súbito um tremor percorreu meu corpo: temia pela vida da minha escolhida pois o capataz, Séquia, poderia roubá-la de mim. Imediatamente mandei amarrá-la e que dois corpulentos a vigiassem noite e dia até chegarmos à nossa aldeia, o que talvez demorasse algumas semanas, posto ainda nos encontrávamos em campanha. Precisávamos continuar por mais algumas milhas saqueando, roubando, e escravizando.

Tínhamos por costume colocar as mulheres separadas das crianças e dos homens jovens, porém, para Dámila, tive uma atitude diferenciada: ordenei que a colocassem junto com as crianças para protegê-la bem. Melhor seria confessar meus mesquinhos sentimentos, porquanto seguiria separada para que Séquia não tivesse oportunidade de roubá-la. Estando com as crianças ela se sobressaía pela altura, caso contrário, no meio das outras, não seria notada e eu acabaria por perder o controle absoluto.

Atrás da carroça das crianças seguiam dois mastodontes além de mais quatro, estes formando duas duplas, uma para cada lado desse meio de transporte.

Ordenei ainda que minha preferida fosse tratada com deferência durante o percurso, ou seja, com água fresca e mais alguns alimentos para aliviar sua fome.

Não é difícil imaginar a revolta que essas atitudes causaram em todas as outras mulheres, crianças, rapazes dominados, escravizados, e também no meio de meus comandados, pois o que estava ocorrendo fugia a quaisquer costumes da raça.

Quanto a mim encontrava-me orgulhoso. Podia sentir em minha pele o ódio brotando daquela pequena multidão, cerca de 400 almas destilando seu veneno íntimo pelos olhares, semblantes, e ligeiros comentários.

A situação fascinava-me.

- Gráviu, você é o melhor conquistador que estas paragens já viram! Voltará para casa com o trunfo da vitória, tanto as conquistas materiais quanto a dominação das almas deste bando de gentalha que lhe segue como segue-se a um rei.

- Quem pode ser maior do que eu?

Não havia resposta para o meu exacerbado orgulho. Dominaria as terras, monopolizaria os outros povos.

- Ninguém me vencerá!

Essa ideia megalômana preenchia toda minha mente enquanto" caminhávamos.

11

- Avancemos com mais rapidez; fui informado que daqui a dois dias estaremos entrando em outra tribo e não quero perder tempo!

- Senhor, os homens estão cansados, o dia já está prestes a se findar; não seria mais prudente permanecermos por estas cercanias para o descanso da noite?

Ouvi as palavras de Séquia a me apunhalarem o peito. Seus olhos o traíam. Estava planejando roubar-me a mulher e depois matar-me, eu sabia; porém, como já tínhamos adiantado o passo e distávamos algumas milhas do vilarejo destruído, comecei a observar o céu: olhei-o cautelosamente e os primeiros raios do entardecer já anunciavam a noite. Era preciso concordar com o capataz.

Levantei meu braço esquerdo e imediatamente se aproximou Valadão.

- Vamos dormir aqui esta noite, prepare o acampamento.

Séquia sorriu maliciosamente. Fingi que nada vi.

- Eu também estou preparando alguma coisa para você, meu caro desgraçado - falei para mim mesmo.

Assim foi feito.

Enquanto as tendas eram armadas, algumas mulheres foram soltas a fim de preparar alguma coisa para se comer.

Encostei-me em algumas pedras à curta distância da minha escolhida e fiquei a admirá-la. Ela ainda estava na carroça com as crianças e não iria ser solta, pois era preciso que estivesse sendo vigiada o tempo todo. Os seis brutamontes permaneciam nessa tarefa.

- Como é linda! - falava comigo mesmo. Por instantes tive pensamentos de ternura, carinho, porém logo se apagaram.

Fiquei a pensar que ela passaria comigo a noite toda na tenda e a premeditar uma vigilância contra Séquia. Para isso, do lado de fiara, colocaria oito homens, os mais fortes e truculentos, para vigiar seus movimentos. Permaneceriam a uma distância segura a fim de não serem vistos. Escolheria um em particular e, quando Séquia se aproximasse para o seu golpe fatal, que seria a minha morte e a posse de Dámila, assim como o direito ao poder, visto ambicionar o meu lugar, seria morto impiedosamente. Isso significava: com crueldade.

Quando amanhecesse mostraria o que acontecia com todo aquele que tentasse acabar comigo.

12

O tempo foi passando. Comemos, bebemos, e fartamo-nos com as farras dos homens, as quais provocaram muitas gargalhada e também muitas lágrimas, mas estas por parte das infelizes mulheres. Dámila a tudo assistia, imóvel, ao meu lado. Nada deixava transparecer, exceto as lágrimas estancadas em seus olhos, lágrimas que teimavam em não escorrer pelo seu lindo rosto.

Com exagerado desejo, acrescido duma grande quantidade de bebida alcoólica, apertei seu braço em minha mão e puxei-a para dentro da barraca. Minha festança íntima iria começar.

Pata nós, brutos, que agíamos de acordo com os apelos dos instintos, o ato sexual era também um ato de dominação. As presas pois era assim que considerávamos as pobres mulheres - não reagiam, somente sofriam todas as espécies de humilhações e brutalidades.

Nós, os viris, fazíamos o que bem entendíamos. Respeito era uma palavra que não constava de nossos costumes.

Com muita bebida na cabeça e exausto pelo esforço, dormi profundamente.

Dámila, apavorada, humilhada, e envergonhada, pois na plena juventude de seus quinze anos não havia conhecido homem até então, chorava ao meu lado, procurando acalmar-se para poder encontrar uma possibilidade de fuga.

Em sua virgindade desejava casar-se com um dos camponeses de sua idade, pertencente à sua aldeia, com o qual e onde constituiria uma família e seria feliz.

Mas o destino assim não quis. Agora sofria a dor da separação dos entes queridos e a desventura de tornar-se escrava e amante dum animal bravio cujo nome nem sabia.

- Que desgraça!... Pelos deuses, que desgraça!...

Era tudo quanto poderia pensar. Não poderia dormir, precisava aproveitar a oportunidade do momento.

No auge de minha insensatez nem tive o cuidado de amarrá-la. Embriagado também por sua beleza pensei apenas no desfrute sem cogitar das medidas necessárias no trato com as escravas. Dámila poderia fugir.

Enquanto a pobre menina pensava no tormento da sua vida, Séquia se aproximava da tenda.

Lentamente o rapaz, bem mais astuto que Gráviu, pois mais jovem e mais sagaz, articulava suas intenções sabendo que poderia encontrar sentinelas que o aguardavam.

13

Observou bem e contou sete homens nas redondezas. Pensou rápido: "Se me aproximar serei visto. Aquele velho, burro, pensa que está lidando com qualquer um. Esqueceu-se que foi ele mesmo quem me ensinou tudo quanto sei? Aprendi também a pensar como ele, portanto sei exatamente a tática usada para me afastar da bela presa."

Séquia tinha razão. Desde tenra idade percebi ser ele uma criança muito vivaz. Seu olhar demonstrava para mim um brilho especial no qual identifiquei como sendo de bravura e liderança. Pensei: "Este será o meu herdeiro; ensinar-lhe-ei tudo quanto souber a fim de que siga meus passos. Será o líder quando eu partir."

Como não tinha filhos tomei esse garoto para mim. Sem reservas orientei-o quanto pude. No íntimo, porém, não confiava nem um pouco nele, talvez porque fosse exatamente como eu mesmo. Assim é. Entretanto quando o poder, a bebida, e a excitação sensual, estão ativados, perdemo-nos no excesso de desvario. O orgulho, demasiado em Gráviu, não previra que o seu dileto rapaz entendia muito bem o seu processo mental. Eis, portanto, a facilidade ofertada ao inimigo.

Séquia analisou muito bem a situação. Estudou o terreno e decidiu atacar cada sentinela pela retaguarda, assim não seria avistado pelas vítimas. Degolaria um por um.

Golpe planejado, golpe cumprido. Os sete vigias estavam mortos. Quando se preparava para levantar e seguir para a tenda onde os amantes dormiam, escutou um barulho e virou-se; era Dámila que, de semblante apavorado, tentava evadir-se. Num átimo Gômeri colocou-se à frente da moça, impedindo-a de seguir adiante.

Séquia, embora surpreso, sorriu. Gráviu fora mais astuto ao colocar outro vigia que havia passado despercebido pelo seu olhar atento.

Pensou: "Gráviu, seu imbecil! Esqueceu-se de controlar sua presa? Mas devo agradecê-la, pois, graças a ela, Gômeri se identificou e eu pude vê-lo a tempo de não ser morto por ele."

Enquanto Séquia ria sozinho Dámila chorava em desespero. Colocada para dentro da tenda pelo animal selvagem que a empurrava como um fardo qualquer, sentiu-se derrotada, completamente perdida, em suas aflições. Perdera a chance de se evadir e sua condição se tornara pior: agora estava amarrada e não tinha mais como escapar.

14

- O que será de mim? Como viverei escravizada, sofrendo as agressões de um homem tão bárbaro como este que dorme? Onde encontrarei alguém para me ajudar?

Gômeri, logo que colocou a moça em seu lugar e amarrou-a, voltou para seu esconderijo, aguardando a investida de Séquia. Este, no entanto, permanecendo em seu local tático, apreciava tudo com detalhes ao mesmo tempo em que planejava seus novos passos.

A vantagem do nosso audacioso rapaz era bastante expressiva. Gômeri, o qual apenas obedecia ordens, nem pensou na possibilidade de ser visto pelo inimigo ao sair rapidamente de seu posto sem tomar cuidado algum. Imaginara estar agindo de forma a agradar seu líder. Ledo engano.

Séquia não tinha pressa. Dominava toda situação. Agiria com tranquilidade, determinação, e seria implacável. A bela mulher lhe pertenceria e, com um pouco mais de calma, ainda poderia matar Gráviu.

- 'Ah, ah, ah, Gráviu, eu venci! Sou mais forte, mais jovem, mais astuto! Você é nada em minhas mãos!..." - Pensava.

Lenta, mas precisamente, saiu de sua toca e deu a volta por detrás das pedras onde Gômeri se encontrava e, com mãos firmes e certeiras, atirou sua adaga que ficou entranhada na garganta do homenzarrão. Gômeri, surpreso com a dor, tentou arrancar o objeto cortante, porém não conseguiu. O sangue jorrava da veia, sem dó, em golfadas. Séquia se aproximou e com outra faca terminou o ato violento, perfurando-lhe o tórax várias vezes.

Agora sim, livre dos olheiros, o jovem empertigou-se em seu orgulho e se dirigiu para a tenda. Passo antepasso parou e encostou seu ouvido no tecido para escutar atentamente os ruídos de

seu interior. Apenas Dámila chorava.

Vagarosamente levantou pequena fresta do tecido no chão e espreitou o lugar. Gráviu, estirado ao solo, roncava, totalmente dominado pelo sono e vapores da bebida. A mulher, sentada ao lado do amante, achava-se amarrada numa das pernas deste.

- "Será muito fácil arrebatá-la deste covil" - pensou novamente, com um sorriso de vencedor.

Para sorte do Séquia a jovem estava de costas para a abertura da fresta, facilitando assim o trabalho do ladrão.

Sem fazer barulho o assassino entrou e tampou a boca de Dámila. Esta, profundamente apavorada, escutou:

15

- Se ficar quieta, vou soltá-la. Não grite, siga conforme minhas ordens e estará livre deste brutamontes. Vai ficar calada? Posso confiar?

Dámila apenas balançava a cabeça, aturdida e cada vez mais apavorada. Sequer passaria pela sua mente desobedecer-lhe.

- Fique quieta e siga minhas determinações. Se não seguir o que eu disser pode ter certeza de que a matarei. Não vou correr nenhum risco por você. Fui bem claro?

Mais uma vez nossa menina apenas balançou a cabeça.

Hoje, relembrando esse fato tão deprimente, sinto-me muito pior do que um bárbaro. Sinto-me como se tivesse sido criado por um monstro e não por um Ser Infinitamente Amoroso, Justo, e Bom. Como pude agir de forma tão vil?

Tenho também a pesar em minha consciência esses tristes atos de Séquia, pois fora eu o responsável pelo seu treinamento de guerra desde quando era um menino.

Penso que poderão passar milhões de anos, mas o passado estará sempre presente em nós, pois não podemos ignorá-lo. Fomos o que fomos e só poderemos aliviá-lo através do Bem, porquanto não há limites para o exemplificarmos. Tudo quanto pudermos vir a fazer ainda será pouco para agradecer a Deus as oportunidades concedidas com a finalidade de remirmos nossos erros.

Os erros de 2.400 anos atrás interferem, até os dias de hoje, em minha vida.

Rapidamente Dámila foi solta. Esgueirando-se pela cabana os dois saíram pelos fundos. Gráviu nada percebeu, apenas gemeu ao se virar para o lado.

Séquia levou Dámila o mais longe que pôde, deixando-a so-

zinha numa gruta que lhe pareceu adequada para escondê-la. A jovenzinha tremia de medo, mais que de frio. Temia em demasia aqueles seres bárbaros sem distinção - pois para elas todos eram iguais. - Suas atitudes demonstravam acerbamente o quanto eram perigosos.

Aflita, temendo por sua vida, permaneceu calada.

- Fique quieta! Logo mais voltarei para pegada. Você não tem escolha. Depende agora de mim para socorrê-la. - E saiu com uma risada estentórea.

A pequena menina permaneceu imóvel.

16

Séquia desejava estar no acampamento quando Gráviu despertasse, deixando que a culpa caísse totalmente sobre os ombros de Gômeri.

Ao amanhecer Gráviu saiu de sua tenda cambaleante, procurando com os olhos e gritando por sua presa.

- Onde está a potranca que me pertence? Gômeri! Traga-me imediatamente o que deixou fugir! Onde está Séquia?

- Aqui senhor. O que deseja?

Com a cara mais ingênua possível, o sequestrador se apresentou como se nada houvera ocorrido.

- Gômeri! - Gritou, novamente, Gráviu.

Como o guarda não aparecesse, Séquia se apresentou como prestativo auxiliar.

- Poderei procurá-lo.

Gráviu, porém, desconfiava das atitudes de seu protegido. Intimamente sabia que o rapaz poderia estar lhe traindo, mas não tinha confirmação se isso era verdade nem como poderia ter acontecido.

Ao ver que Gráviu, atônito, não respondia, Séquia tomou a dianteira e propôs-lhe:

- Caro Gráviu, podemos juntos procurar Gômeri. Não sei o que está acontecendo; no entanto, se nos aliarmos, conseguiremos resolver o problema. O que acha?

- Isto não está me cheirando bem. Procurem à fugitiva! - Gritou para os seus comandados. - Quanto a você, Séquia, venha comigo. Preciso encontrar o desertor. Talvez ele mesmo tenha fugido com a minha escolhida.

Gráviu, agora, estava totalmente dominado pelo ódio por Gômeri. Acreditava que Dámila estava sendo submetida pelo

crápula.

Seus olhos, injetados de ódio, foram registrados por Séquia que, àquela altura da história, divertia-se com a desgraça de seu principal desafeto no momento.

- Vamos por esta trilha, Gráviu, talvez estejam um pouco mais adiante. Esta trilha está me parecendo bastante estreita para alguém em fuga seguida, despistaria muito bem uma possível perseguição.

17

Gráviu não percebera a sagacidade do rapaz. Somente se deu conta do engodo quando deparou com o monte de corpos empilhados à sua frente. Eram justamente seus sete vigias e, coroando o espetáculo, Gômeri, com o sangue a empapar-lhe as vestes.

- Maldito! Foi você! Mil vezes maldito! É agora mesmo que acabo com a sua raça!

Séquia ria em demasia.

- Seu tolo! Não percebeu que saiu de sua tenda completamente aturdido e não trouxe nenhuma arma? Você agora está em minhas mãos!

E, rápido como uma raposa, envolveu Gráviu e o amarrou com destreza. O hábil lutador, jovem e sagaz, dominou com vantagem 0 velho líder bêbado e desesperado. Este, imobilizado e jogado ao chão, apenas conseguia pronunciar impropérios.

- Eu lhe ordeno, solte-me imediatamente! Tudo quanto é deve a mim! Fui eu quem o treinou, quem o preparou para as lutas!

- Sim, foi você quem me ensinou tudo, porém não lhe devo obediência nos ditames do coração. Aquela rapariga é minha! Eu já levei-a para lugar seguro, ela me pertence - e ria-se a não poder mais.

Dominado, sem ter a mínima noção de como se libertar, Gráviu deixou-se ficar abatido, completamente inerte e derrotado.

- Ordene agora, seu velho odiento! Grite para seus guardas, comande suas pilhagens, caia na esbórnia. Digo-lhe em alto e bom som para que me ouça a plenos pulmões: eu lhe odeio! Eu lhe odeio desde quando era ainda criança e você abusava de mim! Nunca quis ser seu utensílio sexual, você me enojava! Tenho profundo desprezo por você!

Gráviu mantinha os olhos fixos no rapaz. Nenhum som emitia, contudo seu olhar demonstrava o quanto sentia-se vencido.

- Não vou matá-lo sozinho, vou oferecê-lo à turba dos jovens subordinados a você, todos humilhados, usados, e esfarrapados, por um velho demente que pensa deter o poder.

Nesse momento Gráviu demonstrou o pavor que o dominou.

- Não! Eu lhe proíbo! Solte-me! Você me deve obediência! Mas foram palavras sem sentido. Séquia estava determinado.

Com pulso firme o velho bárbaro foi levantado e empurrado para andar no sentido do acampamento.

18

Quando lá chegaram os homens estavam esperando o grande comandante voltar e, qual não foi a surpresa de todos ao perceber que este vinha amarrado como prisioneiro subjugado.

O jovem, aguerrido, sem mais delongas anunciou logo que a partir daquele momento era ele o chefe e que aquele a quem odiavam estava à mercê de todos.

- A festa inicia-se agora! O prato do dia é este homem que a todos nós espoliou, agrediu, e abusou de diversas formas. Sei, porque ouvi de muitos aqui, o imenso desejo de matá-lo. Agora é a hora! Porém, antes, vamos nos divertir! Tragam uma roupa de mulher e vistam-lhe, ele irá nos servir como muitas vezes se serviu de todos nós.

A turba gritava, ria, zombava.

Gráviu não temia a morte, mas aquela situação ridícula o atemorizava.

- Parem, estou ordenando! Ninguém pode tocar em mim! Se muitas vezes fiz de vocês meus prazeres sexuais, foi para torná-los mais fortes. Não podem agora me usar como as presas são usadas.

Ainda no desespero, quando vários o agarraram e rasgaram suas roupas e pele, ouviram-no gritar:

- Sou Gráviu! O grande poderoso! Todos vocês me devem...

Todavia suas palavras se perderam no ar, tal a agressividade da turba ensandecida. Em poucos momentos o corpo, sem atividade, foi largado em meio ao acampamento.

Séquia, tão logo entregara o algoz a seu séquito, saiu célere em busca da prenda conquistada. Quando retornou deparou-se com o corpo de Gráviu ainda exposto e, imediatamente, mandou retirá-lo.

A vida para aqueles homens seguiria normalmente, enquanto para mim novas chances de domínio se apresentavam.

Desencarnado de forma tão violenta estive perturbado por longos e dolorosos anos.

Não sabia onde me encontrava, a ninguém reconhecia, as paisagens eram-me estranhas, e parecia que andava em círculos.

Dores atrozes me atormentavam.

As facadas, os murros, e as esfoliações, deixaram parte do corpo em carne viva e atormentavam-me sobremaneira.

Ao final do trigésimo ano de vida espiritual - hoje sei - alguns companheiros errantes como eu começaram a se aproximar de mim, falavam-me algo, e logo se afastavam.

19

Aos poucos fui me deixando envolver pelas perguntas: respondia-lhes alguma coisa e seguia em frente; de outras vezes parava e também perguntava:

- Onde estou?

- Morto, como todos aqui.

- Como assim, morto, se ainda consigo me sentir vivo?

- É isto, morto mesmo!

E prosseguia adiante.

Não podia compreender a situação. Fortes e persistentes dores na cabeça atormentavam-me e deixavam-me em torpor.

Um dia, sem que esperasse, fui apanhado e violentamente arrastado. Tentei reclamar, porém o movimento foi tão rápido que quando dei por mim estava em uma ampla sala que parecia encravada no meio da rocha. Muitos estavam em volta, mas eu, no entanto, encontrava-me no centro da roda.

- Até que enfim retornou à sua realidade! - Disse-me um homem com pele grossa, cabeça que se alongava do pescoço, olhos enormes, pés e mãos descomunais, mais se parecendo com um lagarto.

- Onde estou? Que faço aqui? Sou Gráviu, chefe de uma tribo.

- Cale-se! - Elevou a voz o tal homem, sem me deixar completar a frase.

- Sei quem é, ou melhor, quem era. Aqui você é apenas mais um escravo, aqui você é nada! Poderá vir a ser algo se respeitar as regras e me obedecer sem ressalvas.

Compreendi que tinham me tomado como refém. Mas de qual luta? Não me recordava.

- Não está aqui porque perdeu uma luta; vamos refrescar sua memória.

Não sei explicar como, mas o fato foi que imediatamente lembrei-me do ocorrido com Séquia e com todo bando.

- Isso mesmo, Gráviu, faz 30 anos que isso aconteceu, porém esperamos você sair do desvario em que se encontrava. Agora sim, pudemos trazê-lo para nos auxiliar no trabalho que temos.

- Pode dizer-me onde estou?

- Você está no poderio de Astúrio, eu, em pessoa. Comando um exército de espíritos-escravos que para mim trabalham. Dominamos uma boa parte da Terra. Sabemos usar dos sortilégios da obsessão e, assim, dominamos a grande massa de encarnados que perambulam pelas terras habitadas.

- Não estou compreendendo. Você está...

20

Uma estrondosa bofetada fez-se soar em meu rosto.

- Para você, quanto para todos aqui, sou o senhor, o todo-poderoso. Não se dirija a mim desta forma! Diga o senhor, sempre?. Você é meu escravo, não o contrário.

- Sim..., senhor.

Para mim aquilo seria uma tortura, pois estava acostumado a mandar e ser obedecido. Nunca tratara ninguém por senhor, meus subordinados é que me diziam senhor! Como agora este ser abjeto me ordenava...

Nova bofetada.

- O que foi agora? Nada disse!

- Mas pensou! Acha que não sei dos seus pensamentos? Aqui sou o rei, domino todas as técnicas, seu imbecil! Obedeça e estamos conversados. Como punição ficará uma semana no calabouço.

Tentei argumentar, contudo foi em vão. De pronto fui arrastado para baixo daquela sala. Quanto mais descia mais estranho 0 ar se tornava. Senti-me sufocar por alguns momentos. Não aguentei. Desmaiei.

Quando acordei estava preso em uma cela. Meu corpo, já dilacerado, doía atrozmente. Não tinha forças sequer para falar. Não sei dizer por quanto tempo fiquei acordado olhando para o teto daquela insuportável celinha.

- Você aí! Levante-se! O Chefe mandou lhe chamar. Sem responder tentei me levantar. Impossível.

- Vamos! Não temos o dia todo! O Chefe não gosta de esperar.

Tentei novamente, todavia não consegui.

- O que é que há? Não posso perder meu tempo com você!

- Não consigo! - Falei, por fim.

- O quê? Seu molenga! Precisa de uma paulada para despertar!

Imediatamente uma pancada me atingiu. A dor, insuportável, quase me fez desfalecer, mas não tive tempo de reclamar pois novo golpe foi desferido. Perdi os sentidos.

Alguns dias se passaram até que novamente vieram me chamar. Dessa vez, no entanto, abriram a cela e dois brutamontes me retiraram. Seguimos por vários corredores e subimos alguns lances de escada.

- Ora, ora!... O grande Gráviu foi abatido! - Riu-se o tal Astúrio. Deixem esse aí e saiam, quero conversar a sós com a presa.

listava tão fraco e abatido que não conseguia ficar de pé. A 1 abeça rodava e por pouco não desfaleci novamente.

21

Reaja, homem! E um lutador ou um fraco, como aqueles ditos homens pacíficos? Vamos à luta! Temos muito que conquistar!

- O que quer de mim?

- Vou explicar.

Uma longa conversa seguiu-se então. Astúrio informou-me que nos encontrávamos no Reino das Trevas. Lembrou-me do passado mais longínquo, das minhas várias peregrinações pela barbárie. Percebi, com alegria, o despertamento da minha memória, e fui me sentindo poderoso, pois sempre fora um homem violento.

- Você é um bom matador, por isso está aqui. Desejo que trabalhe para mim com a mesma garra. É necessário continuarmos a luta. Escutamos algumas informações de que o tal Cordeiro vai chegar dentro em breve e precisamos nos apressar. Ele não poderá vencer.

Eu estava deslumbrado.

- Preciso de homens valorosos como você, dispostos a levar nossa causa até o final! Nosso exército precisa estar treinado e fortalecido!

Não podemos perder tempo, só a destruição nos interessa! É preciso que o medo se espalhe, que as atrocidades se agigantem, que o pânico se estabeleça, para vencermos sempre.

Eu apenas escutava embriagado pelas palavras de incentivo à brutalidade, ao domínio, ao poder.

- Tudo deverá estar muito bem planejado para não termos contratempos. O Mal deve dominar! A ordem é conquistarmos o maior número de almas possível para que estejam sob nosso mando e não se percam na ilusão da felicidade. Temos muito a fazer. Começar agora é a nossa prioridade. O que me diz, Gráviu?

- Bem..., não sei... - Estava atônito.

- Não sei o que dizer. Quando cheguei fui tratado como um escravo condenado, mas agora me propõe trabalho em parceria...! Não...

- Não é uma parceria, você trabalhará para mim, seguirá minhas ordens.

- E se eu não aceitar? Astúrio riu.

- Não seja tolo! Sabe muito bem que posso destruí-lo a qualquer momento.

- O que ganharei com esse trabalho? Risada novamente.

- É bem o Gráviu!... Arrogante, orgulhoso, sempre querendo estar por cima da situação! Melhor assim.

22

- Então?

- Preciso do seu trabalho exatamente porque você é essa personalidade irritante. Será meu braço direito! Terá o privilégio de desfrutar do poder sobre meus homens, cumprindo minhas determinações. O que acha? - Aceito.

Acabávamos de selar uma aliança que perduraria por muitos séculos.

Dediquei-me de corpo e espírito à tarefa estabelecida para mim. Mesmo sob as ordens de Astúrio comecei a impor o meu próprio regime e, com o passar dos tempos, fui conquistando a confiança total do grande, poderoso, Chefe.

As atrocidades sob meu comando se sucediam umas às outras com tal ímpeto de violência que muitas vezes assombravam o próprio Astúrio.

Eu era implacável, nada deixava passar. Torturava com requintes de crueldade, instigado pelo prazer. Comecei a ser conhecido como O Satânico das Trevas. O prazer aumentou muito e, com ele, também a crueldade.

E assim fui seguindo até o nascimento de Jesus.

Nessa época as coisas pioraram para nós, pois pairava no ar uma onda de bondade, uma certa euforia para o Bem - isso do lado dos encarnados. - Dentro do nosso poderio houve também algumas perdas - sei, agora, que alguns dos nossos escravos foram retirados através da intervenção dos Trabalhadores-Seareiros do Cristo.

Não dei a mínima importância para esses fatos, pois o meu serviço continuava a todo vapor.

Um dia, pelos idos do final do século I, Nefros, meu capataz, chegou com uma leva de prisioneiros retirada dos escombros de

uma fortificação em outro vale das trevas onde eu havia pedido uma interferência, considerando ser sempre preciso conquistar mais e mais escravos para nossa causa.

Também deste lado as conquistas continuam. Os grupos trevo-808 lutam entre si para conquistar poder e territórios, dominando constantemente os mais fracos.

Pois ocorreu que naquele dia Néfros trouxe muitas mulheres.

No primeiro momento fiquei profundamente irritado, porquanto as mulheres só serviam para o sexo, enquanto precisávamos de homens para as lutas.

23

Dificilmente as mulheres recebiam incumbências diferenciadas porque sempre faliam quando as colocávamos em tarefas de espoliação dos outros. Elas só se preocupavam com traições amorosas e conquistas sexuais. Para nós as mulheres tinham trabalho muito restrito e de menor qualidade.

- O que pensa que está fazendo, Néfros? Onde acha que vai colocar tanta mulher? É só o que tem para apresentar? Cadê a massa significativa de homens para nós?

- Senhor Satânico das Trevas, eu também apa...

- Cale-se! Vocês aí - falei apontando alguns escravos guardadores das celas! - Levem este imbecil e coloquem-no na roda da tortura**(4)!**

- Por piedade, grande-poderoso! Não faça isso!...

-Já lhe mandei calar! E vocês, tolos, o que estão esperando?

Néfros tentou o quanto pôde evitar as investidas dos subordinados; porém, quando estava chegando ao fundo do salão, gritou-me:

- Senhor! Olhe com atenção! Trouxe-lhe algo especial! Deixe-me mostrar o que lhe trouxe como presente! Lembra-se de sua amada Dámila?

Quando esse nome foi pronunciado, estanquei os açoites e ordenei:

- Tragam-no para cá, venham até mim!

Os guardas, estupefatos, soltaram Néfros e este, num salto, aproximou-se duma jovem mulher esfarrapada, olhar perdido, faces desgrenhadas e, num impulso, colocando-a para frente das demais, apontou-a:

- E esta a sua preferida!

Como eu ficara perplexo, Néfros continuou a tagarelar, sabedor

do troféu que havia apanhado.

- É ela mesma! Estava servindo ao Chefe do lugar invadido.

Está um pouco acabada, mas é ela mesma, tenho certeza!

4 -Nessa roda amarravam-se, esticados, todos os membros da criatura e depois, com movimentos rotativos, eram retesados até o ponto de rompimento. Muitos chegavam a perder os braços e as pernas nesse suplício (N.R.).

24

Esteve reencarnada até quatro décadas atrás mas é ela mesma! Veja o senhor mesmo!

Automaticamente aproximei-me da moça. Meu coração disparara. Tremia ao mesmo tempo em que fazia a rememoração dos acontecimentos.

Em todos esses cinco séculos de separação eu me havia esquecido totalmente dela e dos acontecimentos distantes nos quais Séquia me atraiçoara.

Agora toda emoção, todo ódio, contra ele, mas toda ternura pela mulher desejada, voltavam com forças totais. Como não estava preparado para isso, sofri um profundo baque. Por pouco não desmaiei.

A cena poderia passar despercebida não fosse o fato de ser eu o grande surpreendido.

Todos os meus asseclas me olhavam, espantados. Não demorou muito e Astúrio chegou.

- Mas o que está acontecendo aqui, Gráviu?

Não me dei conta de quem estava na imensa sala, apenas o nome, Gráviu, fez ressaltar as íntimas emoções do momento. Demorei a responder.

- Gráviu! Está surdo? Mantenha-se atento!

Como robotizado busquei olhar para o autor de tais gritos. Vendo a figura de Astúrio imediatamente lembrei-me da posição de mando em que me encontrava: era o *Grande Satânico das Trevas*. Um pouco envergonhado comecei a dar ordens desconexas.

- Cale-se! Todos vocês: prendam este bando de mulheres inúteis nos porões e voltem para suas atividades normais ou serão supliciados pelos erros aqui registrados. Quanto a você,

grande sonhador, venha comigo - determinara Astúrio.

Segui calado e, devo confessar um pouco temeroso, em parte por mim e muito por Dámila. Eu precisava resolver bem a situarão com o Chefe para ir ter com a mulher amada e poder separá-la, dando-lhe uma boa estadia ao meu lado naquele lugar. Ela teria minha rainha, a mesma posição que há séculos desejei lhe dar, mas o traidor Séquia roubou-ma.

A sós, Astúrio foi implacável:

25

- Como você se deixa levar por uma reles escrava? Não percebe que, deixando-se levar pelos seus comandados, poderá pôr a perder toda nossa empreitada? Os homens precisam duma postura rígida! Estou decepcionado! O que acha que devo fazer com você?

- Perdoe-me, grande senhor! Confesso haver ficado um pouco aturdido, mas já iria colocar ordem quando o senhor chegou.

- Não foi o que me pareceu.

- Novamente peço-lhe que entenda o momento, porém estou completamente lúcido. Apenas pensava em ter uma mulher especial para o meu deleite, já que ela foi minha escolhida. Por outro lado devo lembrá-lo que meus serviços neste lugar são bem eficazes, não havendo qualquer preocupação da sua parte há muitos séculos. Cumpro nossa aliança desde o princípio.

- É, acho que desta vez vou deixar passar. Afinal, de momento, não tenho ninguém melhor. Mas devo lembrá-lo também que, se houver outro deslize, então não haverá aliança capaz de reter meu ódio.

- Feito.

Renovadas as aliança e minha segurança, voltei-me imediatamente para Dámila. Fui até a prisão, procurá-la. Encontrei-a, num canto, com o mesmo aspecto anterior: olhar perdido. Falei com ela, chamei-a pelo nome, porém não esboçou nenhum sinal. Retirei-a da cela, mas não houve reação da jovem amada, apenas obedeceu-me automaticamente. Estava robotizada.

Os dias se passaram sem diferenças significativas.

Mais de três meses depois Néfros veio ter comigo. Avizinhou-se devagar e, quando estava bem perto, disse-me:

- Senhor, tenho uma receita que poderá ajudar sua amada a

ficar bem. Gostaria de lhe falar a respeito.

- Você? Acha que poderá ajudar minha amada?

- Sim; tem aqui mesmo, dentro destas catacumbas, uma escrava que vi, outro dia, misturar alguma coisa em suas mãos e dá-la ao Cinésio, um dos nossos vigias, quando este se achava muito doente. Ficou bom. O que acha de chamá-la?

- Quando isso aconteceu? E como você não me informou sobre tal ousadia? Quem é ela? Quero que a puna imediatamente!

- Não lhe falei nada porque vi que o nosso camarada ficou sadio novamente.

- E ele? Como está? Quero vedo imediatamente.

26

Depois de um tempo Cinésio chegou. Diante de um interrogatório apenas disse que não conhecia quem o curara. Disfarçou, aparentando falta de interesse em procurar a causa da melhora. Unicamente sentiu-se melhor e pronto.

Ingenuamente aceitei a resposta; porém, somente agora fiquei sabendo que Cinésio, assim como Safira, eram Trabalhadores do Bem. Disfarçaram-se a fim de ajudar as Equipes Socorristas a resgatai espíritos merecedores de ajuda.

- Está bem. Quero que tragam essa mulher para ver Dámila.

Assim foi feito.

Safira trouxe umas pequeníssimas porções de ervas e as aplicou nos lábios de Dámila, depois esperou que esta as engolisse.

- Como você possui este negócio aí?

- São ervas com poderes curativos, colhidas antes de sermos escravizadas. Morávamos noutras paragens, mais na superfície, beirando a crosta, e por lá pudemos encontrar um pouco destas ervas. Aqui embaixo, mais no centro da Terra, é que nada temos paia aliviar as dores. Estou, agora, com pouquíssima quantidade, c gostaria de pedir permissão para ir buscar m...

Nada disso! Não tem permissão! Seu único problema é curar Dámila! E só! Também a proíbo de ficar aliviando as dores dos prisioneiros. Se desobedecer, mandarei açoitá-la. Aliás dê-me tudo que carrega consigo; agora me pertence e eu mesmo aplicarei em minha amada.

Safira, sem se alterar, entregou-me o potinho vazio.

- Como! O que é isto? Está vazio?

- Sim, senhor. Como lhe disse, preciso de permissão para buscar mais.

- E Dámila? Se esta coisa não funcionar, como irei curá-la?

- É o que lhe digo, senhor: caso não funcione da primeira vez, precisaremos subir para buscar mais e...

- Chega!... Vamos aguardar. Saiam todos, quero ficar a sós.

Néfros se encarregou de despachar os dois escravos para o retorno ao trabalho, porém deixou-os seguir sozinhos, permitindo-lhes a oportunidade de conversar.

- Muito bem, Cinésio, sabemos que a moça não vai se recuperar. Precisaremos de uma boa dose de esperança para levarmos até à crosta a nossa Dámila, acompanhada por Gráviu. As determinações são de encontrarmos os Caravaneiros acampados no Umbral próximo e de promovermos uma conversa esclarecedora com Gráviu, a fim de ser providenciada uma nova reencarnação para o nosso irmão.

- Sim, Safira, os planos estão bem colocados em minha mente. Todavia só não entendi o porquê de quererem proteger esse malfeitor, dando-lhe uma nova reencarnação!

- Os desígnios de Deus são claros: faz-se necessária a oportunidade de evolução. Sua mãezinha(**5)** tem orado muito e pedido aos nossos maiores para que lhe seja dada uma nova existência na carne para que Gráviu comece a se ajustar.

- Ah!... É através de sua mãe, extremada no amor sincero, de quem ele está recebendo ajuda?

- Sim, Cinésio, e nós estamos na frente de batalha com a finalidade de promover esse encontro fora desta fortificação. Néfros, sem saber, levou Dámila que está sendo, também, um elo de ligação, contudo, do mesmo modo, sem saber.

- Dámila, então, é a isca?

- Não é bem assim, Cinésio, Dámila estava escravizada noutros sítios umbralinos. Respondendo aos imperativos de sua afinidade, deixou-se envolver por falsos prazeres sensuais com Séquia e, portanto, estaria nas mãos de Néfros de qualquer forma.

5- Não se trata de Casmira, mas sim doutro espírito que foi, na Terra, sua primeira genitora. E dela que Safira está falando, e saberemos seu nome logo a seguir. Naquela sua primeira encarnação Hugo se chamava Justhiff, e sua mãe já era, na

ocasião, um espírito de mediana evolução. Contudo, por um imenso amor maternal pelo filho de antanho, optou por deixar de viver em seu planeta de origem, que se encontrava sendo promovido a mundo de regeneração, e mergulhou neste, seguindo-o (N.A.).

28

Apenas estamos tirando algo positivo de uma situação negativa. Ela também será ajudada pela misericórdia divina.

- Que bom! Sinto-me feliz em saber que nossa irmãzinha também poderá sair deste inferno.

- Então continuemos com os nossos afazeres dos quais eles não poderão suspeitar de nada, senão estaremos em apuros e o plano fracassará.

No dia seguinte mandei chamar a incompetente Safira.

- Dámila está ligeiramente melhor, o que significa que suas bruxarias não funcionaram. O que me diz agora?

- Como lhe disse senhor, não há o que fazer a não ser subirmos, ir até o local onde vivíamos e retirar esta ervinha. Não há outra saída.

- Não confio em você. Mandarei açoitá-la antes de resolver o que vou fazer.

- Um momento, por favor - Safira não demonstrava nenhum temor, mesmo diante da ameaça de Gráviu -, penso em não ir só, 0 senhor mesmo e Dámila poderiam ir juntos. Creio que se ela comesse da erva retirada das entranhas da terra isso implicaria numa melhor absorção e, portanto, num efeito mais eficaz.

- Que me diz?

- Perdão, peço-lhe novamente, porém de forma alguma estou tentando trapacear. Acredito que ela está debilitada por demais e uma dose tão pequena pode não lhe fazer efeito. Aconteceu já, cm outras ocasiões, não podermos obter o êxito desejado.

- Pare de falar, mulher! Vou pensar no que fazer. Levem-na paia o calabouço.

- Devemos açoitá-la, *Grande Satânico das Trevas*?.

- Ainda não, Néfros, apenas aprisionem-na. Depois verei o que

farei. Agora estou deveras preocupado, preciso pensar.

Eu estava num dilema. Não sabendo exatamente como agir, parecia que o mundo caía sobre minha cabeça e ombros. Fui Olhar Dámila, deitada em meu próprio catre.

Como era linda minha amada! Quanta beleza estava escondida, aliás, daquela aparência depauperada! Quanta tristeza podia pen tini nos olhos inertes de quem tanto amava!

Será que estava fraquejando? Nunca antes me sentira como agora, jamais pensara em dedicar tanta atenção a quem quer que seja! Sentia-me diferente como se uma onde de felicidade invadisse todo meu ser, hoje sei que nesse momento apenas uma pessoa poderia influenciar-me, Ismernia, minha mãe.

Mas imediatamente abandonei esses tolos pensamentos. Era preciso retornar à realidade. Como o Grande Satânico das Trevas poderia se deixar levar por sentimentos tão ultrajantes? Eu era forte, poderoso, invencível. Inconcebível deixar-me abater por tão pouco. Era preciso reagir. Porém, Dámila, ali jogada ao catre, abatia-me o ânimo. O que fazer?

Naquela noite não dormi. Os pensamentos conturbados, as emoções desgovernadas, o ímpeto de largar tudo e acudir Dámila, eram maiores que tudo o mais. Por fim amanheci vencido. Iria procurar Safira e, juntos, encontraríamos o temédio para alegrar a vida daquela joia.

Um pensamento de ódio perpassou minha mente: Astúrio não poderia saber apenas Néfros seria informado dos meus passos. Ninguém iria comigo, ninguém saberia. Tudo estaria resolvido dentro de algumas horas.

- Néfros, eis as determinações, siga-as à risca! Se eu não voltar dentro de dois dias, reúna uma tropa e saia para me procurar. Mais uma vez informo-lhe: ninguém precisa saber.

Assim foi feito e seguimos: Safira, Dámila, e eu.

Quando me vi fora das edificações em que vivia há cinco séculos um mal estar me acometeu, era como se alguma coisa de ruim estivesse me atingindo, porém segui resoluto. Não tinha a mínima ideia daquele súbito mal estar ser apenas o pressentimento do encontro com minha adorada mãe.

Sem que eu soubesse a Caravana do Bem nos aguardava na porta de saída da caverna. De imediato Safira indicou-me o caminho. Seguia-a bem de perto, pois havia colocado em seus pés uma corrente para que não fugisse, tal como também passei-a nos pés de Dámila e no meu. Éramos inseparáveis, não poderia

de forma alguma correr nenhum risco.

Lentamente seguimos por lugares lúgubres. Grupos de indivíduos eram avistados ao largo; alguns gritavam impropérios, outros pediam ajuda, enquanto outros apenas nos olhavam.

Nada disso, todavia, atingia-me. O foco do meu propósito não me permitia diminuir a marcha, muito menos parar por quaisquer motivos que fossem.

Algumas horas depois Safira disse:

- Chegamos, é aqui. Veja aquelas mirradas ervas bem ali, incrustadas na terra ressequida, vou apanhá-las para que nossa Dámila as mastigue.

30

Como estivesse atada a nós, Safira solicitou-me que soltasse e colocasse Dámila recostada no barranco para descansar. Tinha sido uma caminhada longa e a pobre moça apresentava sinais de desfalecimento. Mesmo sustentada por mim precisava de um bom descanso.

Olhei bem ao redor, descansei Dámila em solo firme, soltei as correntes dos seus pés, dos meus e, depois de observar bem, soltei Sal ira. Esta imediatamente colheu as poucas ervas do lugar e as deu para Dámila.

- Agora é preciso aguardar um pouco para verificarmos o resultado. Caso ela não melhore, precisaremos procurar mais ervas.

Algum tempo se passou, porém não sei precisar quanto. Uma luz distante começou a se aproximar e alguns passos começaram a ser ouvidos. Como reação levantei-me de pronto e postei-me em frente de Dámila para protegê-la.

- Quem vem lá? Identifique-se ou atiro**(6)**sem pestanejar!

Mal acabei de falar e um grupo de quatro pessoas já se encontrava postado à minha frente. A luz era tanta que parecia cegar-me. Distingui três homens e uma mulher, no entanto esta se achava mais atrás, afastada uns dez passos.

- Quem são e o que querem? Sigam o caminho de vocês que eu seguirei o meu sem nenhuma contenda; no entanto aviso-lhes que, se fizerem qualquer movimento estranho, destitui-los-ei.

- Calma, meu amigo, viemos em paz; nada pretendemos fazer para prejudicá-lo nem tampouco às suas companheiras.

- Então sigam, já estou também de saída!

- Vejo que sua companheira está doente e podemos ajudada - falou calmamente o mais velho dos homens.

- Não cheguem perto! Já está medicada! Eu cuido dela!

- Não tenha receio, estamos em missão de paz. Apenas gostaríamos de descansar um pouco e conversar com você, Gráviu.

- Como sabem o meu nome? Quero dizer, não é este o meu nome!

- Gráviu foi o seu nome na última romagem pela Terra. Sabemos que agora todos lhe chamam de Grande Satânico das Trevas.

6- Atiro com uma arma de lançar dardos envenenados (N. A.).

31

- Quem são vocês para interferirem assim na minha vida?

Embora eu fosse um Chefe respeitado nas Trevas, ainda ,era muito ignorante das Leis Divinas, misericordiosas. Astúrio, muito sabiamente, não me informou muita coisa, apenas o essencial para que eu pudesse representá-lo nas contendas e ampliar, assim, o seu império, contudo sem desenvolver minha capacidade de raciocínio. De modo que, nada sabendo dos desdobramentos da mente espiritual, julgava que o poder estivesse somente conosco.

- Meu filho querido, baixe sua guarda.

- Fique longe! Quem é você e o que pretende me chamando de filho? - Jamais passaria pela minha cabeça que aquela mulher fosse minha mãe.

- Meu filho, não me reconhece? Preste atenção, olhe bem para mim!

Fiquei um bom tempo a observá-la, não obstante minha mente estava vazia. Nada me fazia recordá-la. Percebi que, internamente, tremia. O que estaria acontecendo comigo?

- Não tema - continuava a mulher de semblante calmo e sereno a me falar -! Venha, meu filho, precisamos conversar.

Dámila gemeu. Olhei para ela e a vi levantando-se.

- Minha amada! Como está?

Mas num gesto de repulsa logo se afastou. Insisti, porém a moça mais se afastava. Nervoso, gritei:

- Dámila! Fique aqui, perto de mim, que é o seu lugar!

Mais ainda a moça se afastou. Num movimento rápido virou-se de costas e começou a correr, fugindo aparvalhada.

Automaticamente corri e, estendendo meus braços, agarrei-a com muita força.

Olhos nos olhos, ela apenas chorou.

Tocado em meus sentimentos, afrouxei as mãos. Estava dominado pela emoção. Ismernia aproveitou a oportunidade e se aproximou, envolvendo Dámila com elevado carinho.

Pasmo, eu apenas olhava e, aos poucos, fui me deixando envolver como criança pelo olhar meigo de minha mãe.

Quem é você que parece ter um imenso poder sobre mim?

Recorde-se, meu filho, sou Ismernia, sua mãe. Mal podia crer. Meus olhos viam, meus ouvidos ouviam, meu coração sentia, porém eu não podia acreditar.

32

- É tudo um embuste! Deixem-me! - Apontei para Dámila e disse lhe: Ela é minha! Safira, vamos! Você também é minha. Estamos em perigo!

Desesperado e também confuso tentei retirar Dámila dos braços envolventes da mulher que produzia em mim um fascínio desconhecido. Tudo em vão. Aos poucos fui perdendo as forças e quedei-me, estatelado, no chão.

- Não posso crer! É a senhora mesmo, minha mãe?

- Sim, meu amor, sou eu. Venho buscá-lo para você enfrentar uma nova existência, Gráviu. Meu filho, a oportunidade do reajuste se faz necessária. Há séculos está fugindo da Lei Divina. Compreenda minha criança, que o Mal não existe. Você é um filho de Deus e precisa se reencontrar trabalhando na própria melhora.

Eu apenas ouvia calado, dominado pela emoção. Sentia-me, realmente, como criança muito pequena ainda.

- Ouça-me, deixe-se entregar à misericórdia divina. Cuidarei de você e de sua amada. Renascerão para uma vida juntos, fortalecendo o amor que existe entre ambos. A misericórdia do Pai é infinita.

Nada mais ouvi, perdi os sentidos.

Fui levado pelos Irmãos Socorristas para uma Colônia-Es-cola onde iria ser tratado e começaria a me preparar para uma nova reencarnação.

Minha mãe seguiu para a Terra alguns anos antes com a tarefa de organizar o lar onde eu renasceria. Novamente seria minha genitora a fim de me conduzir pelo caminho do amor onde poderia despertar em mim a vivência do Bem.

Dámila renasceria em família próxima, casar-nos-íamos, e eu

exemplificaria o amor profundo que por ela sentia.

Os anos se passaram e eu, internado na Colônia, deixei-me levar. Não estava totalmente de acordo com o rumo que as coisas tomaram, porém a esperança de viver com Dámila e o desvelo de minha mãe foram as bases definitivas para que eu aceitasse .

Renasci na segunda metade do século II de nossa era, em Roma.

Fui recebido num lar cristão, numa família descendente de judeus. Minha educação, conduzida por Sara, minha mãe, tinha por princípio os ensinos de Jesus.

33

Éramos muito pobres. Vivíamos em aldeias onde o pastoreio era a empreitada principal para o sustento das famílias. Meu pai, um pastor de alma boa, não influenciava muito em minha educação, já que não era muito simpatizante das ideias daquele Messias, principalmente por causa da grande perseguição movida contra os cristãos na época**(7).**

Poucas pessoas sabiam quem eram os cristãos, pois os encontros destes eram sempre predeterminados e em lugares ermos, justamente para não despertar as iras dos dominadores. Embora o esforço de minha mãe fosse grande, eu não lhe correspondia.

Era rebelde, odiava todos os habitantes da aldeia e, sempre que surgiam as oportunidades, demonstrava-lhes todo meu furor. Assim sendo vivia a brigar com os meninos e rapazes. Minha vontade era a de recrutar alguns companheiros para sair à caça dos cristãos e acabar com eles. Em meu íntimo o ódio era mais lorte do que o amor.

O tempo foi passando e eu em nada retribuía o desvelo de minha mãezinha querida.

- José, meu filho, deixe de tanta teimosia! Por que não se dobra aos ensinos do mestre Jesus?

Eu nada respondia. Em meus pensamentos esses ensinos não surtiam efeito.

Uma noite na qual os cristãos estavam reunidos discutindo o Evangelho, um alvoroço logo foi estabelecido: alguém havia denunciado a assembleia. Os romanos, com toda fúria, chegaram e arrastaram os cristãos para fora. Houve muita gritaria, muitas mortes atrozes, inclusive a de minha mãe.

Eu me deliciava com as cenas. Porém, quando vi minha mãezi-

nha ser arrastada por um brutamontes, gritei:

7 -O período difere um pouco entre os historiadores, mas a perseguição aos cristãos teria começado em 64, em Roma, quando o imperador Nero os acusou de haverem incendiado 10 dos 14 bairros daquela capital, e foi encerrado em 313, pelo imperador Constantino I, O Grande, com o célebre Edito de Milão, o qual legalizou o Cristianismo. Somente em 380 o imperador Teodósio I, também cognominado O Grande, tornou o Cristianismo a religião oficial do império (N.R.).

- Ei, você! Esta mulher não! Eu pedi para pouparem minha mãe!

- Deixe disto, judeu imundo! Acha que manda em mim? Nessa hora o olhar de minha mãe marcou o resto da minha existência, pois foi olhando para mim que ela sucumbiu aos golpes recebidos.

Por muitos dias**(8)** perambulei perdido, através dos campos desertos: minha mãe morrera sabendo que fora eu o delator. Angústia, ódio, desengano, desespero, eram as emoções vivenciadas por noites e noites.

- Deixe disso, seu tolo, você cumpriu o prometido - ouvi nitidamente.

- Quem está aí?

- Sou eu, lembra-se? Astúrio.

Não, não me lembro de nenhum Astúrio! Deixe-me em paz! Onde você está?

- Seu tonto! Não pode me ver! Você tinha uma aliança comigo mas quebrou-a, agora é tempo de reavê-la e você me deve isso. Lute contra o Cristo, você me deve isto.

- Deixe-me em paz! - Segui gritando como enlouquecido.

Alguns dias se passaram e resolvi abandonar tudo, mudar de região e começar uma nova vida. Enraizara-se em mim o ódio pelos cristãos. Em meu entendimento a culpa pela morte de minha mãe fora essa religião comandada pelo tal Jesus. Morte a todos eles, decretei. Nem de longe minha consciência me acusava, pois, afinal, fora o delator. Caso tivesse me calado, talvez minha mãe ainda estivesse viva.

Esquecidas, enterradas em meu íntimo, estavam as promessas feitas antes de reencarnar, inclusive a do meu compromisso com

Dámila.

Meu destino se concretizaria em Roma. O poder da cidade imperial me ofuscava. Era lá que eu me tornaria um vencedor. Meus orgulho, prepotência, e ilusão, eram ativados pela influência nefasta de Astúrio que não me perdoara pelo abandono da aliança com ele. Agora tudo faria para obter através de mim a conquista da derrota cristã.

8- Dez dias (N.A.).

35

Mais uma vez eu me comprometia com as Trevas, mais uma vez deixava o orgulho e a cobiça, pelo poder, falarem alto em minha consciência. Como me enganei como estava iludido!...

Depois de vários tropeços chegue-a no submundo, afinal pertencia também à escória humana. Não tinha escrúpulos de nada: matava, roubava, assediava, ludibriava, tudo conforme minhas conveniências.

Aliei-me a um grupo de soldados romanos e a minha parte consistia em delatar cristãos. Como era um rapaz comum ninguém desconfiava de mim. Fazia-me de bom moço, caía nas graças das mocinhas ingênuas das famílias mais pobres, e então dava o bote. Muito fácil.

Seduzi muitas meninas inventando histórias de casamento e as levei para prostituição. Várias foram jogadas às feras, pois, de famílias cristãs, não tinham nenhuma escapatória quando delatadas para a milícia.

Tudo era diversão. Quando o alvoroço das catacumbas estava no auge aproveitei-me do momento e matei muitas pessoas pelo simples prazer de matar - era o reaparecimento de meu instinto bárbaro.

Apostava muito nas corridas de bigas e também nas lutas de gladiadores. O dinheiro arrecadado era usado nas diversas noites de esbórnias regadas a muito prazer.

Essa era a vida contrária aos compromissos assumidos antes de reencarnar.

Era de se esperar, portanto, que eu desencarnasse jovem, tendo em vista a vida que levava. Não foi diferente o desfecho.

Desencarnei aos 32 anos.

Dessa vez todo o processo aconteceu de forma diferente.

Morri numa emboscada de dois supostos amigos de farra. Cobicei a mulher de um e resolvi cortejá-la. Muito orgulhoso, não percebi que a mulher se deixou enlaçar, porém já havia contado ao seu amante o meu intento. Marquei o encontro e, quando lá cheguei, deparei-me com uma surpresa: a mulher não estava; em seu lugar esperavam-me seu amante e um comparsa. Não tive nem tempo de lhes explicai: duas espadas acertaram-me no mesmo momento.

Não desencarnei sozinho, tendo em vista que Astúrio e seu bando não só me aguardaram como também me ajudaram a me desvencilhar do corpo físico.

36

- Surpreso? Você é meu e, portanto, acha-se submetido aos meus mandos. Prendam-no! Partiremos imediatamente.

Minha memória rememorou os séculos de vivência naquele lugar. A princípio fiquei feliz em retornar, estava outra vez em casa. Porém, quando no dia seguinte Astúrio me recebeu em sua sala privativa, a coisa mudou.

- Parece, Grande Satânico das Trevas, ou Gráviu, ou José, ou como prefere ser chamado, que as coisas não andam muito bem pra você.

- Estou feliz em estar de volta - Falei ingenuamente.

- Não é o que consta de nossas memórias. Tudo mudou. Se bem me lembro você evaporou-se daqui, levando consigo duas escravas.

- Não fugi, saí par...

- Sim, saiu para salvar sua pombinha sem o meu consentimento. Você se esqueceu de que devia obediência a mim7 Fui um tolo em deixá-lo muito solto! Deveria saber que não poderia confiar demasiadamente em ninguém.

- Permita-me falar, Astúrio: e os séculos de dedicação que prestei fielmente a você? Não contam?

- Era sua obrigação, tínhamos uma aliança.

- Não a quebrei, eu so...

- Quebrou-a sim, quando aceitou uma nova reencarnação, dando ouvidos à sua bela mãezinha. Veja em que ela o tornou!

- Astúrio, sei que não deveria tê-la aceitado, mas foi mais forte. Caso você possa ler meus pensamentos, verá que nunca estive totalmente cordato com a situação. Pretendo seguir com a aliança sem cair em novo erro outra vez.

- Agora é tarde.

- Você também pode ver que, enquanto encarnado, segui fielmente suas determinações: matei o quanto pude de cristãos e delatei-os sem piedade. Muitos foram exterminados por minha causa, deve saber disso. Também teve a minha própria mãe, morta por eu tê-la delatado.

- Tolice! Não fosse eu subjugar sua alma, influenciá-lo vinte e quatro horas por dia, e você teria fracassado novamente! Acha que não tive trabalho com você? E o que recebo de volta? Nada terá de mim! Nada! Entendeu bem?

- Mas Astúrio...

37

- Basta! Você acabou de retornar à sua antiga insignificância: será um escravo comum. Receberá ordens de Néfros, que tomou seu lugar tão logo partiu.

- Ficarei subordinado a Néfros? Mas isso é muita humilhação!

- Você pediu você terá. Não o mandei se bandear para o outro lado.

- Mas!...

- E só. - E ordenou -: Néfros! Pode levado.

Assim que o Guardião-Mór entrou, Astúrio fez um sinal para que eu fosse açoitado e, depois, trancafiado como um animal. Era dessa forma que a lei no reinado de Astúrio funcionava.

Sozinho, jogado em um canto de qualquer cela do subterrâneo, com muitas dores, frio, e fome, relembrei a figura meiga de minha mãe Ismernia/Sara e, pela primeira vez, senti as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Foi a primeira vez que chorei. Não tenho outra lembrança de me emocionar a tal ponto. Sempre fui e me senti um espírito primitivo, sem sentimentos, odiado e, simultaneamente, odioso. Mas, naquele instante, sentindo-me completamente aniquilado, desabafei como um menino.

Desconhecia sobre o meu futuro. Percebi que eu mesmo provocara aquele estado de coisas. A situação de ser prisioneiro me fustigava; porém, no fundo de mim mesmo, não me arrependia de nada do que houvera feito. Apenas a saudade de minha mãe torturava minha consciência.

Resolvi lutar. Eu voltaria à carga, tudo faria para reconquistai meu antigo lugar! Não permitiria que nenhum Néfros mandasse em mim. Não nascera para ser mandado, mas sim para comandar.

O tempo foi passando e, por mais que me esforçasse, nunca mais conquistei a confiança de Astúrio. Continuei como subordinado. Cada vez mais me aprimorava na maldade. Já que não me era possível recobrar o antigo posto, então seria o melhor dos escravos. Percebera que, sendo dócil ao mando de Néfros, este me concedia alguns privilégios.

Mais de um século de serviços prestados e eu havia aprendido a me virar melhor. Afinal o tempo nos ensina muito.

No mundo dos encarnados a violência também não era diferente: a Igreja se estabelecera definitivamente no meio religioso cristão e as atrocidades por ela cometidas eram de provocar invejas a quaisquer membros das Trevas.

38

O feudalismo como sistema de governo implantava a discórdia, o ódio, e a violência.

O mundo estava uma maravilha, nossa influência imperava! Os prazeres da crueldade e do poder estampavam-se na figura grotesca de Astúrio. Para nós, escravos, isso era muito bom porque vivíamos mais aliviados dos castigos impostos pelos maus humores do Chefe.

Néfros sentia alguma amizade por mim e, vez ou outra, permitia que eu me ausentasse do submundo e adentrasse o Umbral com a finalidade de localizar minha amada Dámila. O tempo continuava a passar, entretanto a minha fixação por esta mulher não diminuía.

Contudo, toda vez que saía à sua procura, regressava sem havê-la encontrado. Não havia notícias do paradeiro do meu amor eternizado. Comecei a fazer amizades importantes do lado de fota dos domínios de Astútio.

Alguns camaradas prometeram me ajudar em troca de serviços que para mim não passavam de pequenos favores. Isso poderia me render boas parcerias no futuro.

O submundo do crime é muito vasto. Tanto as Trevas quanto as regiões umbralinas estão espalhadas pelo planeta Terra, e é muito fácil nos mantermos como cúmplices, pois nos reconhecemos em quaisquer lugares e em quaisquer situações.

Assim sendo muitos sabiam da minha procura por Dámila. Alguns informes chegavam, porém, quando eram verificados, mostravam-se errôneos.

Tanto fiz, tanto mexi, tantos pactos assumi, que um dia chegou-me uma informação parecendo ser muito boa.

Entregaram-me um mapa da região alemã. Tudo indicava que

Dámila estava reencarnada com o nome de Helga e morava com sua família numa pequena aldeia nos arredores da cidade conhecida hoje como Berlim**(9).**

Meu coração se encheu de esperanças. Algo dentro de mim indicava que aquela informação procedia.

Munido de determinação, mapa na mão, busquei o endereço.

9 -Encontramo-nos no ano 553 (N.A.).

39

Quando lá cheguei uma pequena criança brincava na soleira da porta. Entrei, sem cerimônia. Uma jovem senhora conversava alegremente com um homem - deveria ser seu marido. - Alguns instantes de observação e reconheci pleno de alegria, minha amada. Mas, quando voltei meu olhar para o marido, um ódio profundo me subiu pelo peito: era Séquia. Este, com toda sua arrogância, desfrutava do amor puro e inocente da flor da minha vida.

Num ímpeto de cólera voei no pescoço daquele traidor e tentei sufocado.

O homem começou a se contorcer, caindo da cadeira, despertando aflição e piedade em Helga. Esta achegou-se para ajudá-lo e pude senti-la afrouxando minhas mãos do pescoço do ser odiado.

- Otto! Otto! Você está bem? O que houve?

- Helga, ajude-me! Penso sufocar-me! Um pouco de água! Parece que vou morrer!

Aos poucos o semblante de Otto foi voltando ao normal e Helga também ficou mais calma. Porém eu tremia de ódio. Resolvi permanecer na casa a fim de, quando por ocasião do sono, falar com Helga. Pretendia levá-la comigo para bem longe daquele lugar.

Enquanto aguardava o relógio andar, meus pensamentos expeliam todo ódio represado:

- Como pôde isto acontecer? Como fui tolo em me esquecer completamente deste traidor! Sou eu o homem desta mulher! Como pode um intruso fazê-la feliz? Sim, ela parece estar feliz ao lado dele, até tem filhos!

Esses pensamentos traziam mais rancor ao meu já tão

depauperado coração.

Encontrava-me nestas conjecturas quando ouvi Néfros falar comigo pelo pensamento**(10):**

- Gráviu, volte imediatamente! Você é louco deixando-se levar tão longe? Venha rápido! Astúrio quer vê-lo e não posso lhe dar desculpa alguma.

- Ora essa! Não vou! Tenho algo mais importante a fazer pensei.

10-Quer dizer, telepaticamente (N.R.).

40

- Agora mesmo, sob pena de ser açoitado, pois alegarei que você fugiu. Venha ou mandarei caçado como a um animal!

Sem escolhas deixei a casa. Antes, porém emiti um pensamento para que Séquia soubesse que eu retornaria: custasse quanto custasse, ele não ficaria rindo de mim de forma nenhuma.

Logo que cheguei à Masmorra do Imperador, lugar onde morava, procurei por Néfros. Imediatamente fui levado à presença do todo-poderoso.

- Senhor, aqui está Gráviu. Trouxe-o assim que terminou um serviço que fazia para mim.

- E o quê de tão importante fazia que não pôde parar na metade? -Eu estava... - Olhei para Néfros como a pedir-lhe ajuda, pois não sabia o que deveria responder.

- Ele estava na câmara de torturas, senhor. Houve uma indisciplina hoje, por parte de alguns escravos, e fui obrigado a dar-lhes um corretivo-educativo. Pensei até em empalamento, mas, na última hora, resolvi apenas pelos açoites e sandálias de pregos.

- Posso saber por que desistiu do empalamento?

- Iria dar muito trabalho depois para limpar.

- Por ora aceito, mas quero que essa prática volte a fazer parte das torturas. Ah! Incite também os homens da linha de frente para influenciar os encarnados a usar também essa prática. Vai ser muito divertido.

- Não vou me esquecer, senhor. E quanto ao Gráviu...

- Ah sim! Gráviu, quero que você vá até ao Palácio da Igreja e reforce a desavença entre os líderes. Precisamos que essa cambada tome outras posturas mais eficazes! Estão se perdendo

muito em palavrórios e não foi esse o acordo estabelecido. Mando-o nesta tarefa porque vejo nela uma oportunidade de restabelecer a confiança perdida por mim em você.

- Agradeço-lhe muito, nobre senhor. - E postei-me de joelhos para reverenciá-lo.

- Podem sair.

Quando saímos da sala e nos encontramos no corredor, agradeci a Néfros e, ao mesmo tempo, desabafei, agitado:

- Não posso me ausentar por agora! Consegui encontrar o paradeiro de Dámila e preciso resgatá-la! Está em perigo nas mãos...

41

Essa não, Gráviu! Ouça bem: não menti correndo riscos por sua causa para você querer pular fora! Aguente firme e cumpra o que o Chefe lhe mandou.

- Mas...

- Nem, mas nem meio, mas. Ponto final.

Como seguir adiante? Tive ímpetos de desistir Minha vontade era de sair correndo para os braços da mulher amada. Que importaria o resto? Não poderia me submeter. Resolvi largar tudo. Assim fiz.

Perambulando apressadamente pelos cantos do Palácio da Masmorra, logo me vi em liberdade. Muitos dormiam e por esse motivo minha saída ficou bem mais fácil.

Fora das paredes que me oprimiam senti-me livre. Respirei tranquilamente e segui a passos largos. Desejava o quanto antes atingir meus objetivos.

No caminho ia pensando:

- Maldito Séquia! Não perderá por esperar! Será dentro de poucas horas que estará banido definitivamente da vida de Dámila. Ela é minha! Mesmo depois de tantos séculos vingar-me-ei de você!

Esses pensamentos traziam-me alegria. Nada mais impediria minha vontade. Finalmente Dámila estaria em meus braços.

- Ah, mulher! Você será amada como nunca! Hoje não serei agressivo, ao contrário serei apenas carinho e sedução. Desejo-a mais que tudo.

Algumas horas a mais e eis-me no interior do quarto do casal. Para minha surpresa os corpos lá estavam estendidos na cama, porém não os via em lugar algum.

Percorri cada canto da vizinhança, porém sem efeito. Só me

restava esperar e foi o que fiz.

Decorrido pouco tempo surgiu Séquia. Estava alegre, bem disposto, com ares de felicidade.

Sem nenhum constrangimento impedi com firmeza o seu reencaixe no corpo físico.

- Ora, ora! Onde pensa que vai? Esqueceu-se de que a mulher é minha?

Transtornado, rosto lívido de espanto, o rapaz nada respondeu.

- O que houve? Perdeu a língua? Tão fagueiro chegou, mas agora parece apavorado! Vamos, anda, fale!

- Gráviu, o que quer aqui? Onde esteve durante esse tempo todo? Eu tenho desejos por Helga e cuido dela...

- Mentiroso! Você tinha apenas a intenção de se vingar de mim.

- É verdade, estou lhe dizendo a verdade! Fui eu quem a abraçou primeiro.

- Eu a vi primeiro e disse-lhe que ela me pertencia! O intruso é você! Ademais, o que está fazendo com ela agora?

- Casei-me com ela e lhe dou uma vida boa.

- Mentindo novamente! Por que chegou todo espevitado? Onde foi se divertir? Estava, por acaso, no mesmo lugar que ela?

- ?...

- Fale ou lhe tirarei a palavra à força!

- Espere, eu falo, espere! Bem, não sei por onde Helga - este é o nome atual dela - anda. Toda noite nos separamos; nunca fui atrás dela para saber aonde vai nem, muito menos, perguntei-lhe. Tenho minha vida particular e é bom que seja assim.

Estava pronto para dar uma boa surra naquele ser abjeto quando Dámila/Helga chegou.

- Quem!... Quem é você? - Assustou-se a moça. - Deixe o meu marido em paz! O que ele lhe fez?

- Minha querida! Sou eu, Gráviu, lembra-se? Há muito tempo desejo encontrá-la para lhe demonstrar o meu amor!

- Espere um pouco, não o conheço! Não sei quem é esse Grá...

Seu rosto transformou-se, reconheceu-me. Imediatamente olhou para o marido e também o reconheceu como Séquia. Aturdida, desesperou-se.

Quando a mulher ia sair, segurei-a pelos braços.

- Não se vá! Quero conversar com você.

- Por favor, senhor, largue esta mulher.

Com o calor do reencontro não reparara que, atrás de Helga, adentrara no quarto uma senhora muito bonita, de olhar pene-

trante, e que falava com brandura.

- Não desejo lhe causar mal algum, apenas levá-la comigo. Ela me pertence!

Meu filho, solte-a! Ninguém pertence a ninguém. Acalme-se. Nossa menina não é mais Dámila, como você insiste em chamá-la, muitas coisas mudaram.

- Eu sei, eu sei! Só preciso separá-la deste monstro que diz estar casado com ela!

- Sou casado com ela! O intruso aqui é você! Vai saindo, anda, esta casa é minha! Saia!

- Acalmem-se. Agora não é o momento adequado para falarem do passado. O dia está amanhecendo e as tarefas deste reclamam os despertares de Helga e Otto. Quanto a você, Gráviu, convido-o a me seguir a fim de podermos conversar. Logo mais à noite nos reencontraremos e esclareceremos todas as dúvidas.

- Não concordo! Vou ficar aqui, não aceito o fato de sair! Por que Séquia poderá ficar?

- Compreenda, meu filho, eles estão encarnados e formam uma família. Venha, você compreenderá melhor quando eu mesma lhe explicar tudo.

Ainda fiz menção de ficar, porém uma força estranha me empurrava para fora. Segui a bondosa senhora.

Fui conduzido para um lugar não muito longe. Era agradável, tranquilo, e me trouxe um bem-estar como há muito não sentia. Aos poucos fui deixando me envolver pelo ambiente e logo me quedei sereno. Nesse momento se aproximou alguém. Olhei, detendo-me naquele rosto angelical. Não era jovem, contudo deixava transparecer o vigor da vitalidade. Com movimentos delicados achegou-se. Num átimo levantei-me:

- Mãe! É a senhora?

A mulher apenas sorriu e, estendendo seus braços, enlaçou-me.

E de novo, como se ainda fora criança, chorei copiosamente. Em meu peito uma mistura de alegria, dor, tristeza, e ódio. Por que, sempre que ela chegava, permitia seu envolvimento e fraquejava? Sem pensar, afastei-me. Este pensamento muito forte trouxe consigo a voz firme de Néfros:

- Seu imbecil! Cuidado, volte imediatamente! Pensa que poderá fugir de nós? Somos implacáveis! Volte agora ou será caçado e

como um irracional! Seu castigo já está reservado! Não vou mais tolerar suas artimanhas, estou correndo riscos desnecessários por você! Se Astúrio desconfiar, serei eu quem estarei perdido!

Tentei desviar o pensamento, mas Néfros insistia.

Vendo-me desconfortável e entendendo o que ocorria comigo, minha mãe delicadamente pegou minha mão e ofereceu-me um banco.

- Sente-se, meu filho, e preste atenção em minhas palavras, assim a interferência do Mal não poderá atingi-lo.

- E mais forte do que eu! Aliás estou profundamente ligado a esses seres! Sou igual ou pior que eles! Oh, mãe, perdoe-me! Sofro tanto!...

- Sabemos disso, meu querido. Tenho procurado atenuar sua dor, mantendo-me ligada a você. Como Néfros, também converso em pensamento consigo, porém você faz ouvidos moucos. Nada do que lhe passo fica registrado em sua mente. Você simplesmente descarta os bons conselhos.

- Não! Eu nunca a vi falando comigo.

- Gráviu, preste atenção: muitas vezes estive ao seu lado, orientando sua conduta, principalmente nos momentos mais difíceis quando matava alguém ou se divertia com a desgraça alheia. De repente lembrei-me da traição que cometera contta ela própria. Meu rosto queimava de vergonha e ódio por delatar-me de maneira tão fraca.

- Acalme-se, não estou aqui para julgá-lo; estou aqui pata lhe dizer que nunca precisei perdoá-lo porque o amo e não me ofendi com nenhuma das suas vis atitudes. Quero apenas abrir seus olhos quanto ao futuro.

Permanecia calado, o ódio se arrefecera. Continuei ouvindo-a:

- Mesmo de longa distância podemos emitir pensamentos em direção aos nossos afetos ou desafetos. Filho! A misericórdia divina nos oferece sempre oportunidades de mudanças.

- Gráviu, sei que não é feliz, sei que sofre muito, e sei também que ama Dámila, porém de forma totalmente equivocada. Não será pela força que conquistará o amor dessa mulher. Filho, atenda-me, venha comigo para uma casa de repouso onde poderá se refazer das lutas ilusórias nas quais tem desperdiçado as maravilhosas oportunidades divinas.

- Mas, mãe... Eu não posso!

- Sim, pode e deve. Para onde seguirá não poderá ser atingido por Astúrio. Lá você estará protegido, livre de ataques ou

sequestras. Somente deverá vigiar sua mente, porque, como teve comprovação ainda há poucos instantes, eles poderão atingi-lo pelo pensamento.

- Como poderei fazer isso?

- Desligando-se dos influxos mentais que povoam sua mente, ocupando-se com coisas úteis, retirando de seu coração o ódio, e colocando no lugar deste o desejo sincero de mudança.

- Não sei não! Isso não é fácil e, também, não sei se quero essa vida boba.

- Ah, meu filho! Quanta ignorância das benesses divinas, quanta perda de tempo no erro! Compreendo que seja difícil, porém não é impossível. Você não é mau, pois foi criado pelo infinito amor divino, está apenas recalcitrando em prazeres funestos, ignorante do Bem.

- Mãe, tudo isso não são apenas balelas?

- Não, é claro que não - e sorrindo continuou -: deixe-se envolvei pelo influxo do amor; estarei ao seu lado para encorajá-lo nos primeiros tempos. Depois, com mais firmeza, caminhará sozinho, mas sempre haverá um irmão amigo a lhe orientar.

- Não preciso de ninguém, sei me virar só.

- Filho, filho amado! Não sabe; e a prova está em sua própria existência povoada de enganos, atrocidades, e malquerenças, para com o próximo. Ainda não se encontra lúcida, em sua consciência, a Lei Divina.

- Não sei não, mãe...

- Venha comigo neste primeiro momento, terá tempo para pensar em nossa casa.

Não fiz movimento algum. As dúvidas povoavam minha mente, mas, ao longe, continuava ainda a escutar a voz de Néfros, advertindo-me:

- Cuidado! Esses setes angelicais são perigosos, poderão envolvê-lo numa armadilha!

- Não vou, mãe, isto é uma armadilha!

Minha mãe nada falou apenas me abraçou delicadamente. Levantou-me da cadeira e, com amor e muito jeitinho, conduziu-me como um autômato.

Quando dei por mim achava-me numa cama muito alva e macia, despertando dum sono profundo. De nada podia me lembrar.

Já era noite e, algum tempo depois - não posso quantificá-lo -, minha querida mãe adentrou no quarto:

- Olá, meu filho, como se sente?

- Muito bem. Onde estou? Por quanto tempo dormi? Não me lembro de nada.

- Tranquilize-se. Era preciso que você repousasse das agruras da vida. Chegou há um mês e percebo que o sono lhe fez muito bem.

- O quê? Um mês dormindo? Que desperdício! - E num rompante levantei-me.

- Que roupa é esta? Camisola de mulher? Onde estão minhas roupas? Quero ir embora imediatamente!

Mamãe apenas sorriu. Envergonhado, pois agia infantilmente, sentei-me na beira da cama.

- O que está acontecendo? Explique-me, mãe!

Seu abraço carinhoso provocou em mim um pranto convulsivo. Já não me sentia o mesmo. Onde estava o bárbaro Gráviu?

- Meu filho, receba o amor que lhe tenho. Apenas descanse. Precisa se recuperar das atrocidades vivenciadas e somente o sono reparador poderá lhe repor as energias vitais tão necessárias à sua recuperação e à sua lucidez.

- Não sei o que acontece comigo! Parece que não tenho forças!

- Não é isso, Gráviu. Vou lhe explicar com vagar o que está recebendo aqui nesta casa fraterna.

- Que casa é esta?

- É uma casa de repouso onde os espíritos endurecidos, brutalizados pelas investidas das escolhas passadas, recebem eflúvios de amor, enquanto dormem, para extirpar de suas mentes os equívocos quanto ao entendimento do Bem. Esta é a Casa de Nazaré, nome dado para sempre nos lembrarmos do Mestre Nazareno, Jesus, posto aqui exercitarmos os postulados evangélicos, seguindo os exemplos deixados por esse irmão maior.

- Mãe! Ainda falam nesse Jesus? Faz tantos séculos que ele nasceu! Será que não podem esquecê-lo? Nunca vi nada demais nesse homem! E sempre lutei contra ele.

- Sim, meu filho, sabemos que você foi um dos perseguidores do Cristo. Poderia me dizer, já que não viu nada demais nele, por que o odeia e por que matava aqueles que em nome dele viviam e trabalhavam?

- Ahn? - Fora pego! - Não sei o que responder, apenas lhe

odeio.

- Você foi doutrinado para agir conforme os interesses das Tre-

vas que querem impedir a divulgação das Leis Divinas. Veja, não

é justo você ouvir uma parte da história e não ouvir a outra.

- Qual outra parte?

- A de saber exatamente quem é Jesus e qual o trabalho desse

grande espírito.

- É, pode ser.

- Bem, como ia dizendo, nesta casa você dormiu por um bom período a fim de drenar pensamentos e atitudes de ódios vivenciados. Enquanto o corpo dormia, seu espírito fazia a drenagem mental ao mesmo tempo em que recebia, através da prece e da transmissão de bons pensamentos, fluidos vitais de companheiros dedicados ao socorro fraterno para recuperar as energias desgastadas pelos próprios erros cometidos.

- Quer dizer que errar gasta energia? Que energia?

- Sim, os pensamentos e as atitudes erradas provocam grandes desgastes da energia vital, porquanto tudo que é desfavorável à vida é-nos prejudicial. Todos bons pensamentos e boas atitudes favorecem a vida e, por consequência, são vitais, são energéticos. Assim sendo vivemos muito melhor pensando e praticando o Bem.

- Não sabia de nada disso, mas não estão me fazendo muito sentido estas informações.

- Ah, Gráviu, ainda tem muito para aprender e mudar! Permanece ainda desconfiado e recalcitrante no Mal.

Continuei calado.

- Você está com fome?

- Sim, com tanta fome que comeria um boi! Minha mãe se limitou a sorrir.

Vesti-me e segui para o refeitório. Quando lá cheguei e recebi minha porção de comida, pude entender entendi porque minha mãe sorrira: não havia um só pedaço de carne em meu prato nem, pior, em lugar algum.

- O que é isso? Sopa e lavagem? Estou com fome e preciso de carne com muito sangue!

Os ajudantes da cozinha sorriram. Já estavam acostumados

com essa reclamação dos homens grandes e abrutalhados que por ali passavam.

Com o passar dos dias fui me adaptando às regras do local. Minha mãe permaneceu comigo por mais um mês, depois fiquei aos cuidados de Janete, uma senhora de boa aparência que gostava muito de mim e me ajudava a entender o processo de reajuste ao qual estava submetido.

48

Muitos anos de primitivismo bárbaro atrofiaram minha mente e, advindo disso, o raciocínio era lento, perturbado pelo instinto feroz e animalizado que estava custando a ser mudado.

Paciência e dedicação foram as armas utilizadas, mas devo confessar que transcorridos mais de dois anos ainda tinha acessos de raiva. Não conseguia compreender a fraternidade, o olhar de igualdade dum para com o outro. Todavia devo também confessar não ser dos piores, pois muitos outros brutos que por lá estagiavam me superavam.

Um dia, no refeitório, assisti a uma cena bastante dantesca:

A refeição estava servida quando um homem, aparentando seus quarenta anos, agarrou uma jovem que atendia outro enfermo. Este, sem poder se mexer, precisava da atuação de Minerva inclusive para se alimentar. A comida era dada na boca de Montoio.

A jovem, inteiramente dedicada ao seu paciente, foi pega de surpresa e somente pôde dizer:

- Por favor, largue-me! - Mas o brutamontes, disposto a possuí-la, começou com uma das mãos a acariciá-la enquanto a outra mantinha-a firmemente presa na cintura da moça.

Quando alguns enfermeiros chegaram perto para dissuadi-lo do intento, este homem teve um acesso de fúria e, largando a jovem que se estatelou no chão, agrediu violentamente os rapazes. Foi preciso a intervenção de um médico que lhe aplicou um sedativo nas costas a fim de tudo se acalmar.

Era a primeira vez, depois de tanto tempo, que presenciava uma reação primitivista. Fiquei a tarde toda a meditar sobre o fato.

Como tal coisa podia acontecer num lugar como aquele que vi-

sava curar doentes e transformar homens feras em homens pacíficos? Janete veio ao meu socorro:

- Meu irmão, isso pode acontecer a qualquer momento; a mudança é muito lenta. A brutalidade é uma reação instintiva à conservação do ser. Toda vez que, como animais, sentimo-nos ameaçados, buscamos a agressividade lastreada no ódio para atacar o outro que, para nós, passa a ser o inimigo.

- Começo a compreender, mas a moça não estava ameaçando a conservação do tal brutamontes.

- Muito bem observado. A moça apenas despertou o acasalamento, que não deixa de ser um despertar do instinto de conservação, qual seja, a conservação da espécie; porém, quando os irmãos socorristas foram defender e soltar a jovem, nosso irmão Crépio sentiu-se inseguro e ameaçado e, aí sim, atacou-os: corria perigo. Entendeu?

- Mais ou menos. Recordando minhas atitudes em relação a Dámila, acho que esse instinto agia em mim tal como agiu em Crépio.

- Isso mesmo. O amor, meu irmão, é suave, doce, e não encontra motivo de violência contra o outro. Esse entendimento é uma conquista, pois demora percebermos os meandros íntimos do verdadeiro sentimento. Um dia todos chegaremos a ter essa compreensão.

- Não quero saber de todos, pretendo apenas entender. Desejo amar Dámila com toda minha força. Por falar nela, como está? A ultima vez que tive notícias dela ainda se encontrava envolvida com Séquia. Quando esse inferno vai terminar e ela vai poder estar comigo?

- Gráviu, você sabe que ela cumpre as determinações sagradas do matrimônio. É mãe, possui criaturas a seus cuidados, e precisa ter minar essa vivência com êxito, pois programou avançar redimindo os erros do passado.

- Por que Dámila precisou se casar com Séquia?

- Veja Gráviu, que nossa irmã Helga/Dámila contraiu um ódio muito grande por você e uma simpatia ardorosa por Séquia, pois ele a tirou do cativeiro. Além do mais Séquia era jovem, bonito, e isso fascinou uma menina jovem e sonhadora. Quanto a você era velho, bruto, e a violentou, marcando profundamente o coração

de uma virgem.

- Basta!... Já entendi! Fui um crápula, agi grotescamente com a mulher amada!

- Acreditamos no seu amor; porém, ainda para você, trata-se duma paixão carnal, uma vez que em seu íntimo a sensualidade fala muito alto.

- Entendi. Mas ainda quero saber o porquê dela ter que se casar com Séquia.

- Porque ele a enganou naquela encarnação. Tempos depois ele começou a agir como um verdadeiro asselvajado, pois também a violentou várias vezes. Essa situação, muito mal resolvida, deixou marcas de ódio e rancor em seu coração.

- Hum! Hum!...

- Tempos depois, recolhido por sua mãe a um campo de repouso, Séquia percebeu os erros cometidos e prometeu retornar para sanar a dívida e pedir perdão a Dámila por todos os erros cometidos**(11).** Esta aceitou voltarem juntos pata, como marido e mulher novamente, reajustarem-se no perdão mútuo. Eis o motivo pelo qual precisam completar essa união

- Espere! Ele não lhe é totalmente fiel! Quando estive em sua casa vi-o chegar das orgias, enquanto ela não sei de onde vinha.

- Você tem razão, ele ainda não se encontra totalmente seguro do aprendizado do amor. Realiza atos de fugas aos deveres por seu espírito buscar as diversões licenciosas. Necessita de mais aprendizado e estamos trabalhando em seu espírito para tornar isso possível de acontecer antes de seu desencarne. Porém este é um problema dele. Helga, por sua vez, encontrava-se conversando com sua mentora, aquela senhora vista por você na mesma noite. Refazia-se em um campo de repouso e conversava sobre 0 perdão. Ela está realmente disposta a prosseguir com o perdão sincero e isso será suficiente para separá-la dele quando os laços que os unem forem desfeitos pelos seus desencarnes.

- Então ela estará livre para mim?

- Sim, caso você trabalhe definitivamente em sua mudança moral. Ver-se-á na contingência de ter que lhe provar não apenas o seu amor como também a sua transformação íntima para que ela viva consigo.

- E Séquia? Não a perseguirá?

- Você quer dizer Otto. Se ele a perseguir será um problema dele, pois, se ela realmente o perdoou, então ele não mais a atingirá por estarem em padrões vibratórias diferentes.

- Como assim?

- Do mesmo modo como agora está acontecendo entre você e ela ou entre você e Astúrio. Compreendeu?

11 Ismernia também resgatou Séquia por dois motivos: primeiro, porque este muito ajudara Gráviu, no passado; e segundo porque, naquela ocasião, ambos foram irmãos, sendo ela a genitora deles (N.R.).

- Sim, não estamos pensando nem sentindo as mesmas coisas do mesmo modo.

- Isto mesmo: um está pensando no Bem enquanto o outro está pensando no Mal. Por esse motivo não se encontram nem geram sintonia.

- Estou começando a gostar de tudo isto.

- Muito bem, meu amigo. Persevere, temos ainda pela frente uma longa estrada, mas se não caminharmos jamais melhoraremos.

Com aquelas palavras Janete deixou-me só, com minhas ri flexões.

Lentamente os dias foram passando. Cada vez mais me sentia melhor, fortalecido, acreditando que um dia poderia ser um homem voltado para o Bem.

- Gráviu, temos visita! - Era Janete entrando na biblioteca, certa tarde.

- Quem é?

Venha ver! A visita lhe espera na sala grande da casa.

Calmamente guardei os livros, aprumei-me, e segui-a. Era outro homem. Aprendera a me comportar adequadamente, agir de forma polida, e observar minhas obrigações. Afinal o esforço estava me tendendo alguns frutos.

Ao adentrar à sala uma senhora, de costas, estava parada, olhando um quadro muito bonito que lá havia. Reconheci-a de pronto:

- Mamãe! Que saudades! Há quanto tempo!...

- Oh, meu filho, também quase morro de saudades! - E enquanto falava abria seus braços para receber o meu carinho.

Abraçamo-nos demoradamente.

- Filho, tenho recebido notícias suas e agora comprovo o quanto mudou! Está com um semblante radioso, sereno, até me parece feliz!

- Sim, mãe, tenho me esforçado. Desejo ardentemente conquistar o amor verdadeiro, tanto por você quanto por Dámi..., quero dizer, Helga.

- Deixa-me muito contente. É sonho de toda mãe que seu filho cresça e seja um homem de bem, segundo os ensinamentos de Jesus.

- Tenho aprendido muito sobre Jesus, estou até simpatizando com ele.

- Que bom!

- Diga-me, o que a traz aqui? Faz tanto tempo! Alguma novidade boa?

- Sim, uma novidade ótima! Hoje faz cinquenta e cinco anos que você se internou nesta casa abençoada.

- Nossa! Já faz tudo isto?

- E para comemorar suas melhoras recebeu a oportunidade do reencarne.

- Reencarnar? Não, tenho medo de fracassar!

- Ora, meu filho, reencarnar é uma bênção e também uma lei. Precisa provar, em vivência na Terra, tudo quanto tem aprendido. Ademais Helga aceitou renascer com você. Ela também precisa vivenciar o perdão.

- Se vou renascer com ela, então aceito. E como ela reagiu?

- A princípio recusou, temia reencontrar-se com você; porém, conversando com nossos Maiores, aceitou, pois sabe que a reconciliação é necessária.

- Ela me perdoou! Vai ser fácil!

- Espere um pouco, não disse ela o perdoou, disse que ela aceitou renascer vivendo um casamento com você, o que é diferente, e o seu compromisso será o de fazê-la feliz, provar a sua modificação.

Não será difícil! - Minha mãe olhou-me e percebi que estivem exagerando. - Resolvi mudar a frase:

- Vou tentar. Prometo-lhe que farei o melhor, está bem?

- Assim ficou bem mais plausível. Iremos, nos próximos dias, informá-lo dos pontos fundamentais para o seu retorno a vida carnal.

- Estou ansioso!

- Agora me conte como têm sido os seus dias, as suas aulas, os

seus afazeres... Quero saber de tudo.

Tomei ciência do meu planejamento reencarnatório e de que, a vida me seria difícil: renasceria em família pobre, minha mãe ficaria viúva muito cedo, e eu seria o filho mais velho.

O mundo, naquele século VII, achava-se conturbado, principalmente pelo sistema feudal. Teríamos que nos ajustar ao campo, trabalharíamos para o próprio sustento, e ainda seríamos espoliados pelos usurários da igreja e do governo.

Recordei, ao ler este trecho do que me aguardaria na próxima reencarnação, o quanto havia roubado e espoliado muitas famílias, inclusive velhos e mulheres.

Seria a hora de me reajustar.

Também teria o agravante de renascer com a mão direita ressequida, justamente para não poder agredir ninguém.

- Por que a mão defeituosa? Já aprendi que não devo matar ninguém!

Não se esqueça de que em sua última reencarnação você se comprometeu, do mesmo modo, a ter uma vida sem mortes e voltada para o trabalho honesto, mas veja que falhou, inclusive matando e mandando matar muitos cristãos. Doravante serão necessárias maiores cautelas sob as formas de restrições.

Janete me falava com suavidade, mas suas palavras calaram fundo, pesadamente, em mim. Ela tinha razão, seria preciso me prevenir, eu bem poderia repetir minhas falhas.

Quando atingisse a idade adulta contrairia casamento com uma camponesa, Dámila, a qual seguir-me-ia alguns anos após.

A família estaria completa com a vinda de mais sete irmãos, aqueles os quais, por ordem minha, ficaram à espreita da emboscada para Séquia quando estávamos disputando a jovem Dámila.

Como filhos eu teria dois varões: Séquia e Gômeri, sendo que Séquia ainda estaria incumbido de ajudar o irmão aleijado e deficiente mental.

- *Por que deficiente mental?*

- Gômeri se encontra nessa condição desde que enlouqueceu com a mentira de Séquia. Não se conformou em descobrir que a culpa do sumiço da jovem escrava recaíra sobre ele, mesmo porque tinha arriscado sua vida para salvar o próprio Séquia de morte violenta em outra emboscada.

- Parece que as coisas vão se complicar, terei muitos inimigos ao meu redor. Quem pode garantir que não haverá revanche?

- Gráviu, meu filho, ninguém pode garantir as atitudes alheias,

mesmo porque somos todos livres para agir como manda a consciência, no entanto todos estão se comprometendo a dar o melhor. Creio que não deve se preocupar com os outros, preocupe-se apenas com você e faça o melhor; já será muito, diante5 da grande lição de vida que poderá obter quando retornar para cá.

- É, quanto mais ouço mais vejo que preciso aprender. Será que Séquia não vai querer roubar Dámila de mim novamente?

Todos riram.

- Gráviu, ele será filho dela e seu também! Esta possibilidade se torna remota. Depois a própria Dámila saberá ofertai o amor materno necessário ao aprendizado de nosso irmãozinho. Cada um com sua cota de responsabilidades, acalme-se!

54

Fiquei um pouco constrangido com meu pouco conhecimento, afinal vários espíritos estavam presentes: minha mãe, Janete, Junco - encarregado do meu planejamento reencarnatório -, Bárbara - supervisora da Casa de Nazaré -, e Boris auxiliar de enfermagem que há anos seguia ensinando-me sobre o Evangelho.

- Tudo bem, tudo acertado! Acredito que a senhora mesma será minha mãe, correto?

- Mais uma vez seguirei com você para lhe encorajar no Bem.

- Então quem será meu pai? Tonteriu, já que todos daquela época estão reunidos?

- Não, meu filho, Tonteriu ainda não reúne condições de seguir nesta tarefa de reajustes. Seu pai será o Boris que, muito apiedado das nossas dificuldades, atendeu ao meu pedido e também aproveitará para resgatar débitos do seu passado. Está pendente nele um resquício de lepra que se manifestará de forma leve, mas exigirá todas as suas energias; comprometerá seu corpo e é por esta razão que ele ficará bem pouco tempo conosco, cerca de doze anos, apenas o período suficiente de todos os filhos nascerem.

- Então, Boris, você seguirá também! Eu terei doze anos quando você partir.

- Não, Gráviu, você terá dez anos, tempo bastante para continuar a lhe ensinar sobre o Evangelho. Desejamos que seja considerável para você apreender a moral do Cristo e vivenciá-la posteriormente.

- Vamos ser cristãos?

- Sim, vivenciaremos as mesmas dificuldades do verdadeiro cristianismo primitivo.

- Espero que Astúrio não veja isso e me persiga novamente...

Minha incumbência era acabar com os cristãos, agora serei um!

Oh, tristeza!

- Que desânimo! Onde a fé que tem aprendido? Ademais

Astútio também está reencarnado e não lhe oferecerá perigo se \c

n ê se mantiver com o pensamento firme. Ainda nem adentrou o

campo de batalha e já se lastima?

- Desculpem-me. - Foi o que pude dizer.

Alguns instantes depois minha curiosidade se fez presente

outra vez:

Quem será Astúrio? Irei reencontrá-lo?

- Não, você não irá revê-lo. Ele se encontra encarnado pelos lados da Espanha. Está envolvido com os poderes religiosos, atuando malevolamente contra os fiéis. Deixe-o, a consciência é o seu guia como é o guia de todos nós. Cada um com o seu fardo - falara Boris.

Calei-me. Agora era hora de me concentrar em mim mesmo.

- Você está certo, agora precisa se preparar para as novas oportunidades. Dentro de cinco anos rumarei para o reencarne e você deverá seguir após dezenove anos. Então temos no total vinte e quatro anos a mais de continuidade em sua preparação. Janete velar-lhe-á como tem feito todos esses anos, porquanto Boris deixá-lo-á dentro de três anos - completou Ismernia.

- Preciso aproveitar bem esse tempo e tirar de Boris tudo quanto for possível.

Sorrisos. Todos concordaram.

- Vamos ao trabalho! - Convocou resoluta, minha mãe. Assim foi feito.

Tudo preparado, o medo dominava-me. Janete, conforme prometera, não me deixou um instante sequer. Sustentava-me, apoiada nas preces. Eu, por minha vez, procurava seguir suas determinações, mas mesmo assim não me sentia seguro.

O tempo transcorreu, era chegado o momento de renascer.

Primavera de 680, Alemanha. Renascia o primeiro filho e, ainda por cima, homem, da família Scheffervien. Chamaram-me Klaus. Era um garoto vivaz que crescia com muita intensidade e alegria. Vivíamos nos campos. Tanto meu pai quanto minha mãe trabalhavam nas plantações das grandes propriedades e eu, desde cedo, comecei na lida do trabalho, pois minha mãe, sempre grávida, precisava cuidar dos bebês.

Logo compreendi que deveria ser o braço direito de meu pai, sustentando parcamente minha família.

Boris, meu pai, era muito bom. Nunca ralhava comigo, tinha paciência e disposição pata conversar e me orientar nas condutas da vida.

Brígida, minha mãe, era uma santa, de tudo fazendo para manter a família unida. Quando eu estava em casa geralmente ralhava com meus irmãos, pois não gostava muito deles e, sempre que possível, criava discórdias. Mas minha mãe, sempre atenta, acalmava os ânimos e me instruía:

- Klaus, você é o mais velho, respeite seus irmãos menores.

- São eles quem me devem respeito! Ora essa! Sou o mais velho!

- Você deve ser o exemplo, meu querido. Eles desejam lhe seguir em tudo, por isso suas boas atitudes irão influenciá-los para o Bem.

- Ora, não sou pajem de ninguém! Quero brincar, já trabalho tanto!

- Filhei, tenha paciência, aprenda com o papai! Veja como ele lhe ensina, em tudo que sabe, com muito carinho.

- Ah! Deixe-me por ora! - E saía desabalado a correr livre pelos campos.

Essas brincadeiras eram raras, pois dificilmente tínhamos tempo sobrando para o lazer. As tarefas eram duras. Meu pai não era velho, mas eu percebia que para ele a vida estava definhando. Quase não comia, pensando em sua prole, porque, afinal, éramos dez pessoas na família.

Muitas vezes senti pena daquele homem que se sacrificava por nós. Naquelas ocasiões procurava trabalhar por mim e por ele, mas bem pouco podia fazer porque minha mão direita, defeituosa, não ajudava muito. Ao contrário, mais atrapalhava do que qualquer outra coisa.

Maldita mão! Por que tive que nascer deste jeito?

- Não blasfeme, meu filho, para Deus tudo está certo. Asam deve ser. Então procure agradecer a Ele por ter duas mãos e aprenda a conviver com elas - sempre aconselhava meu pai.

Calava-me porque via que ele também era outro doente, mas, ao invés, nunca o via reclamar de nada. Envergonhado, acamava-me e seguia adiante.

Recebi muitas chibatadas dos capatazes nas plantações por

causa da minha mão. Sempre tive ímpetos de revidar, porém intimamente aquietava-me e continuava na lida.

Outras vezes os jovens gozavam de mim: chamavam-me de mão boba, de mão ressequida, de braço manco, e de muitas outras coisas; do mesmo modo sentia muito ódio, entretanto seguia fielmente as orientações de meu pai que me ensinava a calar.

Era-me, todavia, muito difícil refrear uma emoção tão forte como a do revide. Brotava em meu íntimo uma revolta avassaladora, mas, mesmo assim, ficava quieto. O respeito pelo senhor Boris era enorme e talvez, por esse motivo, seguia seus conselhos.

Dentro de casa reinava muita paz e alegria.

A vida continuava nessa toada. Aos poucos meus irmãos, à medida que completavam cinco anos, também entravam no ritmo do trabalho.

Boris, meu pai, começava a se deformar. Ficou tão debilitado que não conseguia mais se levantar da cama. Minha mãe desdobrava-se no atendimento às tarefas do lar, do cuidado com os filhos pequenos e, por aquele tempo, ainda ajudava no plantio quando lhe era possível, deixando os bebês debaixo de uma árvore.

Eu a tudo assistia e, gradualmente, uma revolta contra os poderosos começou a se delinear em meu íntimo.

Por fim Boris faleceu. Eu contava dez anos e, meu irmão menor, onze meses. De um lado as coisas melhoraram porque minha mãe não precisava mais cuidar de um moribundo, mas por outro lado sentimos profundamente aquela perda. Meu pai marcara nossas vidas com sua presença amiga, seu carinho, e seu conhecimento moral, natural, cm seu espírito, já que não sabia nem ler nem escrever. Aliás como todos nós da família e os da vizinhança.

foram tempos duríssimos aqueles que atravessamos tendo em vista a maldade imperar também em todos os setores. Não havia amizade porque se criara um ambiente de hostilidade entre os próprios camponeses; afinal todos precisavam comer. Poucas famílias se juntavam, poucos se ajudavam. Fraternidade era uma ilustre desconhecida naqueles tempos.

Quantas misérias, quantas desventuras, quantas vidas perdidas por causa do poder, do orgulho, e da vaidade, dos poderosos tanto da igreja quanto do governo dominante!

Só hoje, com minha lucidez evangélica, posso compreender as agruras da vida. Por tão pouco muitas almas pereceram, muitas vidas foram ceifadas, e muitas desilusões semeadas. Exageros do poder temporal do qual precisaremos ainda de muitas décadas, provavelmente de muitos séculos, para solvê-los.

Olho com muita tristeza para o meu próprio passado e vejo que contribuí em excesso para este estado de coisas. Todos nós, indivíduos como um todo.

58

Algumas vezes sinto pena de mim mesmo, noutras desejo re-
gressar ao pretérito e concertar tudo que fiz de errado. Então
reflito e volto à tranquilidade, pois percebo ser este o meu melhor
momento, porquanto nele estou com a oportunidade de mudar
efetivamente. Estou aproveitando cada segundo e desejo passar
esta experiência como um lenimento para todos aqueles que
transitam pelo fio da navalha: a mudança para o Bem.
Vejam como eu era e como mudei! Todos podemos mudar,
basta-nos desejar e fazer acontecer! A mudança apenas nos exige
esforço e dedicação, irmãos. Mãos à obra!
Eu crescia em tamanho e, junto comigo, crescia o rancor por
aqueles que, acreditava, faziam-nos sofrer.
Minha mãe, muito observadora, percebeu o meu estado de
animo e me preveniu:
- Klaus sinto que está perturbado! Por que tanto rancor? Deixe
estar, trabalhe e siga o seu caminho, Deus olha por nós.
-Ora, mamãe, somos injustiçados! A senhora não vê? Estou
conversando com alguns homens das redondezas, todos estão
insatisfeitos! Desejo lutar. Se eles não quiserem, irei sozinho. Não
posso ficar aguardando a morte sem nada fazer.
- Filho! Pense bem! Nossa família precisa muito de você; agora
é o esteio da casa! Seus irmãos seguem os seus passos, ainda são
novos e precisam de um guia!
- Não se aflija, mãe, já tenho quinze anos. Sei cuidar de mim e
não vou deixar nada de mal lhe acontecer nem aos meus irmãos.
- Klaus! Com os poderosos não se brinca!
- Eu sei, mãe, mas eles precisam aprender! Um dia serei tão
poderoso quanto eles, aí farei a mesma coisa contra todos. Não
cansarão por esperar.

Com aquela fala e aquele ímpeto reunia-me com outros homens bem mais velhos para discutirmos um levante, porém o tempo passava e ninguém tomava coragem para agir.

A providência divina é sábia e colocou Stan em meu caminho. Era um homem maduro, pai de família, o qual me aconselhava como um pai:

- Klaus, deixe disso! Trabalhe e sustente sua família, esta é a parte importante das nossas vidas.

No começo não liguei muito, porém ele insistia. Um dia, quando precisei passar pela sua casa para ajudá-lo com alguns gravetos, conheci sua filha por quem me encantei. O primeiro olhar... Pronto, quedei-me enamorado.

59

Nada nos falamos, nem ao menos fiquei sabendo o nome dela.

Os dias passavam mas eu não criava coragem para falar sobre ela com Stan. $

Comecei a sondá-lo com conversas aparentemente sem nenhuns propósitos.

- O que há, Klaus? Você nunca foi disso! Até parece querer alguma coisa de mim. Fale logo!

- Gostaria de conversar um pouco. O senhor sabe, não tenho pai, mas a sua conversa de um tempo atrás pareceu-me a mesma do meu velho falecido - inventei essa historieta para ver se, aproximando-me afetivamente do pai, conheceria sua filha.

- Muito bem, rapaz, vamos conversar sim. Desejo tirar de você as ideias malucas de rebelião, morte, ataque, e coisas parecidas. Você é muito jovem, tem uma família, e não é bom cultivar essas sandices.

Era tudo quanto eu precisava.

Quando poderei ir conversar em sua casa? - Intimei-o logo.

- Em minha casa? - Pensou um pouco. - Está bem, é melhor mesmo que seja em minha casa. Assim nenhum traidor poderá nos ouvir.

Tudo certo aguardei a oportunidade.

Semana seguinte, na primeira folguinha, chegava ao casebre do senhor Stan.

Convidado a entrar não me fiz de rogado.

Meus olhos, aflitos, zanzavam pelo cômodo à procura da jovem.

- Klaus, esta é minha esposa Gertrudes. - Fiz-lhe uma reverência e sentei-me no lugar indicado pelo dono da casa. - A conversa seguiu.

Na verdade não estava muito comprometido com a conversa,

porquanto desejava encontrar a tal jovenzinha. Então, depois de um tempo, fiz um movimento para sair mas me contive, alguém entrava:

- Boa noite, papai.

- Filha, este é Klaus, um dos rapazes que trabalham comigo.

Levantei-me trêmulo e a cumprimentei. Nada lhe disse, meus olhos pareciam petrificados. Ela era linda! Muito mais bonita quando vista de perto.

- Esta é minha filha única, Brígida.

- Oh, que alegria! O mesmo nome da minha adorada mãezinha!

- Não pude disfarçar o encanto que senti. Minha mente parecia um papel em branco, nada pensava. Minhas emoções sumiram, eu era só um único pensamento e um único sentimento: "estou completamente apaixonado por esta mulher!". Eis o que se passava em minha cabeça.

O senhor Stan percebeu o que ocorreu naquele momento e, muito habilidoso, continuou me doutrinando. Afinal de contas queria um bom moço para sua filha, alguém que pudesse fazê-la e feliz e fosse trabalhador. Isso pelo menos eu era.

Klaus não era de todo mau, tinha qualidades: era bom filho, bom trabalhador, e cuidava bem dos irmãos, embora não morresse de amores por eles. Seria um bom marido, logo pensaram o pai e a mãe de Brígida.

Quanto às ideias de revanche o próprio senhor Stan cuidaria delas. Estaria sempre ao meu lado para eu não colocar a felicidade da filha em risco.

A vida transcorria normalmente. Casamos e tivemos dois filhos. Desde pequenos, ainda no colo da mãe, sentia uma aversão incontrolável pelas crianças.

Max, o mais velho - Séquia, reencarnado -, era terrível, tudo fazia para tirar-me do sério. Não podíamos estar no mesmo ambiente sem trocarmos olhares faiscantes de raiva. Por qualquer motivo ele ralhava ou batia no pequenino.

A mãe sempre procurava acalmar os ânimos, principalmente os meus.

- Klaus, ele ainda é muito pequeno, mas você o trata como se fosse um adulto! Tenha paciência! Com jeito ele se tornará um bom garoto.

- Não sei não, parece que me odeia! Tem alguma coisa estranha

com esse menino: não nos damos bem e pronto!

Um dia, quando estávamos trabalhando juntos, perto do rio, tive vontade de jogá-lo neste. Desejei muito a morte de meu próprio filho. Num átimo de ódio e também influenciado pelos espíritos inimigos desencarnados, peguei o garoto pelo braço e, num piscar de olhos, arremessei-o rio abaixo.

Imediatamente o alvoroço se instalou. Gritos de pavor soaram e alguns homens correram para acudir. Eu mesmo atirei-me ao rio para salvá-lo. Arrependimento culpa, cobrança, influência espiritual, não sei ao certo, o fato é que salvei meu filho do afogamento e de mim mesmo.

61

Max não comentou o fato nem com a mãe. Ninguém ficou sabendo que o quase assassino fora seu próprio pai.

Nem preciso dizer que o relacionamento entre nós piorou tremendamente. Agora não nos falávamos, nem ao menos nos olhávamos.

Brígida percebeu o afastamento, porém nada comentou. O tempo se encarregaria do reajuste, pensava ela. Por essa época Max estava com nove anos e Ralf/Gômeri com seis.

Meu relacionamento com Ralf era um pouco melhor, mesmo porque além de ter uma perna mais curta que a outra, era um debiloide. Só não o afoguei quando nasceu porque a mãe não me permitiu. Por ela seria capaz de qualquer coisa.

Max não gostava de Ralf. Brígida insistia muito no convívio dos dois e Max, por amor à mãe, acabava anuindo e cuidando do Irmão quando necessário.

A vida seguia, sem novidades, mas, internamente, debatia-me com a situação. Era um homem inconformado: não aceitava ser um reles camponês, não gostava dos filhos que tinha, e não desejava viver onde vivia. Enfim nada estava a contento, apenas Brígida me iluminava a existência.

De certa feita me envolvi numa briga. O dono do feudo em que trabalhava foi fazer uma revista, olhar pessoalmente as plantações. Aproveitei o momento. Como estava até os gorgomilos com aquele estado de coisas, falei demais:

- Olhe aqui, senhor, não estamos aguentando mais tanta humilhação! Nossas famílias passam fome, trabalhamos de sol a sol, e não conseguimos sair da miséria. É preciso...

- Será que estou ouvindo direito? Quem mais está com este sujeito? Quem mais é contra as normas vigentes do estado?

Todos permaneceram calados. Olharam-me com certo ódio. Eu estava estragando tudo com minha língua solta, e todos poderiam ser penalizados pelo meu destrambelhamento.

Sem esperar recebi um golpe na coxa direita: haviam encravado uma foice em minha perna. Gritei com desespero. Max, a poucos passos de mim, num impulso desenfreado golpeou meu agressor e o matou.

0 pânico foi geral. Todos resolveram fugir. Ficamos somente eu, ferido, Max, e o dono do feudo, pois quem me agredira fora seu capataz.

Max, sem ter muito que fazer, continuou descontrolado e, com um porrete, conseguiu deixai o outro desacordado.

Aproveitamos para fugir. Eu perdia muito sangue, porém Max conseguiu me carregar até perto do rio. Achou melhor não seguir para casa, pois lá seria o primeiro lugar a nos procurarem. Rasgou sua camisa, com um pedaço desta amarrou minha perna perto da virilha a fim de estancar o sangue, e foi procurar ajuda.

Devo ter desmaiado, pois só despertei com Max molhando minha testa ardente de febre. Estava com ele meu sogro, Stan.

- Que doideira foi esta, homem? Estão como loucos, caçando vocês! Veja agora: Max é um assassino! Matou para defendê-lo! Era isto que procurava? Por que não guardou a língua dentro da boca!

- Pare de falar! Não vê que agora não tem jeito? Tenho que fugir, levar Max, Brígida!...

- Brígida? De forma alguma! Não vou permitir o inferno para minha filha! Ela ficará comigo. Já decidi!

- Isto não! Ela é minha esposa, deve seguir para onde eu for!

- Você não tem mais querer! Suas atitudes colocaram todos em risco de morte! Dane-se sozinho!

Desejei responder, mas a dor era intensa. Desmaiei. Delirando, em febre, pude ver minha mãe. Desencarnada há poucos anos preocupava-se muito comigo:

- Filho! Que fez? Colocou em risco a sua vida e a de seu filho! Poderá desencarnar!

- Mãe, ajude-me, por caridade! Do lugar onde se encontra, peça ajuda. Talvez meu pai possa vir em meu auxílio! Não quero morrer!

Foram horas de muita angústia e dor. Meu estado era gravíssimo. Além de perder muito sangue, o tétano estava agindo em meu corpo.

Horas de agonia. Acabei sucumbindo.

Desencarnei apenas tendo Stan e Max ao meu lado.

Ainda delirava quando minha mãe e os socorristas da Casa de Nazaré, orientados por Boris, vieram me resgatar.

Alguns meses depois, ligeiramente refeito, conversava com Janete, minha fiel amiga, sobre o ocorrido.

- Janete, preciso ter notícias de Brígida! Como e onde está? Responda-me, por caridade!

- Klaus, ainda não tenho permissão para lhe falar. Aguarde, procure se restabelecer. Deus vela por todos os Seus filhos.

- Minha irmã, fui tão mesquinho! Somente pensei em minhas frustrações! Meus anseios de domínio e poder colocaram minha família em risco.
- Isto é verdade, Klaus, você não pensou na família frágil que carregava consigo para o reajuste necessário. Além do mais você regressou antes do tempo.
- É, já andei pensando nisso. Meu prazo era de sessenta anos e estou agora com quarenta e um!
- Esta é uma falta bastante grave! Trata-se dum suicídio involuntário.
-Não, Janete, eu não desejei me matar! Tanto é verdade que fui assassinado!
- Sabemos disso; no entanto você provocou uma situação insustentável, dando chance, inclusive, para Max tomar-se um assassino.
- Pobre Max! Tenho pensado nisso, mas não posso ser culpado pelo assassinato que cometeu.
- Realmente não é o culpado pelo assassinato nem pela atitude de Max, contudo a oportunidade surgiu porque você a provocou. Nesse particular o escândalo**(12)** foi causado por você.
- Mas ele matou porque quis!
- Sim, o instinto de matador falou alto naquele momento, mas ele poderia não ter matado. A oportunidade de matar alguém iria surgir para ele de qualquer forma, mas, sendo você o causador dessa oportunidade, tornou-se coparticipante. Por outro lado não podemos esquecer que ele matou para defender o pai.
- Isso me abalou bastante! Jamais poderia imaginar uma atitude como aquela, provinda de um antigo inimigo.
- Ele tentou salvar sua vida: carregou-o para um local seguro e

chamou alguém para ajudá-lo. Apenas não conseguiu porque o ferimento foi profundo e o veneno do tétano apressou o seu desencarne.

-Talvez se o tétano não tivesse agido, eu ainda estivesse vivo.

- Acreditamos que sim. Porém esse fato não o isenta do assassinato nem o alivia do peso do seu escândalo. Em outra circunstância Max poderia não ter aproveitado a oportunidade de cometer assassinato.

12- está se referindo ao ensino de Jesus contido em Mt 18:7 e Lc 17:1: "Ai do mundo por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual venha o escândalo" (N.R.).

- Agora, além da mão ressequida, também tenho a perna imobilizada!

- Assim acontecem nossas dores, nós mesmos as cavamos. Não adianta nos lamentarmos.

Passei a pensar mais, a observar mais. Já era tempo de mudar. Tivera muitas oportunidades para ser um outro homem, mas, até o presente, apenas acumulara fracassos.

- Klaus, não se culpe tanto. - Boris chegara ao refeitório sem que eu me apercebesse.

- Olá, Boris! Não vi você chegar. Estava falando comigo mesmo.

- Sim, escutei-o. Não adianta se recriminar sem tomar uma resolução firme, meu amigo. Não compreendo porque você se apega tanto ao primitivismo da violência! Isso o levou a ter duas reencarnações fracassadas! Sua mãe o incentivou sobremaneira e, dessa vez, você ainda seguiu junto da mulher amada! Que mais está esperando para ser feliz?

- Francamente não sei, Boris. Também não vejo como sair desta!

- Klaus, o orgulho, a vaidade, e a prepotência, são inimigos ferozes do nosso processo evolutivo; precisamos aprender a nos libertar dessas amarras.

- Você acha que ainda sou orgulhoso e prepotente?

- Ora, Klaus, todo mundo sabe disso! Apenas você não quer enxergar.

- É, estou cego!

- Não, Klaus, e você sabe disso: enxerga seus problemas, simplesmente não quer abrir mão deles. O poder e o mando fascinam lhe muito, ainda. Tenho cá comigo que você continuará a relutar bastante para conquistar a paz íntima.

- Sabe, Boris, você está coberto de razão. Mesmo aqui vivo inconformado: não aceito regras, quero ser livre, viver à minha maneira.

- Ótimo! Deseja a liberdade? Então aprenda a viver em liberdade: você pensa que é livre mas vive escravizado à ganância do poder; você pensa que domina mas isso é só aparência. Se não fosse o amor ilimitado de sua mãe, ainda estaria obedecendo as ordens de Néfros ou de Astúrio. Isso é liberdade?

- Creio que não.

- Então, Klaus, cresça meu filho. Reflita sobre a liberdade do Evangelho e aprenda que o poder e o orgulho nada significam em nossas vidas. São ilusões que nos impomos para disfarçar nossas fraquezas diante da Lei Divina.

- Boris, deste jeito você acaba comigo!

- Não seja tolo nem infantil! Não desejo acabar com você, desejo sim que seja feliz, que ame, que faça o próximo feliz, que realmente conquiste o amor sincero de Brígida, que seja um autêntico filho de Deus.

- Puxa só isto?

Rimos os dois e saímos a caminhar.

Neste ponto da minha caminhada preciso esclarecer aos irmãos que me leem.

Não lhes está sendo difícil perceber minhas dificuldades: aceitar os ensinamentos evangélicos, enxergar-me como filho de Deus, aceitá-lo como Supremo Criador, aceitar que sou um homem limitado, respeitar meu próximo...

Naquela época minhas oportunidades tinham sido inúmeras, entretanto não conseguia viver reencarnado sem deixar aflorar o velho bárbaro que continuava existindo em meu íntimo.

Compreendo hoje que o estágio de violência que vivenciamos é o instinto falando mais alto que a inteligência, é a ignorância se sobrepondo ao aprendizado infinito do dia a dia.

Naquele momento da minha trajetória as informações e as dedicações dos irmãos amigos eram abundantes, mas mesmo assim anula não surtiam efeito no coração empedernido que pulsava em meu peito.

Como resisti ao Bem! Quantos atos impensados, contrários a minha saúde espiritual, pratiquei. Pensando melhor eu era

covarde, embora me achasse um herói, um bravo guerreiro,
aquele que resolve qualquer problema de frente, que
Não teme o inimigo.
Sempre estive pronto para a luta corporal, esquecendo-me que
o embate do sentimento é muito mais difícil. Lutar corpo a corpo,
hoje sei, é uma atitude própria dos covardes.
Penso que resistir ao bem é também covardia, pois, não
conseguindo trabalhar intimamente com a força do amor, então a
repelimos antes de sermos por ela dominados.
Quanto tempo desperdiçado! Quanta dor distribuída!
Vocês leram que voltei para a Casa de Nazaré combalido pela
dor, mas ainda não estava implantado em mim o cerne do amor.

66

Haveria de sofrer muitas outras derrotas para entender Jesus.

Sigamos nos relatos.

Mais uma reencarnação foi preparada para meu Espírito. Desta vez iria conviver com algumas das mulheres - mães e irmãs - vilipendiadas por Gráviu. Meu pai e irmãos seriam antigos escravos conquistados sob o poder deste mesmo malfeitor.

Século IX, ano de 896, nasce Joseph. Um belo garoto, forte, mas aleijado. A mão direita era ressequida e a perna também apresentava a parte da coxa ressequida além de uma marca profunda da virilha ao joelho.

- Credo? Que é isto? Que castigo, meu Deus! - Minha mãe chorava e ao mesmo tempo se questionava, pois achava que estava sendo -. castigada por dar à luz uma criança com terríveis defeitos físicos.

Quando fui apresentado aos parentes e vizinhos, todos me acharam lindo por verem somente o rosto; porém, com o passar dos anos, as deformações se apresentaram, contundentes.

Ninguém gostava de brincar comigo por eu não conseguir pegar nada direito nem correr; puxava a perna direita que, teimosamente, não reagia aos meus comandos.

Meu pai, um homem rude, desprezava-me. Para ele eu era um fardo, já que não podia ajudá-lo no trabalho do campo. Ainda vigorava o sistema feudal e, novamente, éramos camponeses.

Atrás de mim vieram mais duas mulheres e só o último era menino.

Não me dava bem com ninguém da família.

Minha mãe também era bem grotesca. Típica mulher de serviços abrutalhados, mal falava conosco, exigindo sempre ajuda para qualquer tipo de tarefa. Reclamava o tempo todo,

principalmente comigo porque era o mais velho, inútil, e bem pouco conseguia fazer.

Minhas irmãs e meu irmão tinham-me aversão e vivíamos às turras. Enfim, meus inimigos encontravam-se todos reunidos naquela casa.

Sentia-me só.

Escapava de casa sempre que fosse possível para me encontrar com o senhor Pedro, homem idoso, também camponês, que vivia mais ou menos a um quilômetro da minha casa.

Era com esse senhor que eu conversava e aprendia sobre conduta moral. Ele me falava sobre as Escrituras**(13),** mas apenas sobre o que a igreja nos permitia falar, pois naqueles tempos só os padres detinham o conhecimento das verdades divinas. Eram eles os representantes legais de Deus.

Gostava tanto de ouvir seu Pedro falar que não me preocupava de receber uma surra quando chegasse em casa, pois era sempre esse o castigo recebido pelas minhas escapadelas.

- Menino malvado! Foge de casa para não trabalhar! É isto que merece! - E lá vinham lambadas.

Era sempre minha mãe quem ralhava comigo porque poucas vezes nos víamos, eu e meu pai.

Fui crescendo com essa dicotomia: alegrava-me em ouvir coisas santas da boca de seu Pedro, mas odiava estar em casa e conviver com toda aquela gente.

Rebeldia e ódio faziam parte integrante de mim.

Não obstante muitas vezes desejava fazer alguma coisa boa, porém logo vinha o desânimo: era só alguém me provocar que toda aquela boa intenção sumia de minha mente.

Rezar? Isso nunca! Não queria falar com Deus. Afinal de contas Ele me castigara - eu não sabia o porquê, mas me castigara.

-Eu era um aleijão.

-Por que falar com um Deus perverso que nos faz sofrer? Era o que respondia para o seu Pedro quando este me estimulava a pedir ajuda ao Pai Todo-Poderoso.

- Todo-Poderoso coisa alguma! Eu sou mais do que Ele porque nunca aleijei ninguém!

13-Tratam-se das Escrituras Sagradas, relativas à Bíblia (N.R.).

- Bata na boca, menino, isto é blasfêmia! - Repetia sempre o bondoso velhinho.

- Deus é bom e misericordioso, só castiga quem merece. Seus antepassados fizeram algum mal, coisa muito ruim mesmo para você nascer deste jeito**(14)**Mas não se perturbe, seja um bom menino e Deus se alegrará com você.

14 - Tal afirmação de seu Pedro está conforme as alterações feitas nas traduções das Bíblias católicas e protestantes as quais reproduzo: "Não te prostrarás/adorarás diante delas e não lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus cioso/zeloso que pune/visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me ofendem/aborrecem, e uso/faço de misericórdia até a milésima geração para com os que me amam e cumprem os meus mandamentos." [Ex 20:5-6 (primeiro mandamento)]

* Tais alterações-falsificações do Antigo Testamento a partir da Bíblia nominada Septuaginta - que é a tradução grega mais antiga da Torah hebraica, realizada do III ao I A.C. ou, como alguns afirmam, em 132 A.C, por setenta e dois representantes judeus - foram malévolas porque propositadamente feitas por aquelas igrejas, porquanto a Bíblia nominada Vulgata Latina, que é a tradução latina da Septuaginta, realizada por São Jerônimo (347/319) em 383 d. C, a pedido do Papa Dâmaso para corrigir os erros da Bíblia nominada Vetus Latina, ou ítala, que por sua vez era, em I d. C, a tradução latina corrente da Septuaginta, feita por tradutores informais e, por isso mesmo, eivada de contradições, passou a ser considerada a versão oficial da igreja romana pelo Concilio de Trento (1545-1547, em Trento; 1547-1549, em Bolonha; 1551-1552, e 1562-1563, novamente em

Trento) de todas as Bíblias tidas como originais. Essa manobra teve como finalidade acomodar a Lei Divina à vida única, eliminando assim a reencarnação. Todavia aquelas aleivosas intenções adúlteras foram, finalmente, retificadas e exibidas na Nota 1 do Capítulo I de O Evangelho Segundo o Espiritismo à qual, agora, remeto o leitor atento.

69

São Jerônimo, um dos quatro doutores da igreja ocidental, foi um exímio e erudito filólogo, além de grande exegeta bíblico, que traduziu o Antigo Testamento diretamente da Torah hebraica; quanto ao Novo Testamento apenas fez uma revisão latina da Vetus Latina.

-Não tenho a mínima vontade de ser um bom menino Para quê vou alegrar quem me castigou? Esta história não é para mim!-

Então, se não quer ser um bom menino, por que vem sempre aqui conversar comigo? Tinha fé de que pelo menos você poderia dar boa coisa.

- Não sei não, seu Pedro, ainda não sei ao certo porque venho aqui. Acho que já vou. - E saía sempre com pressa, embora não pudesse correr.

- Veja lá! Você arrasta esta perna por algum motivo, menino!

Mas eu já seguia sem dar atenção ao que o velho falava. Nesse ritmo me fiz homem.

Conheci Esmeralda, uma linda jovem que veio de outras terras para morar com os tios. Tinha ficado órfã e o irmão de sua falecida mãe trouxe-a para morar com ele no mesmo feudo que nós. Não demorou muito e já estávamos nos olhando com mútuo interesse. Meu pai arranjou tudo com o apoio de minha mãe.

- Joseph, você já é um homem. Conversamos com o senhor Cavalieri e está arranjado o casamento com a sobrinha dele. A moça é órfã mesmo, não tem mais ninguém a olhar por ela, e você é um inútil para nós. Assim sendo todos julgamos por bem esse casamento.

Meu desejo era o de brigar, pois estavam se desfazendo de mim, mas, como tinha gostado da moça, aceitei sem murmurar.

Os filhos começaram a aparecer. Ao todo foram sete. Já que eu era meio aleijado, precisava de bastante ajuda masculina para me sustentar e também toda família. Nessa parte Deus colaborou porque, dos sete, seis foram homens.

Não posso falar nada de ruim porque minha vida naquela reencarnação foi relativamente boa. Nada fiz de bom, mas

também nada de ruim plantei.

Desencarnei sem grandes feitos.

71

De volta à Casa de Nazaré fui recebido até com certa alegria. Pela primeira vez eu não tinha cometido nenhuma violência. Não tinha sido um exemplo evangélico, porém conseguira me manter dentro de um padrão relativamente normal.

- O que é isto? Padrão relativamente normal! - Perguntei a Jupreste, meu novo esclarecedor, já que Janete estava cumprindo santos deveres no lar, junto de sua família reencarnada.

- Significa que você agiu como a grande massa: não cometeu grandes nem pequenas atrocidades, mas passou pela vida sem produzir algo de bom e útil para si nem para seus próximos.

-Vivi!...

- Contudo a vida é mais do que simplesmente viver, Joseph. Precisamos mudar nosso padrão mental. Tantas vezes você foi alertado! Boris foi incansável nas lições evangélicas e Janete esmerou-se em transmitir-lhe amor, entretanto nada disso foi colocado em prática nesta sua última romagem.

- Mais uma vez fracassei!

- No sentido evolutivo, sim, houve o fracasso. Você, vamos dizer assim, ficou parado, estagnado.

- Voltei para trás, joguei fora todos os ensinamentos!

- Nunca regredimos, Joseph! O conhecimento está dentro de você mesmo. Nada é jogado fora, apenas não colocou para fora ofl que existe de bom em você.

- Sou um crápula!

- Nunca diga isto. Você é filho de Deus e como tal possui todas as qualidades divinas, seu orgulho é que o escraviza à inércia.

- Não sei mais o que fazer comigo. O ódio ainda permanece dentro de meu peito sem que eu tenha forças para suplantá-lo.

- Tenha calma, porém precisa se esforçar mais. A misericórdia

divina é infinita. Perceba que ainda foi recebido nesta abençoada Casa.

- Percebi sim. Só não entendo como continuo a ser ajudado depois de tudo que fiz.

- Joseph, é a justiça divina, é a sua infinita misericórdia, é o seu pleno amor. Jesus, o representante fiel das Leis Divinas, Concede-nos amplas, infinitas, oportunidades. A sua estadia aqui também esteve para protege-lo. Proteger-me do quê? De si próprio. Analise: se não estivesse sob a proteção do Mestre Jesus, onde estaria neste instante?

- Acredito que com Astúrio, Néfros, e toda quadrilha do Mal.

- Exatamente. Optaria pelo Mal, sem sombra de dúvida.

- Jupreste, como Jesus sabe do meu caso?

- Meu amigo, Jesus sabe de tudo. Nada passa despercebido do nosso Governador Planetário. Sua mãe tem lhe disso a grande porta-voz dos desígnios divinos.

Minha mãe, minha adorada mãe! Mais uma vez em meu caminho...

- Não só mais uma vez como sempre. É ela a benfeitora de sua existência. Cuida, vela, sacrifica-se por você.

- Sacrifica-se!

- Sim, dedica horas de trabalho ao seu bem estar. Costuma ofertar-lhe suas boas ações para mantê-lo longe das más influências. E pelo bom servir que conquistamos valores sagrados na luta para o Bem, para o progresso, conforme as leis soberanas do Senhor.

- Devo tudo à minha querida mãezinha!

Tudo e muito mais. Sua mãe é um espírito de muitos méritos. Por várias vezes embrenhou-se em difíceis reencarnações a fim Je sustentá-lo, como orientadora de suas condutas. Por muitas eras labutou em proveito dos entes amados, e desde imemoráveis tempos você e ela se revezam no aprendizado.

Espere Jupreste, explique-se melhor! - Minha curiosidade era enorme.

- Quero dizer que desde muitos séculos vocês convivem juntos na como amantes ou ora como inimigos em campos de batalha ou ora como pais e filhos. Isso se deu mesmo em outro orbe das Infinitas casas do Pai.

Quando chegaram aqui a Terra era ainda um planeta muito primitivo e Ismernia, sua mãe, transformou-se, aprendeu a lição do degredo, e começou sua escalada ascensional com bastante

êxito. Você, porém, chafurdou-se ainda mais na barbárie e na violência. O campo, aliás, era propício para isto, pois o planeta era selvagem, primevo, e tudo havia para ser feito.

- Então não tenho culpa de ser como sou! Fui criado assim e colocado num mundo favorável ao ódio!

- Não me faça rir! Sua infantilidade raia a beira da ingenuidade! È claro que você não pode e nem deve culpar Deus por ser como é. Seu caráter sim, ainda é primitivo.

Envergonhei-me. No fundo eu sabia o tamanho da tolice dita.

- Não preciso recordá-lo dos excessivos ensinamentos recebidos, já falamos sobre isso agora há pouco.

- Tem razão, irmão Jupreste, continue, prometo permanecer calado.

- Não precisa ser drástico, pode falar, porém seja sensato. Aprenda a refletir e a agradecer ao Criador por todas as graças recebidas. Seja justo, mude o pensar, não seja tão intempestivo. Cresça! Não é mais uma criança necessitada de tolas justificativas para os seus erros.

- Acho que nunca vou mudar!

- Mais outra tolice! Pense diferente! Deseje realmente mudar e aja conforme as Leis Divinas, entranhadas em você desde a Criação. Esta conversa já foi repetida milhares de vezes e mesmo assim você insiste no derrotismo. Continuo a dizer que o seu problema é o exagerado orgulho.

Jupreste se levantou, virou-me as costas, e ia sair. Envergonhado, tentei detê-lo:

- Irmão, não se vá, continue a me contar sobre minha mãe!

- Desculpe-me, Joseph, mas você não está nem um pouco interessado. Fique com a sua teimosia.

Sozinho, pude mais uma vez compreender que estava profundamente errado, mas, mesmo assim, senti-me magoado: ele não tinha o direito de ralhar comigo. Afinal não era ele o bonzinho, o dedicado à causa do Bem ao próximo?

Ora, vejam! Vou reclamar com o Diretor da Casa!

- Você devia dar o exemplo! - Gritei para que o amigo ouvisse a última tentativa de uma criança mimada e egoísta.

Algumas semanas se passaram e nada de Jupreste retornar paia continuar me esclarecendo.

Quanto mais o tempo passava mais magoado me sentia. Resolvi reclamar mesmo com o Diretor.

Vexame total, levei outro bronca.

- Joseph, meu querido Joseph, suas queixas são infundadas. Jupreste já me contou esta história. Por que deveria insistir num tratamento infantil? Quando vai criar juízo para os assuntos sérios? A vida não é uma brincadeira. Não podemos tratar os outros à revelia dos nossos prazeres. Jupreste foi muito tolerante consigo, porém você está a reclamar das reprimendas. Consultando nossos Maiores, novos objetivos foram traçados para você.

- Quais? - Desejei logo saber.

- Jupreste irá procurá-lo em breves dias; porém, como veio até mim, já vou lhe informar.

- Estou pronto! - A vaidade novamente se manifestava.

- Tendo em vista sua insistência no primitivismo dos pensamentos e na inobservância dos ensinamentos evangélicos, você reencarnará novamente. Como na última vez seguirá só, com seus desafetos. Enquanto não aprender a tratá-los com respeito nem lhes fizer algo de bom, não se livrará desta incumbência.

- Novamente? Isto é perseguição! Vocês não estão querendo colaborar comigo!...

- Você tem consciência de que o seu discurso não condiz com a verdade. Não iremos mais lhe tratar como um infante. Reflita e tire suas conclusões. Terá todo nosso apoio, porém agiremos à distância.

Gelei. Tanto insisti na minha caturrice...

- É a sua oportunidade de fazer valer o muito recebido. Se não fazer o mínimo esforço, não poderemos mais recebê-lo nesta Casa abençoada. Estará à sua própria sorte. Suas atitudes estão a nos informar o seu desejo de viver governando novamente a sua própria vida. Cresça, meu filho. É só.

Não consegui mover-me do lugar. Totalmente à revelia fui encaminhado para a porta de saída. Com as indicações das mãos, justos, o Diretor entregou-me nas mãos caridosas de Jupreste que já me aguardava do lado de fora da sala.

Permaneci em silêncio até meu quarto. O irmão, afável, colocou-me sentado confortavelmente numa cadeira e saiu fechando a porta.

Completamente só, chorei. As lágrimas escorreram, abundantes, pelo meu rosto. Compreendia agora com toda força o grande fosso cavado por mim mesmo. Tanto desprezei os ensinamentos fraternos, as lições numerosas de bem viver, que fiquei à mercê das minhas próprias sandices.

- E agora? Que farei?

Uma semana depois da conversa com Justos, o novo projeto reencarnatório me foi apresentado.

Nunca mais tive notícias de minha mãe nem, muito menos, suas visitas, como vez ou outra costumava fazer. Nem mesmo naquele grave momento ela se apresentou.

O dia estava lindo e o sol brilhava trazendo esperanças em meu condoído coração, entretanto a tristeza havia tomado contas do meu ser. Parecia que ninguém dava a mínima importância para mim. Andava cabisbaixo e nada dizia, contudo os pensamentos me torturavam:

- Bem, Joseph, aqui estamos para traçar os pontos fundamentais de sua nova existência. - Cirílios era o novo encarregado dos projetos reencarnatórios. Apenas Cirílios, Jupreste, e eu, o interessado, fazíamos parte daquela reunião.

Encontrava-me apreensivo, trêmulo, inseguro, embora o dia estivesse muito convidativo para futuras perspectivas.

-Joseph, seu novo corpo será totalmente saudável, sem nenhum resquício de defeito. Voltará com bastante vigor para poder enfrentar os problemas morais que surgirão em sua nova existência. Como já é de seu conhecimento terá, como companhia, antigos desafetos como pais, antigos escravos por você flagelados pelos lados da Mongólia. Nascer-lhe-ão cinco filhos homens, todos defeituosos, expondo em seus próprios corpos as tragédias cometidas em corpos alheios, pois foram seus comparsas em lutas fratricidas. Você deverá cuidar deles e, além do mais, educá-los para o Bem por haverem estado, até bem pouco tempo, escravizados aos poderosos das Trevas.

Cirílios tomou fôlego e continuou:

- Esses espíritos foram recolhidos pela misericórdia divina e estão sendo preparados para reencarnar brevemente. Haverá também dificuldades de conciliação entre pais e filhos; não obstante você será a peça chave para haver harmonia no seio de todos.

Será soldado e terá a difícil tarefa do poder, pois chefiará um dos destacamentos do exército do rei de França, país que o acolherá. Suas ações deverão observar as Leis Divinas, pois as tem aprendido constantemente. Estamos enfrentando a época das cruzadas**(15),** terríveis lutas em campo santo, travadas em nome do Cristo Jesus. Prepare-se para corresponder aos desígnios

divinos.

Enfrentará também o assédio de várias mulheres que tentação levá-lo a uma vida dissoluta e, como não terá uma esposa amorosa, pois, ao invés, será uma desafeta antiga, será testado na questão do adultério.

15-Foram oito expedições militares realizadas pela Europa cristã por instigação li i papado no período de 1096 a 1270. Seu objetivo foi o de socorrer os cristãos do Oriente, resgatar o Santo Sepulcro tomado pelos muçulmanos, e defender os Estados Unidos latinos do levante, na Síria e na Palestina (N.R)

- Enfim, Joseph, as suas provas estão alicerçadas na conduta reta, fiel, e ética, dos ensinamentos recolhidos nesta Casa por você há bastante tempo. Deseja perguntar alguma coisa?

- Alguém me ajudará no preparo para esta tarefa de tão grande envergadura?

- È claro que sim, Jupreste estará sempre ao seu lado. O preparo será difícil, porém dentro de você já existe todo instrumental para sair triunfante. Não está lhe sendo exigido nada além do que já pode dar.

Psicologicamente estava deprimido, achava-me vítima dos Irmãos Maiores. Veio de Jupreste a palavra amiga de sempre e de encorajamento:

- Vamos, meu amigo, as coisas não são tão ruins quanto está pensando!

Jupreste, as coisas são piores! Fracassei tantas vezes!... Imagine agora, quando não terei ninguém a meu favor! Recebi um pesado fardo para carregar, não irei suportá-lo!

- Joseph, olhe bem para mim: use a sua força para o Bem. Vejo que não avaliou corajosamente a sua situação, você precisa dessa experiência para se desvencilhar, definitivamente, das amarras do orgulho. Vamos, coragem, irmão! A vida está a lhe sorrir!

Regressei ao meu quarto bastante pensativo. Passei, desde então, várias noites em claro, sondando meu íntimo. O que realmente desejava para mim? Seria capaz de me transformar como todos me aconselhavam? Algo em mim estava mudado.

Foram longos meses de preparo e dedicação constante dos irmãos da Casa de Nazaré, principalmente de Jupreste.

Efetivamente eu mudara, porquanto passava a vet com outros olhos os meus irmãos do Bem. Aprendera a duras penas o

respeito para com os outros internos, todos tão carentes quanto eu próprio.

Passei a fazer planos mais otimistas. Realmente eu conseguira realizar algumas transformações íntimas.

- Jupreste, tem reparado em mim?

- Sim, e muito. Sua mudança salta à vista de todos. Tenho escutado comentários elogiosos sobre a sua conduta. Já não era sem tempo.

- Penso da mesma forma: já não era sem tempo.

- Melhor assim. Recebemos de Justos a informação da proximidade do seu renascimento. Acontecerá dentro de doze meses.

Alegrei-me. É bom já termos uma data.

Quando trabalhamos com dedicação e afinco, o tempo parece voar, e foi justamente o acontecido com a data do meu nascimento.

Os primeiros tempos foram muito difíceis. Novamente me encontrava inserido numa família sem recursos monetários. O trabalho era prioritário para que nos mantivéssemos vivos.

Dessa vez o meu lar não era nos campos mas sim em plena cidade: Paris, século XIII, ano de 1250. Minha família servia ao rei. Morávamos num dos alojamentos do imenso castelo pertencente a sua alteza real**(16).**

Devo confessar que as instalações eram bem melhores e a comida era, igualmente, mais farta, embora não fosse em excesso.

François era o terceiro filho do casal. Acima de mim havia Charles e Francine, enquanto abaixo havia Vicente. Vivíamos em harmonia.

Meus pais eram muito exigentes, motivo pelo qual sempre raIhavam comigo por qualquer motivo. Eu lhes obedecia, invariavelmente. Nunca levantava a voz para os mais velhos nem tampouco brigava com meus irmãos. Devotava-me ao bom viver, conforme aprendido na Casa de Nazaré.

Meu pai era soldado da Cavalaria Real. Eu adorava cavalos. Achava-os lindos e garbosos, além de orgulhosos e valentes. Desde pequeno desejava seguir os passos paternos.

Minha mãe uma das arrumadeiras do castelo. Tratava-se duma mulher bastante rabugenta e faladeira. Vivia falando mal de toda corte. Para ela nada estava bom, ninguém era moralizado. Vejo-a hoje como uma mulher imensamente revoltada e infeliz naquela posição.

Até aos meus quinze anos não me lembro de nenhum pensamento de ganância nem de ódio nem de rancor, e nem de conquista. Desejava apenas, montado num cavalo, servir ao rei.

As guerras eram muito comuns naquele século, de modo que estávamos sempre às voltas com mortes de guerreiros. Desaparecimentos de maridos e filhos eram comuns, causando enormes sofrimentos para as esposas e mães. Isso me sensibilizava. A verdade era que não podia ver nenhuma mulher chorando que desejava consolá-la.

Com dezesseis anos me fiz soldado. Ganhei um cavalo para minha montaria, e as jornadas de trabalho aumentaram. Além de cuidar de mim precisava também cuidar dos animais, dos companheiros de tropa, e providenciar alojamentos quando estávamos em campanhas fora da cidade e do país.

Vida difícil.

Sempre que possível, quando nos alojávamos perto de alguns vilarejos ou cidades maiores, visitávamos as tabernas. Muitas bebidas c mulheres. Meus instintos sensuais estavam a todo ímpeto.

Não podia ver uma saia que logo corria atrás. Moças bonitas, novas, a maioria buscava diversão; também encontrei algumas outras moças nas mesmas condições, porém por imposições dos próprios pais.

Conheci a vida pelo pior lado: a dor pungente. Quando chega, é amarga!

Várias, meninas ainda, pediram-me para levá-las comigo. Eu, como um bom aproveitador, iludia todas. Era capaz de passar horas ouvindo seus lamentos, mas era incapaz de correr algum risco por elas.

Não foi assim com Margot, uma jovenzinha de catorze anos por quem me apaixonei perdidamente.

Estávamos no sul da França quando a conheci. Ela vivia em uma taberna como cozinheira e, nas horas vagas, servia de dama de companhia para o primeiro bêbado que oferecesse mais pelos seus serviços. O taberneiro sabia explorá-la muito bem, pois, afinal de contas, Margot não passava dum peso morto, filha de seu irmão morto na guerra. Um dia a cunhada daquele chegou com a garota, pediu-lhe abrigo por uns dias, e sumiu na vida, deixando

para trás aquele fardo. Era preciso então cobrar-lhe a estadia, a comida, a roupa, etc.

Desde seus onze anos Margot atendia tanto ao tio quanto a qualquer bom pagador que aparecesse. Como era uma jovem muito bonita, nunca lhe faltavam assediadores. Fui eu também um deles.

Margot encantava-me. Sua vitalidade, seus olhos negros profundos, seus cabelos macios... Aparentemente tudo me chamava atenção naquela cozinheira e cortesã.

Lembro-me bem de todos meus companheiros terem desfrutado das horas de prazer da menina-moça encantadora. Eu, no entanto, fui o mais pertinaz.

Ficamos acampados muitos dias, mais de dois meses, na verdade; pude então chegar a me apaixonar.

Margot nada dizia, mas, nalgumas ocasiões, percebia certo temor em seu olhar e, então, evitava-me.

Com o orgulho ferido por notar seu desprezo, comecei a mudar minhas atitudes. Antes fora a ternura, talvez a piedade, por saber das dificuldades por ela vividas, agora era a raiva que agi-tava meu íntimo.

A mudança fez ressurgir novamente o antigo bárbaro. Tive ímpetos de esbofeteada muitas vezes e por pouco não o fiz. Ao mesmo tempo sentia-me atraído, algo em mim mesmo estreitava os laços de união com a bela e candente francesinha.

Por preço relativamente barato comprei a exclusividade da companhia de Margot. Cumpria minhas obrigações no acampamento e, à noite, minhas horas eram dedicadas ao lazer.

Muitas vezes usei da força para conseguir o prazer carnal.

Naquelas horas Margot olhava-me com os olhos marejados de lágrimas, e o arrependimento batia-me. Outras vezes eu mesmo me afastava e deixava-me levar por diferentes companhias.

Enfim, pensava eu:

- Por que não aproveitar minha juventude e virilidade para me divertir? Estou me envolvendo demais com a enjeitadinha, preciso tomar cuidado para não me comprometer demais.

Já era tarde.

Por fim, quando a ordem de levantar acampamento soou, desesperei-me em deixar minha francesinha preferida. Porém, na noite da véspera de nossa partida, fui surpreendido pela visita do taberneiro:

- Você não vai sair sozinho daqui, não! Se pensa que vai deixai

uma mulher prenha para eu cuidar, está muito enganado.

- O quê? - Perguntei quase gritando, descontrolado.

- Foi isso mesmo que você ouviu! Aquela desgraçada deixou-se engravidar! Agora você que leve os dois daqui ou eu afogarei ela e a criança antes mesmo desta nascer!

Não posso levar ninguém, não quero família! Margot é uma moça de todos e foi desfrutável por todos! Ademais, quem disse que esse filho é meu? Pode ser de qualquer um!

Não quero saber se é seu ou não! Você parece que não en-u in leu, aqui não tem querer! Ela vai com você!

- Não vou levá-la e pronto!

- Quer morrer? Eu é que não vou dar de comer a mais uma!...

Já faz muito tempo que essa bastarda mora comigo e não quero mais ninguém morando em minha casa para eu sustentar. Ela vai, sim.

Dei de ombros e ia virar-me de costas para sair, quando o velho disse:

- O filho é seu porque pagou exclusividade, então...

- Este argumento nada significa, pois, antes, ela se deitou com todos, inclusive com você. Quem me garante que na minha ausência você não desfrutava da sensualidade da moça?

- Esta dúvida é sua e não minha! - E saiu, rindo às gargalhadas. Não consegui dormir naquela noite. Nosso comandante, sabendo da história, nada falou. Partimos na alvorada.

Sem Margot. Exultei.

Maldito taberneiro! Afinal, saiu sem um tostão. Chantagista! Ainda bem que se arrependeu. Com os pensamentos livres segui viajem sem nenhuma outra preocupação.

A vida na corte seguia normalmente. Os afazeres de um soldado alegravam meus dias. Mais uma vez voltava às diversões nas tabernas da cidade. As moças eram alegres, e a vida continuava a mesma. Asserenei minha consciência e segui contente.

- François! Não quero saber de ninguém na minha casa! Trate de arranjar um canto para aquela outra lá!

- De quem o senhor meu pai está falando? Não posso atendê-lo neste instante, faltam alguns animais para eu cuidar e, depois...

- Largue agora, estou mandando! Jofre, seu comandante, já sabe de tudo e resolveu conforme achou melhor.

Sem entender do que falava meu pai, resolvi atendê-lo.

- Margot? O que faz aqui?

A moça permaneceu calada, olhos voltados para o chão.

- Não me ouviu? Preciso repetir? - Gritava, exasperado. Quanto mais me agitava, mais a moça abaixava a cabeça. Foi Jofre quem interferiu:

- François, fui eu quem combinei com o taberneiro a vida dela para cá.

Arregalei os olhos, pois não podia acreditar no que ouvira.

- François, venha, vamos conversar. - Seguimos rumo à estrebaria para nos entender, considerando o lugar estar deserto naquela hora.

- Naquela noite, depois de conversar com você, o taberneiro me procurou. Contou-me o ocorrido e me ameaçou, caso eu nada fizesse para socorrê-lo naquela empreitada.
- Não entendi! O que você tem a ver com o caso para ser ameaçado?
- Com o caso, nada; mas, naquela ocasião, ele apelou para eu intervir e resolver o problema dele por eu tet dívidas antigas para com ele.
- Dívidas? Com mulheres, jogo, ou o quê? - Desejei logo saber.
- Bem, François, gostaria de não comentar sobre isso.
- Como assim, não comentar! Quer dizer que você combina tudo, arruína minha vida, e depois não quer me contar o motivo? Quero saber, caso contrário irei levá-la de volta e que se dane a sua dívida! Resolva seu problema com ele.
- Cale-se, François, fale mais baixo, alguém poderá nos ouvir e estarei perdido!
- Então fale logo. - Ameacei-o.

Percebendo o desconforto de meu superior, comecei a tirar vantagem daquela situação. Poderia dominá-lo e virar o jogo. Tudo era possível.

Eu já não era mais o mesmo, minhas disposições íntimas estavam mudando. Toda passividade existente em meus vinte anos estava desaparecendo. Será que Gráviu estaria ressurgindo? Sim, minha antiga personalidade estava novamente me dominando; lenta, porém de forma efetiva.

Jofre iniciou o relato, meio constrangido:

- François, eu não esperava esta sua reação! Você me parecia um rapaz mais cordato.
- As aparências enganam. Ademais, também fui traído e quero

revanche!

- O que você pretende fazer com minha confissão?

- Até agora não sei. Preciso averiguar os fatos e depois decidir.

- Pense bem, François! Podemos fazer uma parceria! Afinal de contas a menina não é tão ruim, não é de se jogar fora! Fez muito sucesso lá na taberna e poderá fazer o mesmo aqui também.

- Ora, ora, Jofre! Você está tentando me induzir a ficar com a moça? - Cocei a cabeça e pedi para que continuasse.

- Quando eu era mais jovem apaixonei-me pela filha da Condessa Mariette. Suzette era um primor, porém minha condição de cavalariço não me permitia qualquer aproximação.

Admirava-a ao longe. Partia meu coração ver aquela jovem menina, nos seus catorze anos, ser cortejado pelos nobres adversários.

- Adversários! Você não achou que foi muita pretensão sua?

- Naquela época eu não vi desta maneira. Ela haveria de ser minha. Continuando, Suzette era encantadora e, quanto mais o tempo passava, mais eu me apaixonava.

- Antoine, o atual taberneiro, tio de Margot, trabalhava aqui, junto à realeza, cuidando das hortaliças. Éramos muito amigos. Um confidenciava com o outro e era evidente que não eu agiria diferente com meu amor por Suzette. Contei-lhe tudo.

- Quanto tempo faz isso?

- Muito tempo; trinta e um anos já se passaram desde o ocorrido.

- Antoine traçou um plano: roubaríamos a filha da condessa e a levaríamos para longe, onde eu poderia desfrutar da minha amada.

- Prometi ao amigo que cuidaria dela com desvelo, pois era o grande amor de minha vida.

Tudo planejado e acertado, executamos a operação.

Numa noite predeterminada nos reunimos no corredor perto do quarto de Suzette.

Com interesse puramente sensual Antoine preparou uma das damas de companhia da pequena jovem a fim de podermos raptá-la tranquilamente.

O plano previa colocar uma dose de barbitúricos na alimentação noturna de Suzette para que ela dormisse profundamente e nada notasse, bem como providenciar para que ninguém estivesse nas imediações de seus aposentos.

O desejo carnal aflorado e o vinho embriagante resolveram o problema. A dama de companhia adormeceu e Antoine e eu pudemos sair em segurança das dependências do castelo, carregando o fardo precioso, o mais valioso de minha vida.

Tudo correu conforme o planejado. Depois de sairmos das muralhas da moradia imperial rumamos céleres para o local que hoje é a pousada onde vivia Margot. Na época era um local abandonado, de propriedade de minha família, terras conquistadas pelo meu bisavô quando em prestação de favores para o antigo rei.

- Quer dizer então que você é o dono da taberna? - Perguntei com ar de espanto.

- Não, François, dei-a para Antoine em pagamento aos serviços para mim prestados, ou seja, trazer-me Suzette. A minha parte na propriedade é justamente o pedaço de terra onde foi instalada a taberna. Há trinta e um anos só existia uma pequena cabana utilizada como ponto de parada para as campanhas de guerra empreendidas pelo rei.
- Ninguém da sua família estranhou o fato?
- Sim, meus irmãos, pois os antepassados já haviam morrido e nem mesmo meus pais viviam. Inventei uma história convincente: a cabana seria usada pelo próprio rei em missão especial, tão especial que era confidencial. Quem falasse sobre isso, morreria. Assim todos se calaram e até hoje ninguém soube da verdade.
- Então continue, estou ansioso para saber o desfecho desta aventura!
- Sabe, François, hoje me encontro arrependido. Estou casado, tenho uma filha, e morro de aflição em pensar que caso semelhante possa acontecer com minha Henriqueta.
- Deixe de besteira, continue! Não acho que esteja arrependido, visto haver prejudicado minha vida agora!
- Exatamente por isso foi que agi defendendo Margot. Vi nessa criança a minha filha, apenas um pouco mais velha. Não lhe desejo o mesmo drama de consciência para você daqui a alguns anos.
- Ora, ora, Jofre! Esta conversa está ficando muito piegas. Eu decidirei o que fazer da minha vida, não gosto de intromissões.
- Sempre o vi de forma diferente, sempre cordato com seus pais. Eu o conheço desde criança e durante todo esse período vc u c me pareceu ser um bom rapaz.

- As coisas mudaram. Tenho para comigo que fui um fraco nesse tempo todo, principalmente com meus pais e irmãos. Agora quero aproveitar a vida, principalmente com as mulheres.

Adoro me sentir o dono dessas vadias.

- Calma! Não devemos tratar as mulheres violentamente, aprendi isso com meus próprios erros.

- Continue sua história, quero saber.

- Bem, logo que cheguei na cabana com Suzette coloquei-a no monte de feno que servia de cama para todos aqueles que lá pernoitavam. Encontrava-me sozinho, pois Antoine ficara em casa, era o combinado. Tudo deveria voltar ao normal, mesmo porque não poderíamos levantar suspeitas com o desaparecimento de uma jovem da nobreza.

Minha ansiedade era exagerada. Em minha mente eu estava perdidamente apaixonado por aquela jovem mulher. Minha cobiça perturbava-me. Comecei então a despi-la. Ainda adormecida, sentia o frescor de sua pele em meus dedos. Para minha satisfação maior, molhei seu rosto com água fria e chamei-a. O prazer sórdido exigia o despertamento de Suzette. Em minha fantasia ela deveria acompanhar todo o desenrolar. Era como estar me vingando de alguém, de algo que não estava consciente para mim.

- Esta sua narrativa também me traz uma grande satisfação na medida em que sinto internamente o mesmo com relação a Margot.

- François, isso é loucura! Tenho idade para ser seu pai e, com a experiência, afirmo-lhe não ser nada bom. Vivo atormentado por meu erro do passado.

Nada respondi, apenas dei de ombros.

- Tanto fiz que despertei Suzette. Atônita, de pronto não concatenou a cena adequadamente. Somente quando a possuí com violência foi que despertou totalmente. Gritou em desespero ao perceber-se desnuda e, sem poder se soltar, desandou a chorar.

Eu me divertia. O descontrole da moça atiçava minha audácia; o alimento para minha loucura era o sofrimento de Suzette.

Lembrando-me hoje desses fatos, sei com precisão que não a amava. O desequilíbrio levara-me àqueles atos insanos.

Como ela gritava muito, então esbofeteei-a várias vezes até ao ponto de fazê-la desacordar. Continuei no desvario. Exausto, adormeci também.

85

Acordei, verificando ser madrugada. Na penumbra do local vi que Suzette ainda estava adormecida. Novamente retirei-a do sono com água fria e tornei a recomeçar o martírio.

Não tenho palavras para descrever minha glória nem menos ainda para descrever o atroz sofrimento da mulher aviltada.

Aquele suplício continuaria por mais algumas horas.

Por fim, com a manhã já avançada, despertei definitivamente. Levantei-me, aprumei-me, mas minha cabeça latejava. Um misto de alegria e ódio pesava em minha consciência. Resolvi amarrar Suzette e seguir para me apresentar junto à Guarda. Não poderia de forma alguma despertar suspeitas.

Tentei falar com ela mas Suzette estava desfigurada, além de se encontrar semi-inconsciente. Nada respondia. De olhos semicerrados, não sei dizer se me entendia ou não. Minha raiva cresceu.

Não conseguia admitir seu silêncio. Ralhava: "Mulher desaforada! Quem pensa que é para me tratar com indiferença?"

- Jofre, ela lhe ouvia?

- É claro que não! Encontrava-se mais morta do que viva. Sabe como é, um homem enlouquecido não percebe a realidade dos fatos.

E continuei ameaçando-a: "Alguns bofetes irão despertá-la, sua inútil!"

Eu berrava descontroladamente, porém nada de respostas,

apenas aquele olhar perdido, semicerrado, permanecia em seu rosto, agora cadavérico. Amarrei o corpo inerte e saí.

Antoine, segundo havíamos planejado, inventara uma desculpa ao meu superior; portanto, quando cheguei, todos vieram me saudar, perguntando sobre o meu estado de saúde. E com indo resolvido o dia transcorreu normalmente.

- Caro companheiro, devo admitir: seu plano foi perfeito!

- Sim, perfeito e pérfido! Quando altas horas da noite regressei à cabana encontrei Suzette ardendo em febre. O ódio, a vingança, e também a apreensão, desgovernaram minha mente que já não tinha mais controle sobre si mesma. Eu era um monstro agindo sobre um pedaço de carne quase sem vida.

Ainda mais uma vez abusei daquele corpo angelical como um animal feroz a consumir sua presa. Suzette apenas gemia, imperceptivelmente.

Chacoalhei-a até perceber que sacudia algo sem vida. Naquele instante acordei do torpor. Como as de um autômato, minhas mãos largaram o fardo.

Suzette já não mais respirava.

Angustiado, tentei em vão ressuscitar alguém que já não pertencia ao mundo dos vivos! Deixei-me desabar no feno.

Meu corpo tremia, minha cabeça girava, meu estômago revirava sem controle. Tentei levantar e aprumar-me, mas foi inútil. Desfaleci.

Acordei com Antoine me sacudindo.

- Acorde, homem, já vai amanhecer! Você precisa estar na Infantaria quando todos acordarem. Constância, dama de companhia, não pode mais esconder o desaparecimento de Suzette! Hoje mesmo ela vai anunciar ao conde que a filha desapareceu. Pelo visto não temos mais a pequena condessa, está morta!

- O quê? Deixe-me em paz, preciso dormir! - Respondi-lhe sem lucidez.

Então Antoine despertou-me com um bom balde de água fria.

- Vamos, Jofre, precisamos dar um fim neste corpo!

Só então foi que tornei à realidade. Aturdido, lembrei-me então de cada cena. O que havia feito? E desde aquele momento a culpa me persegue! Até hoje não vivo um dia sequer sem a lembrança do ocorrido!

Enterramos o corpo, voltamos para casa, e deixamos a vida transcorrer. Por um período as buscas foram incessantes, mas o tempo tratou de deixar apenas marcas nos corações dos envolvidos; quero dizer, nos corações paternos e no meu. Como nada foi achado nem pista alguma encontrada, o caso foi sumariamente encerrado.

- E a dama de companhia, nada disse?

- Matei-a. O medo de ser denunciado levou-me a mais um delito para o envilecimento de minha consciência já tão conturbada.

Assim foi que, vendo o sofrimento de Margot, resolvi ajudá-la. Não gosto das atitudes de Antoine para com a jovem desde que foi deixada em sua casa. A menina não tem culpa dos erros maternos, mesmo porque o taberneiro é um mau caráter.

- Vejam só quem fala!

- Pode debochar, François, hoje já não revido mais às ofensas. As culpas das desgraças ocorridas por minhas mãos mudaram meu caráter.

- Azar seu. Não lhe dou o direito de se intrometer em minha vida por causa dos seus problemas de consciência.
- Permita-me continuar. Vagueei por dez anos tentando aplacar minha dor, aniquilei-me como homem e como soldado, passei a beber desenfreadamente, e me tornei um farrapo. Só permaneci na Guarda pelos bons serviços de minha família, porque de mim mesmo esta nada poderia esperar.
- Não parece ser um farrapo!
- Hoje não. Devo minha mudança totalmente a Elizabeth, minha esposa. Ela, por amor, dedicou sua vida ao meu restabelecimento. Com suma dedicação conseguiu me amparar e, aos poucos, fui largando a bebida.
- Ela soube das suas aventuras? - Perguntei em tom de zombaria.
- Sim. Uma noite, em meus delírios, contei-lhe tudo. Compreendeu e resolveu ajudar-me.
- Ora vejam! Uma santa!... - E ri até não poder mais.

Amigos que me leem! Estava eu novamente entrando na má sintonia, trazendo para meu consciente as mesmas mazelas do passado. Renascemos para provar o nosso aprendizado do mundo espiritual. Já lhes narrei o quanto recebera da misericórdia divina.

Bastou-me somente uma faísca - o ímpeto sexual - para retornar todas as tendências do passado e serem postas, agora, em ação. Mais uma vez deixei-me levar pelos defeitos de meu caráter.

A reencarnação é o veículo para nossa evolução moral tanto quanto o é também para nossa permanência no erro. A carne facilita a ação equivocada do nosso espírito justamente por ainda Sermos apaixonados pela matéria. Só quando entendermos que a

matéria nos serve de instrumento evolutivo e superarmos a desenfreada paixão por ela é que conquistaremos as virtudes espirituais. Nosso caráter se alinha com a justiça divina.

- François, agora que sabe toda verdade, o que pretende fazer?

- Quem sabe? Devolver Margot para Antoine?

- Ele irá mata-la!

- E daí? Já não participou de uma armadilha causando uma morte? E não foi você mesmo quem assassinou não uma, mas duas mulheres? Qual é o problema? O escrúpulo bateu em sua consciência? - E gargalhei estrondosamente.

- François, contei-lhe toda minha história pata você compreender o quanto estou arrependido. Fiz por essa menina o que deveria ter feito por Suzette, ou seja, protegê-la e nunca fazê-la sofrer.

- Não amo Margot nem nunca irei amá-la; não carregarei esse fardo colocado em minhas costas por você! Ademais não posso garantir que esse filho seja meu, se é que existe mesmo uma criança naquela barriga.

- Espere um pouco, rapaz, não tire sua culpa do ocorrido: você manteve Margot com exclusividade. Ela está grávida realmente e o pai só pode ser você. Também lhe digo: além disso ela é uma menina ingênua e pura de coração, levada pela insanidade de Antoine a manter uma vida totalmente desregrada! Você precisa e deve dar a ela uma vida digna. Ela merece.

- Não vou fazer isso. Não há nada que me obrigue.

- Eu posso lhe obrigar, como seu superior. Você me deve obediência em qualquer lugar que estejamos, principalmente em campanha, como foi o caso.

- Não me obrigue! Posso delatá-lo, contar toda verdade ao próprio rei, se for possível.

- Deixe de ser tolo! O meu caso aconteceu há mais de trinta anos! Já está morto e enterrado! Ninguém mais poderá me julgar por ele! Lembre-se também de que não há provas contra mim. Minha conduta nestes últimos anos foi e é de uma vida honesta, dedicada ao rei, portanto não há motivos para acreditarem num rapazote que está apenas querendo se livrar de um problema.

Como não tinha mais argumentos, calei-me.

A sós, em meu quarto, pensei profundamente em toda conversa. Em meu íntimo pulsava um pensamento de carinho pela

jovem Margot, mas, é claro que não me dava conta da influência amorosa de Jupreste a me alertai quanto ao meu planejamento reencarnatório, aos meus compromissos com os desafetos do passado e, principalmente, que meu caráter deveria ser ilibado. Quanto mais pensava mais ficava confuso. De um lado Jupreste, de outro minhas características de personalidade. Que fazer? Resolvi dormir e em mais nada pensar.

Os dias transcorreram lentamente. Margot estava morando na casa de minha mãe e se davam muito bem, para minha surpresa. Meu pai ralhava o tempo todo comigo: eu precisava tomar uma posição firme, aceitai a moça, e tornar aquela união abençoada por Deus.

Jofre também resolveu fazer pressão sobre mim.

Enfim a criança nasceu. Era um menino franzino; não tinha o braço esquerdo, o direito era mirrado, e na altura do cotovelo saíam pequenos pedaços de carne. Seriam dedos? A cena enojou-me. Talvez fosse melhor afogá-lo enquanto era pequeno.

- Ora, deveria ter mandado essa infeliz mulher de volta para Antoine! Afinal ele mesmo teria afogado essa aberração antes de nascer - pensava em voz alta. - Jofre, que passava por perto, ouviu-me e disse :

- Nada disso, François, você o fez, você o criará. Assumi a família a contragosto.

Margot não me amava, tampouco eu a amava. Vivíamos distantes um do outro. Nosso contato era, de minha parte, apenas carnal, pois ela apenas cedia, evitando assim minhas imposições brutais.

Saíamos em campanhas e isso me ajudava a suportai mãe e filho. Longe daquelas pessoas asquerosas sentia-me feliz, pois envolvia-me com todas as mulheres que encontrava pela frente. O meu prazer se achava acima de quaisquer transtornos consciências que pudessem me perturbar.

Voltando para casa deparava-me com Margot grávida novamente. Assim ocorreu em duas oportunidades. Meu segundo filho, homem também, nasceu com os dois braços mirrados, ambos com poucos centímetros dos ombros. Daqueles saíram, num, três pequenos dedos de uma suposta mão, enquanto no outro saíram quatro dedinhos.

Nem preciso dizer do meu enojamento ao vedo.

- Esse Deus está querendo o quê? Punir-me? Estas crianças são demônios gerados por uma mulher demoníaca!

Blasfemava constantemente.

Rejeitava Margot, mas não deixava de cumprir meu papel de homem da casa. Embriagava-me e a possuía como nos velhos tempos bárbaros. A pobre moça nada dizia apenas se resignava. Porém o ódio estava bem localizado, estampado em seu olhar.

O terceiro nasceu na minha ausência. Quando cheguei deparei-me com mais um aleijão de três meses.

- Não pode ser, sua maldita! O que está pretendendo fazer comigo? Trazer o Inferno para dentro de minha casa? Chega! Suma de minha vida com estas aberrações ou serei capaz de enforcar você e afogar esses monstros! - O ódio me consumia tal qual consumia Matgot.

- Suma! — Gritei novamente.

A pobre moça, atônita, sem saber o que fazer, arrumou pequena trouxa de roupas e saiu, arrastando os dois primeiros filhos e carregando o infeliz bebê.

A cena era constrangedora. Sem lágrimas, Margot seguiu firme em seus passos. Fechei a porta e deitei-me. Senti um alívio íntimo. Dormi.

No dia imediato parecia que nada houvera acontecido. Porém, quando cheguei na estrebaria para selar meu cavalo, alguns companheiros trouxeram-me a novidade: Margot e as crianças estavam na casa de Jofre. Ele as acolhera.

Indignado, fui ao encontro do crápula:

- Quem você pensa que é para novamente se intrometer em minha vida? - Fui logo dizendo -:

- Sou eu quem pergunta! Quem é você para se intrometer em minha casa? Lá eu recebo e acolho quem quiser! Nada lhe devo, nem a mínima satisfação! - Dito isso, virou-me as costas e saiu.

Desnecessário dizer que o ódio cresceu dentro de mim. Já não conseguia mais represá-lo. E na primeira oportunidade desabafei.

Essa oportunidade aconteceu na oitava Cruzada**(17),** mas minha luta era particular Não me interessava saber se a guerra era santa ou não, se Jesus precisava ser restaurado através de Jerusalém ou não. Essas questões, difundidas em larga escala na humanidade, não eram registradas em minha mente. O que desejava e realmente fiz foi matar indiscriminadamente.

Oh, meu Deus! Quanto me arrependo! Se pudesse voltar no tempo, agiria de forma diferente! Quanto orgulho, quanta vaidade, quanto ódio! Hoje entendo que essas emoções desequilibram nosso íntimo e só nos prejudicam.

Fui gravemente ferido e fiquei por vários dias entre a vida e a morte. A espada do suposto inimigo atravessou minha coxa. Perdi muito sangue, mas consegui sobreviver. Tornei-me ligeiramente manco.

17- As Cruzadas foram expedições militares realizadas pela Europa do Papa Urbano II, no Concílio de Clermont, e foram em número de oito. Iniciaram-se em 1096 e encerraram- se 1270. Seu objetivo era socorrer os Cristãos do Oriente, resgatar o Santo Sepulcro tomado pelos muçulmanos, e defender os Estados latinos do Levante, na Síria e na Palestina (N.R).

91

Enquanto estava em coma, Jupreste veio em meu socorro e fui levado em espírito para a Casa de Nazaré. Enquanto me refazia do ferimento, minha mãe veio ao meu encontro.

- Meu filho! O que será preciso para você mudar, efetivamente? Quanto sofrimento ainda será capaz de espalhar em sua existência, tanto para si quanto para os que lhe rodeiam?

Eu nada dizia o ódio ainda movia meus pensamentos.

- Sei que em seu coração o ódio fala mais alto, mas por que insistir no Mal? Ainda é tempo de retomar o caminho do Bem, ainda é tempo de retomar o seu planejamento reencarnatório!

- Não estou morto?

- Não, não foi morto, sobreviverá. Veio até esta Casa para podermos conversar e lhe pedir que, por amor, meu filho, mude! Suas atitudes são contrárias ao seu compromisso! Lembra-se?

- Sim, lembro-me.

- Uma nova oportunidade está lhe sendo dada, aproveite-a!

- O que devo fazer? Como retomar o caminho traçado por Cirílios?

- Em primeiro lugar, quando regressar para casa, leve sua esposa e filhos...

- Mas eles me enojam, são monstros!...

- Lembra-se que lhe foi dito que teria cinco filhos e todos teriam defeitos físicos? Eles assim nasceriam porque sofreriam em seus próprios corpos as maldades que fizeram sofrer nos corpos alheios. Lembra-se também de que foi você quem os induziu ao erro? Pois bem, agora que deve orientá-los para o Bem joga-os fora como se fossem monstros! Filho! Retome a consciência do Bem, siga e cumpra com dignidade os seus compromissos! Não desperdice novamente a oportunidade divina de se melhorar e

ajudar o próximo a se melhorar! Construa, por sua vez, o que no passado destruiu e ainda continua a destruir!

- Mãe, e todas essas mortes que causei?

- Um dia você terá que reajustar essas ofensas diante da Lei Divina, porém agora não é o momento. Uma coisa de cada vez. Trate de cumprir o que foi planejado.

- Não posso resolver agora?

- Gráviu! Se você não consegue nem cumprir uma pequena parte do seu passado, que é viver em família, cuidar de seus filhos, e trocar o ódio pelo amor, como quer resolver coisas atuais que só ocorreram por sua invigilância?

- Mãe! Estou perdido! A senhora tem razão, eu não deveria ter cometido tantos homicídios!

- Real e felizmente você se relembrou do homicida ainda existente em si, e dos mais ferrenhos. Por agora pense apenas em terminar esta sua reencarnação resgatando suas responsabilidades para com a sua família. Você não será mais um Comandante conforme estava previsto, retornará como soldado e desse posto não passará. Que outras desgraças maiores ainda poderiam ser provocadas caso estivesse comandando um destacamento? Pense nisso, meu filho.

Quando minha mãe se retirou, adormeci. Fui despertar em França. De volta a Paris sentia-me de alma lavada. Mesmo com o deleito na perna estava revigorado. Uma nova perspectiva de vida se me apresentava: eu não poderia mais cavalgar e meu trabalho se restringiria novamente na estrebaria, cuidando dos animais. Não me revoltei, aceitei normalmente.

Desde que retornara, meus pensamentos giravam em torno de Margot. Desejava revê-la. Algo dentro de mim impulsionava-me para trazê-la de volta ao lar juntamente com meus filhos. Depois de algumas semanas foi o que fiz.

- Jofre, irei até sua casa. Quero levar Margot e os pequenos, retomar a vida familiar.

- Muito boa ideia. Nada como um dia após o outro para refletirmos. É, meu camarada, o tempo nos faz mudar.

Calei-me. Não concordava muito com Jofre, porém o meu dever íntimo reclamava uma postura nobre.

Mas a vida no lar não aconteceria de modo fácil. Tanto eu quanto Margot não conseguíamos superar as emoções desequilibradoras que nos envolviam. Contudo, mesmo assim,

achava-me disposto a continuar fazendo o papel de chefe de família.

Dois anos após nascia meu quarto filho, quero dizer, meus quarto e quinto filhos. Gêmeos. Ambos com defeitos também nos braços. Um dos meninos nasceu totalmente sem os dois braços enquanto o outro tinha braços e mãos, porém curtíssimos.

- Deus continua me castigando ou será que essa mulher dos infernos está gerando monstrinhos pelo prazer de me destruir? - Esses pensamentos absurdos passeavam pela minha mente o tempo todo.

Embora contra minha vontade terminei minha reencarnação vivendo forçadamente com essas pessoas: uma mulher amargurada, sofrida, angustiada, e filhos defeituosos, criados sem rumo, sem amor, e sem educação.

Posso dizer que mais atrapalhei, com minha indiferença, do que ajudei esses espíritos que renasceram confiantes em receber de mim um novo entendimento da vida, já que me consideravam um líder.

Mais uma vez desencarnei relegando a bendita oportunidade de aprendizado para refrear meus instintos.

Entre os séculos XIV e XVII renasci mais uma vez. Tratou-se duma vida sem expressão alguma, logo, sem quaisquer comentários.

Renasci novamente em França com alguns desafetos, mas tendo ao meu lado o grande irmão Séquia - com o nome de Vincent -que muito me ajudou a vivenciar as dificuldades da jornada.

Novamente como homem. Meu corpo fora planejado sem os dois braços justamente para evitar novas matanças. Também não falava e pouco ouvia.

A Lei Divina é justa: dá-nos exatamente conforme necessitamos.

Recebemos oportunidades benditas de refazimento, porém quando recalcitramos no Mal a própria Lei nos trava com a finalidade de pararmos a sequência maléfica que nos move. Nesse momento a reflexão deve ser mais efetiva.

Séquia foi, naquela romagem, meu irmão. Veio antes para, com mais idade, poder ser meus dois braços e minha voz.

Ajudava-me no vestir, no comer, e levava-me para passear.

Ensinava-me ainda a observar a natureza, pois íamos pescar muitas vezes.

Vincent era e é um espírito melhor do que eu. Aprendera a perdoar muito antes. A nossa ligação remonta a tempos imemoriáveis. Mesmo como Gráviu eu tinha por ele uma consideração de filho, e era como filho que agora ele me tratava. Graças a esse cerco amoroso pude viver sessenta anos em relativa paz.

Naquela época ainda era um espírito muito embrutecido, um verdadeiro bárbaro, pois a vingança insistia em me visitar. Para mim a vida não tinha o mínimo valor, pois não compreendia que por trás dos corpos existia um ser igual a mim: com sentimentos.

1732

Chovia muito. Nosso grupo estava alojado numa praça no centro de Madrid.

As barracas, encharcadas, começavam a dar sinais de rasgos e, dentro de mais alguns minutos, as gotas começariam a penetrar em nossa cama.

Maria sustentava nosso pequeno bebê. Juan havia nascido há dois dias.

Debilitada, pois passávamos por maus momentos, quase não possuía leite para o alimento daquele ser.

A chuva permanecia constante há cerca de três dias, portanto Juan chegou ao mundo com os festejos da água. Esta lavava nossa alma e servia também para molhar a terra que frutificaria.

As primeiras dores antecipadoras do parto foram sentidas.

Maria preocupara-se, pois seria nosso primeiro filho. A falta de experiência na maternidade trazia-lhe ansiedade e, quando os primeiros sinais começaram, minha amada esposa pediu-me que permanecesse ao seu lado.

Como ciganos que éramos, vivíamos sem nenhuma segurança paia os dias vindouros. Eu, como líder do grupo, encontrava-me, por um lado, muito alegre, mas, por outro lado, precisava adquirir meios de suprir as necessidades básicas do meu povo.

Constância, a parteira, fora imediatamente chamada. Ela, com mais três companheiras, enchiam nossa carroça. Por insistência de Maria permaneci até que não pude mais.

Não é costume do meu povo que os pais assistam os nascimentos. Isso são coisas de mulheres e estas já haviam adentrado.

Sem a mínima cerimônia saí, deixando Maria mais assustada.

Minha esposa era muito jovem, quinze anos. Brilhava em seus olhos a essência da juventude e o valor da vitalidade. Eu, com

quarenta e três anos, forte e valente como um touro, tinha por ela um amor excessivo.

Não compreendia como me quedava fiel. Para mim Maria preenchia toda minha vida. Nada poderia acontecer àquele ser adorado.

A cultura de um povo fala muito alto ao coração e, assim sendo, mesmo com todo amor, largara aquela mulher em mãos alheias.

Algumas horas se passaram. A chuva continuava caindo. Eu e meus companheiros conversávamos debaixo de uma tenda onde colocáramos o fogo e um tacho de sopa para cozinhar a fim de podermos nos alimentar.

Com a noite alta o vagido de uma criança se fizera ouvir.

Constância, com alegria, gritara:

- Hugo, venha ver! É um varão! Você é pai de um varão! Minha alegria foi indescritível. Ter como mãe a mulher da minha vida e ainda ter um menino fora duplamente benéfico para mim.

Como era costume entre os ciganos, comemos, bebemos, e dançamos, o resto da noite.

O dia amanhecera e, como ainda chovia, poucos se dispuseram a sair de suas carroças.

Eu me achava num tal estado de euforia que não me dera conta de que barulhos estranhos se fizeram ouvir. Algo estivera acontecendo do lado de fora.

- Hugo! Hugo! Venha!

Saí desabaladamente. Deparei-me com alguns rapazes, montados em cavalos negros e fortes, a fazer arruaças conosco, buscando com espadas às intimidades de nossas carroças para encontrar nossas meninas.

Sem pensar, com o sangue de bárbaro que percorria em minhas veias, ordenara que se afastassem, pois, se assim não procedessem, seríamos obrigados a fazê-los correr ou então assassiná-los.

Riram-se de nós.

Sem dominar nossos instintos cercamos os cinco cavalos com 0 fogo balançando na frente dos animais, e estes se empinaram. Os arruaceiros, sem poderem se equilibrar, caíram

por terra.

Indefesos, pediram clemência.

Como estivesse muito alegre pelo nascimento de meu filho, e

percebendo que eram jovens, deixara-os ir, mas não sem antes

termos retirado suas botas, seus pertences, e suas montarias.

Mandáramos que saíssem a correr.

Rimos muito.

O resto do dia seguira naturalmente.

Juan, portanto, agora com dois dias, chorava bastante. Acreditávamos que fosse de fome. Como em nosso grupo tínhamos mais duas jovens mães que ainda amamentavam, Juan complementava suas necessidades alimentares ora com uma ora com outra, conseguindo assim sobreviver.

Maria, bastante enfraquecida, não conseguia se alimentar; além do mais a preocupação com o bem-estar do filho faziam com que ela ficasse mais debilitada ainda.

Naquela ocasião contei-lhe sobre a ocorrência do dia anterior, Ela agitou-se e, muito perturbada, falou:

- Hugo, será que esses rapazes não voltarão para se vingar de nós?

Ri com bastante entusiasmo.

- Ota, mulher, de forma alguma! Eles saíram daqui humilhados, nunca mais voltarão! Não seremos mais molestados.

E assim foi.

Três dias depois estávamos novamente seguindo para Toledo. Com a chuva abundante, a estrada, de barro, ainda estava molhada, e as carroças às vezes emperravam no barranco, dificultando nossa faina e atrasando nossa chegada.

Acampamos ao cair da noite. Resolvêramos esperar a terra secar mais um pouco para só depois seguirmos viagem.

Não precisamos esperar muito mais: dois dias passados e já

nos pusemos a caminho outra vez.

Como Maria ainda não se encontrava bem, no fim da tarde solicitou que acampássemos. Só no dia seguinte percorreríamos o caminho faltante, pois estávamos muito próximos de Toledo.

Eu, que tudo fazia por aquela mulher, consenti, e lá estacionamos.

Era verão e a noite estava estrelada. Meu povo bailava. Pedi a Maria para sair um pouco a fim de festejar.

Sem vontade, porém obediente às minhas ordens, ela deixou a carroça e trouxe Juan.

As cantigas, o fogo quente, e a conversa animada, fizeram-na participar da festa. Ficou mais feliz. Justamente por causa daquela alegria e do barulho da música nada ouvimos e, quando nos demos conta, um bando, a cavalo, entrou no meio do acampamento destruindo tudo que encontrava pela frente, inclusive tombando as carroças e ateando-lhes fogo.

Fui pego completamente desprevenido. Sem reação, pude apenas assistir ao que acontecia.

Num lapso de segundo, enquanto meus homens mantinham-nos afastados pelos cavalos, uma mulher, agilmente, desceu de sua montaria defronte a Maria e, num átimo, recolheu Juan. Mais rapidamente ainda, a criança, retirada abruptamente do colo da mãe, já se encontrava nos braços da mesma mulher jovem e clara, sobre aquela montaria.

- Esta criança pagará pela humilhação que fez aos meus filhos e parentes! Vai ser criada para nos servir como uma escrava e, quando não mais precisarmos dela, receberá a morte como prêmio! Não se brinca com a família Quintana!

E, num galope, precipitaram-se, fugindo.

Todos ainda nos encontrávamos aterrados, olhando para o centro do acampamento, quando pudemos ver Maria num ato desesperado e insano:

Gritando, sem controle, de olhos esbugalhados, e tão rápida quanto uma ave de rapina, pegou uma faca e enfiou-a em seu ventre, rasgando-o.

Ah! Juan, sem você não vivo!... Seus gritos ecoam em meus ouvidos até hoje, como um clamor descontrolado.

Senhor! Meu Deus! Tudo daria para não ter feito o que, daquele momento fatal em diante, pratiquei em minha existência imortal! E o fiz até encontrar o lenitivo necessário para aplacar as atrozes dores do meu coração através dos Seus ensinos na casa bendita de Maria de Nazaré**(18).**

O ódio cresceu em meu peito. Nada disse a ninguém. Tremia, sem controle. Não tive coragem de ficar com minha esposa. Busquei, com o olhar, onde encontrar um cavalo e, desembestado, fui até ele e o montei.

Saí a galope. Ninguém me seguiu. Achava-me só com meus

pensamentos e o desejo de vingança.

Alguns poucos quilômetros percorridos e estanquei diante de uma barreira de vinte homens fortemente armados a me aguardar. Todos, empunhando adagas, me ameaçaram:

- Fique onde está! Desça do cavalo! Tire suas botas! Detiveram-me, porém não me amedrontara. Aquelas palavras não fizeram sentido para mim.

18- Não se trata mais da Casa de Nazaré, porém do lar de Nossa Senhora de Nazaré, adstrito ao Centro Espírita Nossa Senhora de Nazaré, localizado no município de Itupeva/ São Paulo (N.R)

- Obedeça-nos, senão seu filho morre agora!

Atrás daquela barreira pude enxergar uma mulher com os braços elevados sustentando uma criança. Sim, sem dúvida era Juan.

Numa louca esperança, como autômato, desci do cavalo.

Dois deles aproximaram-se e me revistaram. Eu nada portava.

Só nesse instante percebi que saíra completamente desarmado.

- Ah! Ah! Ah!... - Gargalharam todos.

- Seu tolo! Então era assim, completamente limpo, que desejava nos enfrentar? Humilhou-nos, retirando tudo quanto nos pertencia, e agora reage como um cão sarnento sem ao menos uma faca para se proteger?

Ah!... Está sozinho? Onde estão seus comparsas? Quem você pensa que é para tripudiar sobre nossa família e sair como se nada tivesse ocorrido?

Estávamos perseguindo vocês desde quando saíram de Madrid! Apenas aguardávamos o melhor momento e eis que hoje ele se apresentou!

Riram todos, debochando de mim. Ouvi calado aqueles impropérios, mas, de repente, invadiu-me um ódio bárbaro e, com minha próprias mãos, comecei a agredi-los.

Pura ingenuidade. Além de estar só e desarmado, eles eram muitos.

Imediatamente me espancaram e só pararam quando me viram completamente inerte e ensanguentado.

Retiraram-me as botas, todos os pertences, minha montaria, e partiram. Permaneci desfalecido.

Algumas horas mais tarde dois companheiros do grupo cigano vieram me buscar.

- Hugo! Hugo! Desperte! Está vivo?

Lentamente, saindo daquele torpor, fui tomando consciência.

- Maria!... Onde está Maria?...

- Hugo, ela está no acampamento. Vamos levá-lo para lá!

- Digam-me que ela está bem e que Juan voltou para os seus braços!

Nenhum dos dois respondeu, apenas balançaram ligeiramente a cabeça.

Novamente desacordei.

14 DE OUTUBRO DE 2010

Profunda emoção toma conta de mim ao transpor a Porta do Sol ao Norte(**20),** nesta cidade de Toledo, Porta do Sol frequentemente por mim atravessada.

- Senhor de Minh ‘alma! Tende piedade de mim!

É-me extremamente difícil estar novamente nela, depois de tantas aflições!

Visitando Toledo na companhia dos irmãos encarnados, principalmente ao lado da médium que escreve estas linhas, e por estarmos muito envolvidos um ao outro pelo comprometimento do trabalho, sinto-me como se reencarnado estivesse.

19 Recordo-me muito bem do momento da transmissão desta mensagem mediúnica, anexa, que muito me sensibilizou. Foi transmitida à médium que, portando um caderno grosso à mão, psicografou-a na retaguarda do nosso grupo de turistas espíritas a fim de não sermos incomodados enquanto seguíamos, a pé, pelas antigas ruas de Toledo/Espanha. O livro teve lá o seu início (N.R.).

20- Em sua origem a bela porta do sol foi uma torre albarrana- que protegia os campos e o acesso á cidade- no século X. No século XIV, devido ás sucessivas guerras, foi necessária sua reconstrução. O relevo que a adorna representa a imposição da vestimenta a São Ildefonso sob o sol e a lua. (N.R)

Este sentir provoca-me muitas dores: as mesmas lembranças, as mesmas emoções, todo ódio, rancor, e desejo de vingança.

Contudo, ao mesmo tempo de consciência lúcida e transformada, troco todas estas emoções pelo sentimento de amar, perdoando meus inimigos, mas, principalmente, a mim mesmo, porque aprendi a duras penas que só o amor nos liberta, transforma-nos intimamente, e nos convida a auxiliar todos os envolvidos nesta trama, tanto aqueles quem amamos quanto aqueles quem odiámos.

As emoções da carne nas experiências do vivenciar o trabalho mediúnico são ímpares e intransferíveis! Jamais poderia imaginar que estes sentires completariam, de forma abrangente, minha efetiva mudança.

Hoje extirpo pelas lágrimas aquele ódio, acompanhado pelo remorso, porquanto pela infinita misericórdia divina estou po-dendo fazer minha catarse.

Simultaneamente o coração se alegra porque poderei, depois destes momentos, seguir livre e feliz, realizando a reconstrução moral de meus entes queridos.

Estou, nestes dias, limpando completamente meu períspirito.

Hoje aquelas minhas angústias e aflições pertencem ao passado.

Vivencio um novo sentimento e posso defini-lo como sendo o de um profundo respeito a Deus pot nos ofertar oportunidades de refazimento.

Em meu peito bate um novo coração, repleto de amor para distribuir, ofertando, meu sincero trabalho a todos quem destruí a fim de que possam vivenciar o mesmo que vivencio agora.

É aqui e agora que através da médium me vejo livre de mazelas encravadas em meu íntimo há muito tempo, séculos mesmo.

Esta experiência incomum nos engrandece enquanto filhos de Deus. Somos espíritos imortais e esta grandiosidade, bem apreendida, levar-nos-á à felicidade plena.

Do mais profundo de meu espírito agradeço sentidamente ao Criador por estas benesses.

Sigamos.

Montado em um cavalo era muito mais fácil se deslocar pela cidade de Toledo. Subir suas ruas de pedras era uma proeza que fazíamos com muita destreza.

Sempre que chegávamos de Madrid entrávamos pelo norte, pela Porta do Sol.

101

Matei muitos por estas vilas. O massacre era necessário porque sentia um ódio tão aprofundado que não poderia externa-lo doutra forma.

Parecia, para meu espírito, que o sangue derramado seria suficiente para estancar a emoção destrutiva que carregava.

Enganava-me profundamente.

Matar era para mim um ato tão fácil quanto caminhar.

Em todas as minhas andanças neste planeta conjuguei inumeráveis vezes aquele verbo, porém na personalidade de Hugo, em Espanha, encontrava-me um pouco menos agitado que antes.

Ainda usava das artimanhas vulgares do domínio trapaceiro, ágil e mágico, de um cigano, no entanto não passava pela minha cabeça retirar vida alguma.

Infelizmente para mim, felizmente para os mais fortes, as provas fazem parte da nossa existência.

Era inevitável que algum movimento acontecesse em minha vida para ensejar o desejo de sangrar novamente alguém até a morte.

Hoje, revendo estes campos espanhóis, as dores das culpa e remorso plasmam as lembranças marcadas em minha memória.

Retornar está sendo o lenitivo balsâmico que cicatrizará para sempre a chaga da vingança.

Sinto sair de mim os sangues das vidas retiradas com tantas crueldades! Percebo que a matéria nauseabunda depositada em meu períspirito, por mim mesmo, sai, esvai-se, como que se derretendo no mesmo solo no qual foi embebida por mim.

Sinto-me mais leve, mais jovial; desprende-se de mim um doce perfume de paz. Ê como se o nascimento de meu espírito acabasse de acontecer.

Como Vos agradecer, Bendito Senhor, por estas dádivas recebidas! Como Vos retribuir tanto amor! Não as coloco em perguntas por que conheço suas respostas.

Tenho, por dever, que retribuir, com doações de amor, a dignidade a todos quantos fiz sofrer.

Devo reconstruir tijolo a tijolo, com alicerces profundos, aquelas vidas destruídas. Devo agora, com a liga de O Evangelho Segundo o Espiritismo, concretar os laços de família destruídos pelo ódio; devo enfim trabalhar, para meu próprio bem, a verdadeira lei da Justiça Divina.

Respirar os ares de Toledo e de Madrid estão me dando um novo alento. A juventude que brota em mim reflete toda minha disposição para empreender uma campanha vitoriosa onde as armas são as da mediunidade, canalizando através desta a efetiva ajuda àqueles que ainda estão se debatendo nas aflições.
Juan, tanto quanto Encarnación, sofreram minhas maldades.
As dores que causei ao meu próprio filho, sem que eu o soubesse, doem em mim mais do que a ele próprio.
Nesta noite**(21)** retomo ao Brasil com a alma literalmente lavada.
Sei que serei feliz.
Aos amigos encarnados que aqui deixo, desejo uma boa viagem, pois ainda muitas surpresas os aguardam.
Deus é por mim e por todos nós. Somente nós próprios podemos nos destruir. Confiança, amor, e justiça, são os poderes que, doravante, nortearão meu horizonte.
Acordei. Encontrava-me no acampamento. Levantei desanimado, porém resoluto. Queria rever Maria.
- Onde está minha esposa? Quero vê-la!
- Hugo, enterramos a pobre há três dias! Não podíamos esperar mais. Você não recobrava a lucidez, delirou por vários dias, e nós...
- Onde a enterraram? Quero saber! Vou desenterrada! Preciso vê-la, falar com ela! Ela é minha, não pode me abandonar desta forma!
- Hugo, por favor, tome tento! Maria está moita, suicidou-se! Acredite! Nada poderia ser feito agora!
- Como nadai? Eu posso e vou fazer! Derrotarei cada um! E quanto à maldita vou esfolá-la viva! Arrancarei sua pele e depois a queimarei viva! Isso é que vou fazer! Vou aos infernos! Mil anos

poderão passar, mas eu estarei no encalço dela! Não descansarei enquanto não vingar a morte de minha adorada Maria!

As tortuosas ruelas de Toledo foram pisoteadas incessantemente por mim quando, completamente fora de meu estado mental natural, buscava me vingar dos infelizes que ousaram arrancar dos braços de minha adorada esposa o filhinho tão pequeno ao mesmo tempo em que arrancaram de meu peito o amor eterno que sentia por Maria.

21- 15 de outubro de 2010 (N.A.).

Não posso descrever por quantos dias alucinados entrava e saía das muralhas de Toledo, percorrendo a região e regressando a Madrid, lá também me dedicando unicamente em caçar os seres humanos que ousaram atravessar meu caminho.

Naqueles tempos tremendamente difíceis minha consciência estava obscurecida pela maldade. Não imaginava sequer um leve pensamento me passava estar agindo como eles e que a lei de ação e reação novamente recairia sobre meus ombros.

Eu alimentava a caldeira da maldição, eu ajudava a alimentar o ódio que me jungia aos meus próprios inimigos, eu forjava com os passos galopantes do cavalo uma nova armadura para mim, mais cravejada ainda pelas ranhuras da intolerância, da incompreensão, e principalmente da vingança.

O sangue das criaturas por mim tombadas formava a argamassa da sobre pele que começava a ser construída em mim mesmo.

A casca rígida, áspera, nauseante, possuía a ligadura antivital das minhas atitudes.

- Nunca esquecerei! Nem por mil anos serei capaz de descansar enquanto não exterminar a maldita mulher causadora da morte de Maria e que está com meu pequeno Juan!

Para um bárbaro isso lhe causa enorme prazer, contrariamente ao cristão por lhe produzir um sentimento de repulsa.

A fraqueza causada pelo ódio e pela vingança deixava-se levar pelas ondas sutis dos antigos desafetos desencarnados que, liderados por Astúrio, imprimiam desejos sanguinolentos em minha mente, naquele momento tão plástica ao ponto de corroborar e ansiar por tais matanças.

Séculos haviam se passado desde minha vivência como Gráviu,

porém o sentimento desnorteado pela loucura permanecera aprisionado ao espírito, não sofrendo ação do tempo.

Alguns garotos, que me pareceram os responsáveis pela invasão do acampamento, foram mortos por mim sem dó nem piedade.

Um dia, completamente desnorteado, encontrei um grupo de mulheres conversando; uma carregava um bebê ao colo e, sem ao menos perguntar quem era, arremessei minha espada e num só golpe arranquei-lhe a cabeça. A criança caiu de seus braços. Alucinado desmontei e, quando peguei aquele pequeno ser, vi tratar-se de uma menina. Joguei-a no chão como se joga um lixo no cesto, virei as costas, e prossegui em minha caçada.

Minha busca continuava, mas em canto algum conseguia achar a maldita mulher!

Todos os bons sentimentos conquistados noutras épocas foram esquecidos. Culpava o mundo pela minha desgraça. Dos companheiros ciganos nunca mais encontrei. Segui meu caminho só. Curti minha dor, pungente, lentamente.

Terminei meus dias jogado numa viela de Toledo: embriagado, doente, e solitário.

- Muito bem, companheiro! Demorou mas nos encontramos novamente!

Ao abrir os olhos a figura sinistra de Astúrio estava visível na minha frente.

- Camarada! Encontramo-nos depois de séculos de separação!

Meu corpo doía, mas meus pensamentos desencontrados se ajustavam aos de Astúrio. Seria eu, Gráviu, ainda?

- Levante-se! Precisamos colocar as notícias em dia! Minha vontade era de sair dali, esquecer esse crápula, e buscar nas lembranças o que havia sucedido. Porém o inimigo me agarrou com tal furor que não pude nem tive forças para me soltar.

- Eu o quero ao meu lado! É isto que você vai fazer!

- Largue-me! Você não é meu dono!

- Escute aqui! Eu o resgatei e, portanto, tenho plenos direitos sobre o seu espírito! Saiba disto!

Lentamente, mas decidido, falei:

- Preciso descansar. Quando acordar e estiver lúcido, conversaremos. Por ora deixe-me em paz.

Como Astúrio se encontrava solitário, porquanto perdera todo seu poderio e asseclas pela traição de um dos seus homens de confiança, saiu sem me dizer mais nada.

Encostei num canto qualquer e dormi. Não sei por quanto tempo fiquei assim.

Despertei ao som de uma gritaria tremenda! Esperei que os malucos passassem e sentei-me para, agora sim, tentar saber o que estava ocorrendo.

Minha cabeça doía sensivelmente por causa do ódio que me dominava. Estava preso novamente. Mesmo assim esforcei-me e, aos poucos, as lembranças foram surgindo em minha memória. Maria! Os pensamentos foram se aclarando e recordei toda minha existência: os ciganos, o assalto, o rapto de Juan, o suicídio de Maria...

105

Olhei ao redor e reconheci o aspecto do lugar: encontrava-me nas furnas trevosas, não tinha dúvida disso. Eu estava morto! Não me lastimei nem me desesperei, apenas constatei o ocorrido.

Começava a refletir sobre meus passos quando Astúrio, de novo, veio até mim.

- O que você quer?

- Gráviu, precisamos...

- Não sou mais Gráviu! Agora sou Hugo! E nada mais tenho a ver com você.

- Pois bem, Hugo, eu o ajudei a procurar a mulher e a criança, não se lembra? Eu estava do seu lado quando todos lhe abandonaram.

- Ora, você não me ajudou coisa alguma! Não consegui pôr as mãos naquela bruxa maldita! Morri sem conseguir minha vingança! Caia fora!

- Espere, amigo!

- Amigo? Você sabe muito bem que nestas paragens não temos amigos! Somos todos inimigos uns dos outros!

- Você era meu escravo e abandonou o posto! Quero o ressarcimento disso!

- Não seja imbecil, os tempos estão mudados! O que faz aqui? Onde estão sua masmorra, seus súditos, seus escravos?

- Nada mais disso existe para mim. Fui traído! Preciso recuperar o meu posto, o poder, as honras, e dominar tudo novamente. Você poderá me ajudar!

- Não me faça rir! Agora controlo minha vida! Estou inclinado a acreditar que você ajudou a maldita a roubar meu filho! Talvez tenha sido você quem colocou a faca nas mãos de minha Maria

só para me ter ao seu lado!

- Bem, não vou dizer sim nem vou dizer não.

- Seu crápula! - E pulei sobre Astúrio. - Despejei nele todo meu ódio. Bati até desacordá-lo.

Se fosse possível - desejei -, matá-lo-ia. Dei-lhe alguns tapas no rosto, tentando reanimá-lo, mas foi em vão. Saí daquele local e fui em busca dum lugar retirado onde pudesse planejar minhas ações dali pra frente.

Havia prometido para mim mesmo não descansar enquanto não encontrasse a responsável pela minha desgraça!

No fundo de minha alma desejava saber onde estava Maria, em que lugar minha pobre e querida esposa se encontrava! Iria buscá-la, cuidaria dela, e entregaria nosso Juan em seus braços. Maria! Eu lhe prometo, onde você estiver: vingarei nossa desgraça! Prometo também cuidar e protege-la com minha própria vida!

Começou aqui minha triste jornada.

O ódio poluía minha mente cada vez mais. Estava ensandecido. A ideia fixa de vingança transformava minha vida.

Comecei a reparar que minha pele engrossara. Apresentava-se densa, espessa, áspera, e avermelhada. Esse fato, ao invés de perturbar, alegrou-me.

- Muito bem — pensei -! Então posso mudar minha estrutura física?

Rememorei alguns fatos: as aparências de Astúrio, de Néfros, e a minha própria, quando passara séculos enfiado nas furnas trevosas; também saltaram à minha mente várias outras formas animalescas vivenciadas durante minha longa jornada como Satânico das Trevas.

Como era, ainda, idiota! Embora toda minha experiência no mundo do terror, fui sempre um tolo, um ingênuo, um lambe-chão!

O ódio cresceu.

Não havia percebido que meu corpo podia se transformar. Será que isso acontecia conforme meu desejo? Pensei firme em ser um dragão**(22).** Nada aconteceu. Tinha que descobrir como funcionava essa técnica.

Meu plano estava traçado.

Iria procurar Astúrio, exigir que me ensinasse tudo quanto

soubesse em troca de pequenos favores. Depois do conhecimento adquirido descartaria o infeliz. Afinal para mais nada me serviria. Ele se achava numa situação humilhante: perdera tudo quanto possuíra! Fora traído, mas por quem? Estava decidido, iria descobrir a técnica de me transformar.

22- Perguntei à médium o porquê da preferência por um dragão e não por outro animal qualquer, e a resposta dada pelo autor foi: "por se tratar duma forma animalesca primitiva - lagartão-dinossauro enorme e forte." (N.R.).

Não foi difícil encontrar o dito cujo.

- Astúrio, encontrei uma caverna relativamente ampla; poderemos fincar nosso quartel-general lá. Quer vir comigo? Tenho também uma proposta a lhe fazer.

- É pra já! - Respondeu animado. Seguimos.

- Vou expor o que pensei. Permaneça calado e depois fale.

- As coisas mudaram? Você me dando ordens? Não deveria ser o contrário?

- Cale-se! Você está derrotado, enquanto eu me sinto cada vez mais forte. Eu sempre fui da luta, você do mando. Só o intelecto não funciona. Quer mais provas? - E gargalhei debochadamente. Você só mandava, não colocava a mão na massa! Todas as informações lhe chegavam através dos trouxas, como eu era! Você, sozinho, não é nada, mas eu, ao contrário, sou tudo! Quando você estava acompanhado, eu sempre vivia rastejando, humilhado, mantido sempre como um escravo, por séculos.

- Vejo que aprendeu muito, bandeando-se para o lado dos fracos do Cordeiro.

- Aprendi muito mesmo, porém não o Mal, mas sim como evitar o Mal. Isso está me ajudando agora, pois, sabendo o que posso provocar, e como posso provocar, dominarei quem eu quiser, inclusive você.

Astúrio deu de ombros. Continuei:

- Vamos fazer uma nova aliança. Você me ensinará tudo que souber, eu colaborarei nos favores que você precisar para novamente conquistar seu império. Estamos acertados assim?

- Para mim está ótimo! Porém quem garante que vou ensinar a você tudo quanto sei e vice-versa?

- Neste momento você não tem escolhas! Não foi esta a sua

vontade quando me perseguiu enquanto estava encarnado?

- Foi.

- Então não vamos perder tempo! Quero, o quanto antes, colocar minhas mãos nos carrascos de Maria, principalmente na mulher que roubou Juan.

- Pelo que sei não houve carrasco algum! A fraca Maria se suicidou.

- Não admito que fale assim da mulher amada! - Enquanto falava usava toda minha força para estrangulado.

Quando o infeliz estava quase desfalecido lembrei-me de que precisava dele para construir o novo Hugo. Afrouxei as mãos.

- Louco! Quer me tirar do circuito? Não vou aceitar aliança nenhuma! Procurarei outro imbecil! Fique com sua prepotência toda!

Astúrio falava e, cambaleante, saía. Quando chegou na porta da caverna gritei:

- Espere! Vamos nos acertar, precisamos um do outro. Neste meio selvagem precisamos nos armar adequadamente.

Ele se virou, fez menção de continuar saindo, mas por fim resolveu ficar. O pacto estava acertado.

Astúrio não sabia, mas seria traído novamente. O poder e a ganância pelo poder, naquela velha raposa, eram maiores do que a análise do frágil pacto assinado.

Alguns dias transcorreram e eu já saía pelas ruas de Toledo e Madrid à procura de Juan e sua sequestradora. Pelos meus cálculos ela ainda estaria encarnada.

Nos outros dias discutia com Astúrio as estratégias por ele conhecidas. Foi assim que fiquei sabendo das técnicas valiosas que poderia executar com meus inimigos, principalmente a do poder da mente, essencial para qualquer conquista.

Depois que eu deixara a Masmorra Imperial, Astúrio fizera alguns pactos com os poderosos da igreja. Resolvera que quando houvesse possibilidade seria um cardeal a serviço da Inquisição **(23),** o que para ele foi muito lucrativo: por um lado recarregaria seu períspirito de energia vital e por outro lado enfraqueceria os trabalhadores do Cordeiro.

Pensando bem a Inquisição24 foi uma ótima coisa para o poderio das Trevas. Imperou por muitos séculos e nos aprimorou na arte da tortura.

Astúrios me passava todos esses pormenores com a maior naturalidade e eu os ia absorvendo eficazmente. Pretendia usar todo tipo de maldade para atingir meus objetivos.

23- Esta afirmação suscitou-me a seguinte indagação moral: há, então, reencarnações intencionadas ou, no limite, predestinadas ao Mal? A resposta me foi dada pelo Espírito André, Mentor espiritual da médium: "Realmente a intenção da reencarnação está direcionada para as ações no Bem, mas isso como possibilidade, não como certeza-determinística, ou seja, não como um ato já acostumado antes mesmo das circunstâncias materiais se apresentarem, pois toda intenção planejada dependerá do livre-arbítrio do espírito que é sempre autônomo para assumir qualquer compromisso, tanto 'do lado de lá' quanto do lado dos encarnados; e se não fosse assim, então nós, homens, seríamos simples máquinas-robôs. Efetivaram-se contratos-pactos porque o espírito, antes, comprometera-se com várias tarefas; todavia, reencarnado, poderá não cumpri-las. Cito, como exemplo, a tarefa da mediunidade, descuidada por muitas pessoas. Disso se segue que os espíritos que efetivamente assumiram

contratos,

assinaram-nos

ou

por

estarem

perturbados e muito tempo antes de reencarnarem ou por causa

do orgulho que lhes falou mais alto.

A reencarnação é uma lei que os Chefões das Organizações não desconhecem e não podem nela interferir quando é chegado o momento, advindo daí o seu resguardo contratual. E se durante a reencarnação o contratado vier a se arrepender, então o documento legal entre as partes já estará assinado e em algum momento ser-lhe-á cobrado, apesar do seu desconhecimento quando reencarnado.

Não temos visto nas atividades desobsessivas os Chefões virem reclamar a cerca dos espíritos 'que lhes pertencem'?

Ora, se foi de vontade livre que foi assinado, então o contratado terá que passar por essa prova. Todavia o Bem não o deixará à mercê do Mal, conforme verificamos nas perguntas 258, 258a, 259, 265, 843, 845, 851, 861, 872, 994 e 1.006 de O Livro dos Espíritos." (N.R.).

111

A mente, Hugo, é a grande porta de entrada para nossas conquistas; com ela podemos moldar o que quisermos, fazer...

- Espere aí! Você falou em moldar coisas!

- Sim, a matéria é plástica, transformável! O poder do pensamento transforma o que quisermos **(25).**

- Ótimo! Você tocou num ponto importante para mim! Como posso me transformar num lobo, por exemplo?

- Por um trabalho mental: você pensa e se transforma.

- Já fiz isso e não resolveu! Você está mentindo! Diga-me a verdade!...

- Ei! Espere aí! Não estou mentindo! É assim que acontece comigo!

- Então por que não acontece comigo?

- Hugo, pelo que vejo você já se encontra bastante transformado.

- Quero mais! Quero me tornar um verdadeiro monstro!

- Odeie, mentalize e odeie ao mesmo tempo! Irá criando crostas, como se a sua pele fosse uma casca grossa e disforme. Com o tempo dominará a técnica.

- Entendi! Vai ser fácil, pois ódio é o que mais tenho para oferecer.

- Quando dominar seu pensamento poderá fazer maravilhas. Lembre-se: a vingança é um prato demorado, muito bem elaborado; quanto mais demorar mais saborosa ficará!

- Nisso você tem razão! - Falei, deliciando-me com a visão dantesca a ser oferecida à sequestradora de Juan.

- Você é muito impulsivo ainda! Precisa aprender a controlar seus impulsos. Nisto você é fraco. Não tem poder mental por não ter controle de sua própria mente! Como espera querer dominar

os outros?

Astúrio tinha razão, esse era meu ponto fraco.

- Vou aprender, com o tempo sei que vou aprender.

- Além do querer firme, determinado, é necessária muita dedicação. O treinamento é longo, mas é valioso para dominarmos as mentes.

- Sabe, Astútio, este também é o foco dos Trabalhadores do Bem.

- E claro! Não existem outros métodos. Mudamos apenas a direção do pensamento: de Bem para Mal.

- Heureca! Grande achado, este! Por agora basta, estou cansado, quero um bom repouso.

Fui para meu canto com a finalidade de dormir, porém permaneci acordado. Longo tempo se passou e eu ainda mantinha a vigília. Inconformado com tal estado levantei-me, indo até a entrada da caverna.

Ao longe uma pequena luz se fazia notar.

- Desgraçados! Quem vem lá? - Pensei. - Espero que não estejam à minha procura! Tudo quanto não quero é ver minha adorada mãe: temo fracassar com as palavras doces e suas carícias amorosas.

Mais do que nunca precisava de toda força que pudesse arregimentar. Não iria desistir da vingança planejada, nem por ela!

Cada vez a luz ficava mais forte. Meio trêmulo, meio desconfiado, instintivamente comecei a caminhar para trás.

A luminosidade estacou a alguns metros de distância.

- Hugo, meu filho, desejamos...

- Vá embora! Recuso-me a conversar com quem quer que seja! Não vou ouvi-la!

- Hugo, sou eu, sua mãe, que tanto o ama!

- Desta vez não! Já disse: recuso-me a falar, inclusive com a senhora. Não vou fraquejar! Não vou e não quero!

Aos poucos a luz foi se afastando sem mais nada dizer até desaparecer.

- Reagiu bravamente. - Era Astúrio a me incentivar.

Deitei-me outra vez, mas os pensamentos rodavam em minha cabeça. Devo confessar que fiquei bastante comovido com a vinda de Ismernia. Titubeei mas não me deixei escorregar. Agora não haveria retorno, meus objetivos seriam alcançados. Disse para

mim mesmo:

- Adeus, mãe, fiz minha escolha! Sinto muito, mas você não faz parte dela!

Enfim consegui descansar.

Levantei muito mais confiante. Estava disposto a seguir adiante. A confiança em meus propósitos se achava redobrada.

Um novo Hugo se pôs de pé naquele dia.

A luta continuava, o tempo passava, e nada de encontrar a tal mulher. Mais de quarenta anos já se tinham esvaído e, dela, nada! Nem de Juan tinha notícias!

Já estava conseguindo deformar meu corpo. Minha pele passou a apresentar o aspecto da de uma cobra. Uma espécie de escamas protuberantes, de coloração esverdeada, com alguns pontos avermelhados, impressionava quem me via. Encontrava-me satisfeito com meu próprio trabalho.

Em todas minhas investidas sempre acabava por raptar algum espírito desavisado. Marquei território.

Vários desencarnados pelo poder da Inquisição se fizeram nossas vítimas, mesmo porque Astúrio, que fora um inquisidor, sabia manipular muito bem as mentes. Os infelizes, em processo de culpa, deixavam-se arrastar como presas indefesas. Fazíamos o que desejávamos com elas, mandávamos e desmandávamos.

Astúrio liderava como era de sua extrema vontade, enquanto eu apenas aprendia. Não era de meu interesse ter escravos, apenas desejava, sozinho, vingar-me. A oportunidade era de aprendizado, apenas isso.

O poder da mente é brutal! Todos os indefesos permitiam ser manipulados. A culpa, a falta de esperança, a raiva, e muitas vezes o ódio, eram os ingredientes necessários para as ligações deles conosco. Depois era só instruí-los como proceder.

Encontramos também muitos espíritos tão perturbados que não possuíam mais noções de coisa alguma. Esses eram hipnotizados e transformados em máquinas inconscientes, robôs.

A técnica é simples: o espírito, nessa fase de desesperança, já perdeu tudo, inclusive sua dignidade. Para ele a vida acabou. Não existe mais fé nem um Ser Superior a velar por ele. Sua mente está como que amortecida. Nesses casos começamos por lhe dizer, induzindo-o: "você é bom para nos ajudar em determinado trabalho,

precisamos

de

você

para

trabalhar;

nós

o

sustentaremos e o protegeremos". Tudo de forma sutil, porém constante. Aos poucos ele começa a acreditar e a se deixar levar por aqueles nossos comandos.

Outros, vaidosos ou orgulhosos, são também induzidos a pensar que são peças importantes num trabalho de limpeza planetária para tirar do caminho quem não serve. Nesses casos a vaidade faz o serviço. Sem perceber tornam-se, por livre -vontade, nossos escravos.

Há também aqueles que estão robotizados, encontram-se tão apáticos que atuam de forma automatizada. As ordens são dadas e eles as cumprem sem ao menos pensar no que fazem.

E ainda possuíamos a técnica dos chips, pequenos aparelhos introduzidos nos cérebros, tanto dos encarnados quanto dos desencarnados, e manipulados à distância pelo sistema de controle remoto.

Naquele período, início do século XIX, eu já manipulava muito bem todas essas técnicas. Astúrio possuía mais de 100 seguidores e tínhamos arranjado outro lugar, mais amplo, na medida em que precisávamos de mais espaço para atender o contingente, maior, que continuava a crescer lentamente.

Tudo parecia se encaminhar perfeitamente e, durante anos, fui aprimorando meu plano. Mesmo trabalhando e aprendendo com Astúrio não descuidei da minha causa particular, porém ainda nada conseguira.

Resolvi permanecer ainda mais algum tempo naquele lugar pois me servia também dos muitos autômatos para buscar meus inimigos. Sabia agora que estavam desencarnados e, fatalmente, encontrar-se-iam nas mãos de algum Chefe das Trevas. Nesses casos ficava muito mais difícil encontrá-los.

Acreditava que não seria possível pessoas tão ruins terem desencarnado e estarem sentadas à direita do Pai, gozando e desfrutando de todas as benesses possíveis! Não, estava garantido, não estavam!

O que fazer? Continuar buscando. Meu trabalho, pelo menos na parte que me dizia respeito, era feito solitariamente. Astúrio apenas sabia que eu usava seus escravos para me auxiliar mas nada dizia, pois eu cumpria minha parte no pacto. Só não fazia uso dos teleguiados pelos chips quando todos se encontravam em missão conjunta.

Com o tempo comecei a me infiltrar noutras falanges. Conversa

vai, conversa vem, e eu, falsamente, prestava-lhes algum auxilio. Com isso fui ganhando a confiança de alguns subchefes. E claro que os chefões nunca ficaram sabendo, pois isso soaria como um fracasso de seus subordinados: aceitar ajuda doutras falanges seria considerado um ato de traição.

Fazíamos tudo às escondidas, a peso de ouro - não em moeda, mas em serviço, o que é bem mais vantajoso.

Meus informantes traziam-me destinos que eram checados e descartados por serem falsos. Eu mesmo prosseguia perseguindo pistas que redundavam, do mesmo modo, em fracasso. Não desistia.

Paralelamente trabalhava o ódio em meu coração e também em minha forma física.

Assim minha vida seguia, incansável, na busca de meus objetivos. Não me desesperei pois tinha em mente que, quando encontrasse aqueles desafetos, minha vingança seria estupendamente mais saborosa.

Foi dessa forma, perseverante, que em 1991 conheci Gilda, uma prostituta de bonita aparência que tinha tido sua última reencarnação na cidade de Toledo, no século XVIII.

Como em todos esses anos eu não havia abandonado as duas cidades espanholas, conheci-a num prostíbulo, sem dúvida muito mais requintado, pela sua fachada brilhante, portando um novo nome para o velho lugar de sempre, porquanto os objetivos continuavam os mesmos: libertinagem, prostituição... Seja lá como queiram designar.

Gilda se aproveitava dos casais supostamente românticos para vampirizados. Roubava-lhes as energias sexuais, ao compartilhar do mesmo leito dos apaixonados, e as utilizava em proveito próprio, quer no prazer libidinoso quer na aparência esplendorosa que ostentava.

Muitas vezes me servi sexualmente da companhia daquela incrível mulher que mantinha a mesma vida há muitas décadas ou, para ser exato, há três séculos. Nesse período havia reencarnado também como prostituta por duas vezes, uma em

Toledo, por volta de 1720, e outra em Madrid, por volta de 1880.

- Adoro a vida que levo! Não a trocarei por nada neste mundo! -

Dizia Gilda, eufórica.

Numa de nossas conversas sobre a antiga Toledo, contei-lhe

sobre minha desventura. Para meu espanto e da própria

interlocutora, o fato era por ela conhecido.

Narrou-me que conhecia Encarnación.

- Quem é essa mulher?

- A tal que roubou seu filho!

- Ah! Então este era o seu nome?

- Sim! Todos os nossos amigos ficaram sabendo. Eu tive casos

com cada irmão da dita cuja. Eram rapazes lindos..., e muito

eficazes - sorriu.

- Não quero saber da masculinidade de ninguém! Vá direto ao

ponto! Onde ela está?

- Ora, ora, meu monstro favorito! Acalme-se! Não sei onde ela está... Já se passou tanto tempo! Só a conheci porque, para estar mais perto dos irmãos, comecei a desenvolver uma amizade com ela.

- Interesseira!

- Ora! Não é também o seu modo de agir, interessadamente?

- Continue. - Pedi-lhe.

Gilda era igual a mim, não podia negar isso.

- Bem, seus sete irmãos participaram da emboscada. Atacaram-no porque três dos rapazes foram humilhados em Madrid por você e seu bando. A desforra veio com o plano de Encarnación porque um dos rapazes era seu filho muito amado. Muito bem pensado, não achou?

- Não! - Gritei a todo pulmão. - Minha mulher adorada foi vítima disso! Como acha que estou? Satisfeito?

E esbofeteei a pobre.

- Não precisa me fazer isso! Se for assim, calar-me-ei e não o ajudarei! Pode ir embora. Suma!

- Gilda, não quis fazer isto!... Controle também suas indiretas. Continue, preciso saber...

- Todos se divertiam muito quando, em rodas de amigos, Encarnación contava seu plano e arregimentava adeptos para ajudarem-na.

Gilda tomou fôlego e continuou:

- Logo que retornaram da empreitada, Encarnación resolveu descartar o menino. Colocou em votação o que deveriam fazer com ele. A maioria aprovou a morte, porém eu assumi ficar com o bebê. Era tão pequeno! Não precisavam matar o garoto, afinal a vingança tinha sido um sucesso: a própria mãe do garoto se

suicidara! Você levou bem o troco.

- E onde está Juan?

- Agora não sei. Na época...

- Como assim, não sabe1. Você ficou com ele!

- Deixe-me falar. Não, eu não fiquei com ele, apenas o retirei do grupo para evitar a sua morte. Veja bem, eu não tinha condições de criar ninguém, nem os meus próprios eu poderia criar! Abortei muitas e muitas vezes!

- Está certo. O que fez com ele, então?

- Dei-o para um dos meus amantes! Sabia que a mulher dele não podia ter filhos e era louca por crianças. Inventei uma história: disse que o encontrei jogado na rua e pronto.

- Menos mal! Meu pequeno Juan teve uma vida decente, pelo menos. Melhor do que a da mãe.

- Você sabe do paradeiro de sua esposa?

- Sim; fui informado de que se encontra no Vale dos Suicidas. E um lugar horrendo! Fui até lá, porém minha Maria se encontrava completamente louca: não me reconheceu nem falou comigo! Suas vísceras estavam para fora! Por causa da facada os órgãos internos saíram da barriga e ela julga que aquelas coisas são o seu filho! Nada pude fazer.

- Por que não a tirou de lá?

- Porque não saberia como cuidar dela e depois não me sobraria tempo para conquistar meus objetivos.

- E melhor assim.

- Então o que você pode fazer para me ajudar? Conhece o paradeiro de meu filho e dessa Encarnación?

- Não, mas posso tentar. Afinal conheço tanta gente e... Ah! Espete! Quando novamente reencarnei, em Madrid, conheci uma velhinha que me ajudou a ter um filho e o levou para sua neta cuidar. Senti por ela muito carinho e ficamos amigas.

- O que isso tem a ver com minha história?

- Tem a ver o seguinte: essa velhinha, depois de sua desencarnação, começou a me atormentar ao ponto de me deixar doente! Achei até que eu estava ficando maluca!
Quando desencarnei dei de cara com essa mulher. Seu estado era de aflição! Tinha, pareceu-me, caído na realidade. Culpava-se por ter raptado um garoto em vida anterior e estava me ajudando por eu a tet ajudado anteriormente, evitando aquele infanticídio.
E Gilda me narrou a história:

- Encarnación, quando teve seus próprios filhos, cinco no total,

começou a se recordar do pequeno Juan e a culpa levou-a à doença e à morte. Desencarnada, foi acolhida por entidades do Bem que ajudaram-na. Reencarnou novamente e teve vários filhos, prometendo acolher Juan quando este lhe chegasse aos braços. Não foi como filho, pois Juan lhe apareceria através de mim que, como prostituta, não queria ficar ele, mas, também, não desejava abortá-lo. Assim a neta de Encarnación, que também não podia ter filhos, recebeu e cuidou do pequeno Juan.

- E depois, o que aconteceu?

- Esqueci-me de tudo. Hugo, minha vida não é ter filhos nem, muito menos, cuidar deles. Estou em outra. Nunca mais obtive notícias.

- Gilda! Levante-se, aprume-se! Vamos procurar essas pessoas, vamos atrás dos rastros!

- Não quero fazer nada, deixe-me em paz! Minha vida é preciosa e o tempo está sempre a meu favor. Meus companheiros de noitada estão para chegar.

- Agora não! Enquanto não me ajudar a achar essas pessoas não vou deixá-la partir. E olhe que sou muito bom nisso!

- Largue-me! Não quero ir!...

- Ou você vai por livre-vontade ou usarei o poder da minha mente contra você. A escolha é sua.

Temerosa, Gilda resolveu colaborar. Era preferível permanecer lúcida que ser hipnotizada ou coisa pior.

Recomecei uma nova caçada, agora com um pouco mais de certezas. Sentia-me bem mais próximo dos inimigos. Saímos daquele antro e rumamos direto para minha moradia. Qualquer deslize de Gilda e eu a trancafiaria. Em meu território tudo ficaria mais fácil.

Por esse tempo estava vivendo sozinho naquela antiga caverna onde iniciamos - Astúrio e eu - a nossa convivência.

No dia seguinte rumamos para Madrid onde Gilda retornou à sua antiga casa na qual morava quando encarnada. É claro que, cem anos transcorridos, tudo estava diferente, mas era um começo.

Gilda se mostrou muito hábil pesquisadora, era incansável com os homens desencarnados moradores do lugar.

Perguntas aqui, indicações ali, conchavos acolá, e aos poucos fomos chegando cada vez mais perto das informações concretas, verdadeiras.

Fiquei sabendo, nessas andanças, que os prostíbulos, os mo-

dernos motéis, e os próprios hotéis de rotatividade, são antros de intensas fofocas, intrigas, e conluios.

É extremamente fácil localizar alguém por essa via, pois os amaziamentos, os abusos sexuais, as orgias, e todos os atos que têm o sexo ilícito como fundo, são comprometedores, e as informações correm como raios.

A maioria das ligações sexuais nesses ambientes é esconsa, ninguém é de ninguém, mas todos estão comprometidos com todos porque se busca um prazer mesquinho, lastreado justamente nos conluios. Muitas vezes é preciso se fazer pactos para conseguir o ente amado e, naturalmente, esses pactos são feitos com os espíritos trevosos.

Gilda, bastante experiente nessa área, infiltrava-se com facilidade. Percebi o quanto eu desconhecia desses meandros.
Tanto procuramos que descobrimos o paradeiro de um dos irmãos da raptora, Encarnación: Douglas.
Douglas estava reencarnado e morava em São Paulo, Brasil.
Naquela época, em Madri, por ocasião da primeira pilhagem feita contra o nosso grupo de ciganos, ele esteve presente e era o irmão caçula de Encarnación; depois foi o responsável por me apontar, para a irmã, como sendo o responsável maior pela humilhação passada, já que eu era o chefe daqueles ciganos; e foi ele também o encarregado por apontar para minha esposa e meu filho.
- Quer dizer então que Douglas está em outro país? Gilda, vamos para lá!
- Espere um pouco, Hugo! Estou cansada de há anos estarmos nesta corrida maluca! Deixe-me ficar, desejo retornar ao meu canto favorito, em Toledo!
- Nada disso! Agora que estamos chegando perto, não posso deixá-la para trás! ,
- Hugo, você já aprendeu bastante, sabe exatamente como fazer! E depois o homem é certo, não tem como errar! Ademais, vamos fazer o seguinte: se precisar você voltará e eu lhe ajudarei.
Já cumpri minha parte, localizei uma fonte seguríssima.
Sem nada dizer, peguei Gilda pelo braço e voltamos para minha caverna.
Calado, passei vários dias montando uma nova estratégia.
Agota, mais do que nunca, meu planejamento deveria ser preciso.
A probabilidade de encontrar Encarnación tinha aumentado substancialmente. Era uma questão de tempo.

- Hugo, deixe-me ir! Necessito voltar às minhas atividades! Se pelo menos você me desse carinho! Olhe para mim: não lhe dá pena me ver tão só, sofrida, e infeliz?

- Ah! Ah! Ah!... Esta é boa, eu me preocupar com alguém! Vá! Saia de perto de mim, sua infeliz! Já não mais preciso de você!

Magoada, Gilda não se moveu, permanecendo imóvel por alguns instantes.

- Vá! Suma da minha frente! Agora!... - Olhei para ela, mostrando meus dentes disformes, e a pobre correu como uma lebre assustada. Nunca mais soube do paradeiro dessa infeliz.

Resoluto, rumei para o Brasil, para a cidade de São Paulo. Endereço na mão, não me foi difícil localizar onde residia.

120

Não poderei, jamais, esquecer a data e a emoção sentidas naquele dia.

Cheguei à porta da casa às 22 h do dia 23 de janeiro de 2002.

O movimento domiciliar parecia normal.

Havia certa luminosidade, estranha, fora da edificação, porém, com um pouco de esforço e concentração no fato ocorrido em tempos passados, o rapto, consegui entrar.

Fiquei algum tempo na cozinha com a finalidade de me acostumar com o ambiente ao mesmo tempo em que aproveitei para rememorar todo meu plano: usaria o poder mental para vasculhar a mente do dito, agora, Douglas, para localizar sua irmã, meu foco principal.

- Ah, Encarnación! Dentro de pouco tempo estaremos frente a frente! Não perdi meu tempo! Agora é minha vez de apreciar sua derrota!

Fui para o quarto. Mas qual não foi minha surpresa ao verificar que ele, Douglas, estava casado! Um profundo mal-estar me dominou, senti minhas forças sumir, a mente rodou, e a tontura quase me fez cair!

Segurando-me num móvel próximo, respirei e, aturdido, verifiquei, sem palavras, o que estava me acontecendo e porque estava me acontecendo: a esposa ali deitada era a própria Encarnación!

- Encarnación! É você, sua maldita? E você!...

Não sabia explicar se estava eufórico, feliz, ou desesperado por vingança, simplesmente odiando.

Era ela, sem dúvida nenhuma! A mulher por quase três séculos procurada encontrava-se ali, todinha na minha frente, e reencarnada, o que era melhor ainda, pois assim poderia manipulá-la o quanto quisesse. Disse-me:

- Hugo! Foi melhor do que você esperava! Agora apenas basta-lhe ter calma e agir.

O ambiente ficou perturbado e tenso. Ela se desfigurava: o torpor e o mal-estar também atingiram-na.

- Douglas, estou me sentindo mal!

Nesse momento retornei minha atenção para o homem que havia no quarto, o também procurado Douglas. Vitória dobrada! Quem diria! Achei os dois bandidos de uma vez só! Que maravilha!

A euforia tomou conta momentaneamente de meu ser, porém logo me refiz e o ódio retornou tão intenso como nunca sentira antes.

- Hugo, você sabe que precisa de muita lucidez! Não se deixe levar pelo impulso! Já cometeu erros demais para, nesta hora, colocar a carroça na frente dos burros! - Falei alto para eu mesmo ouvir.

Percebi de imediato que os dois sentiram minha presença; ela, porém, mais do que ele. Talvez pela culpa, observei.

Fixei moradia naquele lugar e comecei a executar meu plano. Toda minha fúria se locupletaria no desequilíbrio do1 seu campo mental.

Pelas conversas, e sempre perseguindo Encarnación, que agora se chamava Lúcia, fui percebendo que ela era religiosa. Tinha uma vida relativamente regrada, conquanto seu marido fosse um tanto displicente quanto às atividades religiosas dela.

Uma vez por semana acontecia na casa certo Culto do Evangelho no Lar e, muitas vezes, precisei sair porque acorriam espíritos iluminados ao lugar, aqueles tais Trabalhadores do Bem. Pouco tempo depois eu regressava, porquanto as defesas espirituais caíam por causa dos próprios pensamentos dos seus habitantes.

Dois filhos completavam a família e, desses, afeiçoei-me por um. Parecia que o rapaz me transmitia certo afeto. Tratei logo de escolhê-lo como bode expiatório pois entendia que, mexendo diretamente com seu próprio filho, isso mais iria atormentada. Ela não mexeu com o meu? Então, agora, que aguentasse!

Reinava lá um clima de concórdia, embora houvesse, na verdade, muito mais aparência.

Continuei seguindo-a para descobrir os pormenores de sua

vida. Tinha necessidade por saber tudo sobre a vida de Lúcia, assim poderia agir com máxima precisão.

Foi desse modo que acabei por descobrir ser ela espírita: frequentava e era trabalhadora de um centro espírita.

Balela! - Falava-me. - Fazia-se passar por santa, boazinha! Mas eu, só eu, sabia o quanto era dissimulada, malvada, bandida!

- Como pode uma espécie vulgar de mulher, como ela, exibir tal máscara para a sociedade? Aguarde! O que é seu já se encontra reservado!

Sutilmente, porém exercendo meu poder mental, fui trabalhando em sua epífise, pois essa se revelava sensível ao contato dos espíritos. Como costumam dizer: é médium.

Comecei a incutir em seus pensamentos a ideia da destruição de si mesma e ela iniciou então a ter tremores, convulsões, e a cair na rua, inexplicavelmente, pois não mais funcionavam, de modo correto, as ligações sinápticas de seu sistema nervoso central.

Procuraram um médico, fizeram exames, mas nada encontraram. Mesmo assim passou a tomar remédios fortíssimos para voltar a obter o controle de si. Tudo em vão. Piorava ao invés de melhorar.

Realizei o mesmo processo em seu filho e também os efeitos logo se fizeram notar. Era preciso enlouquecê-los, deixá-los no mesmo estado em que Maria se encontrava. Usaria do olho por olho, lei antiga que regia nossas vidas. A grande maioria dos espíritos, encarnados ou desencarnados, ainda se presta a utilizar essa lei de Talião.

As coisas começaram a piorar: para minha surpresa Lúcia foi empossada na diretoria da instituição espírita por ela frequentada.

A dissimulação dessa gente é sem limites! - Pensava eu, até mesmo como gozação de toda aquela situação. - Mas isso favorecia meus intentos, pois, quanto maior fosse sua hipocrisia, mais fácil meu poder a atingiria.

Com o correr dos meses ela passou a estar completamente, todinha, em minhas mãos!

Era engraçado porque em momento algum procurou ajuda na instituição espírita que participava. Quanta confiança, hem? A

falsidade reina quase absoluta nesse meio! Os próprios líderes não buscam ajuda nos lugares que ditam ordens mas ainda querem incutir em nós, nominados obsessores, suas regras de conduta moral!

- Ora vejam! Quem pensam que são para falar assim conosco?

— Cada vez mais me tornava soberano sobre ela e sobre toda sua família, principalmente seu filho amado.

Foi implantado na casa espírita um trabalho de Cura Espiritual com um médium de fora dos quadros da casa do qual Lúcia, em toda sua falsidade, indicava como tratamento aos seus vários frequentadores.

Eu ria muito, divertia-me a valer, pois ela era digna de um prêmio por sua interpretação. Parecia a pura, humilde, e sem problemas. Só eu sabia o quanto ela penava, mercê como estava da minha vontade. Agia direitinho, como eu precisava que agisse. Caso se bandeasse para exemplificar o Evangelho que lia, eu estaria perdido, perderia o poder mental exercido sobre seus pensamentos. Ainda bem que a maioria dos religiosos prega mas não cumpre o que ensina. Vamos, assim e cada vez mais, ganhando terreno de ação.

Ficava, todas as noites, esperando-a sair do corpo pelo sono a fim de atormentá-la. Desesperava-se ao avistar minha aparência. Temia e fugia o quanto podia de mim. Eu apenas me divertia. Com o tempo passou a ter medo de dormir. A insônia era agora sua aliada, porém o corpo ia ficando mais debilitado.

Fiquei perplexo quando um dia, em particular, procurou o médium-curador e queixou-se dos problemas que enfrentava: caso muito sério por apresentar problemas na cabeça, levando-a ao medo de enlouquecer, uma vez que os médicos nada diagnosticavam. O que fazer? Explicou também que seu filho sofria da mesma deficiência.

- Trata-se duma obsessão complexa, foi este o diagnóstico espiritual. - "Fui descoberto", pensei, contudo resolvi enfrentar a situação com unhas e dentes.

- Eu já sabia! - Disse ela. - Como vamos fazer? Não quero fazer tratamento aqui no centro espírita onde sou diretora!... Você sabe como é!...

- O médium-curador admirou-se, porém sugeriu-lhe: você poderá ir ao centro espírita no qual trabalho regularmente, todavia é em outra cidade. Prefere ir lá?

Ficou então acertado a ida dessa infeliz criatura para o interior do Estado a fim de fazer sua sessão de desobsessão.

- Grande tola! Pensa que vai me afastar? Nada disso, vou infernizá-la ainda mais! Aliás, poderei falar-lhe pessoalmente, humilhá-la em público! Vai ser melhor do que eu poderia imaginar!

Aguardei tranquilo o dia daquele encontro.

Minha atuação sobre ela era implacável, não a deixava um minuto sequer. Resolvi então colocar um espírito-parasita em sua economia perispirítica a fim de exercer sobre ela os influxos mentais por mim canalizados.

Preparei o indigente, encontrado largado nas ruas da cidade.

É assim como digo: pelas ruas das metrópoles ou mesmo em pequenas cidades, encontramos muitos espíritos dementados, inconscientes, jogados pelas vias públicas. São dóceis ao trato das mentes diabólicas por se encontrarem semi-inconscientes ou alheios ao seu exterior. Esses são os efeitos das depressões profundas estabelecidas por processos de culpa pelos erros gerados no passado.

Apossei-me de dois desses espíritos e os preparei para terem convulsões, pressões na cabeça, dormências, tonturas, apagões mentais...

São técnicas usadas por mentes vingativas, como a minha, com o fim de provocar os mesmos sintomas nas vítimas encarnadas. Utilizamo-nos desse processo para ficarmos mais livres para trabalhar em outras frentes, pois os espíritos preparados são acoplados-colados no períspirito do encarnado e lhes passam todo desequilíbrio mental-emocional que sofrem.

Consequentemente Lúcia permanecia cada vez mais perturbada. Cada vez se tornava mais fácil manipulá-la, porquanto, mulher de pouca fé, tampouco acreditava no próprio tratamento espiritual que fazia.

Os médicos, estes eram seu refúgio. Para mim isso estava perfeito porque, com as drogas ingeridas - remédios indicados pelos especialistas do sistema nervoso ou pelos psiquiatras -, era-me mais fácil dominá-la. Explico: dopado, o Espírito não consegue comandar seu sistema nervoso para repelir o ataque sofrido pelo denominado obsessor. O Espírito encarnado já não consegue se comunicar com seu corpo pela sua mente, posto não mais conseguir emitir pensamentos adequados por não conseguir sair da forte influência de nosso campo mental e assim, por

conseguinte, torna-se nosso escravo.

A mente é poderosíssima, sabendo manipulá-la ganhamos qualquer batalha.

Lúcia passava muitas horas dormindo. Eu a mantinha, naquelas oportunidades, presa em sua própria cama, ouvindo todos os impropérios que podia colocar para fora. Meu ódio era tanto que muitas vezes cheguei a agredi-la.

Mantinha quase as mesmas atitudes para com seu filho. Não eram tão intensas porque o rapaz era mais escorregadio, quero dizer, não ingeria tantos barbitúricos, e também havia alguma coisa em mim que propiciava certo arrefecimento nos ataques. Chegava a sentir um misto de carinho por aquele moço.

125

Chegou enfim o dia do encontro na tal casa espírita doutro município, no interior. Admiração geral! Lúcia não apareceu! Porém avisei aos participantes para não se meterem comigo. Meu assunto era pessoal e eles nada tinham a ver com o caso.

Não adiantou o aviso. Eles começaram a fazer preces, a pedirem por mim, pela Lúcia, e por toda sua família. Orientaram-na para que o Culto do Evangelho no Lar tivesse um aproveitamento melhor no sentido da casa de Lúcia ficar protegida.

Como se isso fizesse diferença! Coisa alguma adianta nesse Culto se as pessoas não fazem o que leem; e, além do mais, o desentendimento acontece logo mesmo nos comentários do livro lido. Por isso o tal Culto não serviria para me retirar de seu lar.

Eu era mais forte! Douglas e os filhos são fracos mentalmente, nada conseguem porque os exemplos de Jesus não encontram ressonância em seus corações, assim como no de Lúcia. Já falara: "muita aparência e pouco reforma íntima".

Eu estava irritado.

Mesmo dominando a situação na casa de Lúcia, e principalmente em sua mente, haviam entrado em cena alguns espíritos evangelizados, Mentores-Trabalhadores da casa espírita que estava atendendo ao caso em referência.

Aquela intervenção não era uma coisa boa para mim, pois tratava-se de gente do Cordeiro e, quando eles querem, a nossa situação fica mais difícil. Lembro-me muito bem da minha estadia na Casa de Nazaré e também das conversas com Astúrio.

O problema agora estava ampliado porque, se Lúcia não era páreo para mim, não poderia afirmar o mesmo desses outros...

Hum!

Mas eu estava decidido: continuaria, custasse o que custasse. Mais acirradamente me preparei, a guerra estava apenas começando.

Na semana seguinte não fui, porém eles - os tais do Cordeiro - entraram na casa de Lúcia e levaram um dos meus indigentes. Resultado: nada pude fazer o indivíduo não voltou. Bem, continuaria com o outro que me restou e apanharia mais um na rua para prepará-lo.

Com o correr dos dias a situação foi se complicando, na medida em que não mais dispunha de tempo para preparar outro espírito vampirizador. O lar estava sendo vigiado por espíritos luminosos e, por efeito, minhas ações passaram a não mais atingir meus desafetos. Havia uma espécie de barreira a proteger aquela família.

Lúcia, alguns dias depois, preparou-se para ir ao Interior, na casa espírita. Era minha grande chance. Segui também.

O ambiente estava tranquilo. Uma força amorosa envolveu-me e, imediatamente, a lembrança de Ismernia, minha adorada mãe, aflorou em meu pensamento. Olhei aos lados na tentativa de encontrá-la, porém fiquei muito feliz por verificar que lá ela não se encontrava. Concentrei-me nos meus objetivos.

Quando a sessão começou e fui convocado a falar, deixei sair de meu coração todo ódio represado há três séculos:

- Meu nome é Hugo! E não quero que você fale por ela - respondi para o homem que fazia o intercâmbio.

- Meu irmão, fale! O que deseja? - Assim se me expressou o interlocutor, dirigente da atividade.

- Deixe que ela fale! Ela precisa saber que isto é uma guerra, que estamos em guerra! - E dirigindo-me a ela -:

- O que você veio fazer aqui?

Lúcia nada dizia. Encontrava-se meio dopada, meio aturdida. A consciência culpada colocava a infeliz em posição de arrependimento, porém o orgulho não facilita o entendimento.

Continuei, por ser minha oportunidade de oprimi-la, a cobrar o passado, saber dela onde se encontrava meu filho.

Vejam como sou: um monstro! Mostrei a todos minhas garras, mas minha aparência, mistura de dragão e homem, não

impressionou os Trabalhadores da Casa.

- Tenha compaixão! Você não está vendo o sofrimento desta nossa irmã, subjugada à sua atuação mental?

- Acha que darei atenção a um verme? Construí, durante trezentos anos, este corpo para me proteger e me vingar! Detenho o poder de manipular seu sistema nervoso central, de esmagá-lo!

E dirigi-me a ela: vou esmagar sua cabeça! Continuarei a torturá-la! Minha esposa, a cigana que você espoliou roubando-lhe o filho, atravessou uma faca em seu ventre e suicidou-se!

Está louca!

Meu desejo era o de esfaqueá-la, dizer-lhe um monte de impropérios, mas não consegui. A emoção do momento, forte demais, traiu-me. Saí correndo do lugar.

Alguns dias depois Lúcia retornou ao médico. Minha pressão estava muito mais acirrada. O especialista dobrou a dose do remédio. Ela estava totalmente em minhas mãos, agora também se torturava.

Nos momentos de completa apatia eu amarrava seu corpo inteiro e, com auxílio de um aparelho curvo, de metal, quase um capacete, comprimia, pressionando, seu crânio.

Naqueles espaços de tempo eu delirava de prazer.

- Enlouqueça, sua desgraçada! Vá para o inferno! Desejo que seu destino seja o mesmo da minha Maria! Vá! Siga a mesma trilha!

Simultaneamente ao meu falar, apertava o metal. Horas se passavam. Minha fúria era insaciável, ilimitada.

Quando largava a mãe, corria para torturar o filho, mas o prazer era menor. Muitas vezes procurava aumentar o sofrimento do rapaz para sentir maior satisfação, entretanto não conseguia.

Aquilo me incomodava deveras, no entanto em nenhum momento procurei saber o motivo de tal atitude.

Mais de vinte dias transcorreram quando recebi, novamente, um convite para comparecer ao Centro Espírita Nossa Senhora de Nazaré, aquele do interior, no qual Lúcia fora pedir ajuda.

Resolvi aceitar. Era preferível saber exatamente os planos dos inimigos para poder melhor me defender.

- Vim atendendo a um chamado.

- Boa noite, Hugo. Desejamos conversar um pouco com você. Nossa Lúcia está sofrendo. Compreendemos, esteja certo disso,

que você possui razões até de sobra para desejar e realizar sua vingança, porém acreditamos nas Leis Divinas que nos pedem para perdoar. Podemos ajudá-lo...

- Você não compreende? Tenho que ficar lá, fazendo-a sofrer! Vocês já sabem que ela roubou meu filho e, por causa disso, minha esposa enlouqueceu e suicidou-se! Só não sei onde ele se encontra, mas ela sabe e terá que me dizer. Vocês sabem onde ele está?

Emocionei-me.

- Hugo, também estamos emocionados pela sua dor! Ela, garanto-lhe, não sabe onde está seu filho! Encontra-se reencarnada, logo, esquecida do passado, e você sabe disso. Por que torturada? Ela já se sente culpada e se amargura por isso. Não suje suas mãos com a vingança! Poderemos encontrar sua esposa e ajudada. Nossos Mentores poderão resgatada.

- Não quero trocar minha esposa por Lúcia! Levei trezentos anos para construir escamas e garras! E ainda vou enfiar estas minhas garras no cérebro daquela infeliz para destruída!

- Não, meu irmão, não iremos e nem queremos fazer alguma troca, apenas queremos ajudá-lo.

Mais uma vez recusei e saí rapidamente para não sucumbir às boas intenções.

Os dias seguiram normalmente, porém eu já não me sentia tão à vontade quanto antes. O cansaço e a tristeza estavam tomando conta de mim. Sentia minhas forças se esvanecendo.

Não compreendia o que estava acontecendo comigo. Muitas vezes surpreendia-me em desespero. Não conseguia mais olhar para Lúcia e envergonhava-me olhar para seu filho. Lentamente a vingança começou a perder espaço em minha mente.

Não aguentava mais tanto sofrimento! A angustiosa lembrança de Maria, encravando o punhal em seu ventre, agora não saía mais da minha mente.

Eu estava me sentindo acabado. Desejava ardentemente descansar. Retornava também, em minha memória, a lembrança de Ismernia, da Casa de Nazaré, de Jupreste, e de tantas coisas boas por mim vivenciadas.

- "Hugo, o que você tem feito de você mesmo?" - Perguntava-me várias vezes.

A casa de Lúcia já não oferecia condições de estadia para mim.

Resolvi abandonar tudo. Segui sem rumo por vários dias.

- Hugo, meu filho, venha comigo! Um lar verdadeiro é a sua atual necessidade. Venha!

Antes de perder a consciência pude perceber que se tratava de uma mulher cujas feições me eram conhecidas.

- Quem é a senhora mesmo?

- Chamo-me Benedita e trabalho no Lar Nossa Senhora de Nazaré, acoplado ao Centro Espírita Nossa Senhora de Nazaré, aquele já visitado por você. Adormeci, confiante.

Mais uma vez estava recebendo toda ajuda necessária para meu restabelecimento. Minha consciência se achava totalmente desperta, recordava-me com nitidez de todo meu passado. Neste novo Lar o arrependimento sincero brotou naturalmente doemeu íntimo.

- É assim mesmo, meu filho! Agora, definitivamente, você aprendeu o valor do amor. A dor burilou seu espírito.

- Mãe! É você mesmo?

- Sim, vim visitá-lo. Fortaleça sua mente, trabalhe por sua melhora. Todos aqui estão empenhados em lhe ajudar Confie e siga em paz.

- Perdoe-me mais uma vez! Imploro-lhe!

- Nunca me ofendeu, filho. Todos os erros cometidos causaram mal a si mesmo e às pessoas com as quais conviveu. Aprenda, definitivamente, que só poderá ser feliz se deixar entrar em seu coração o amor incondicional. Perdoe, meu filho, perdoe.

- Compreendo agora, minha mãe, o quanto tenho errado! Sinceramente. Agora compreendo. Tenho agido ou como uma criança inconsequente ou como um brutamontes, um bárbaro: sem limites.

Conversamos por muito tempo no belo jardim da Casa onde agora vivo.

Algumas semanas transcorreram. Uma noite fui visitar os encarnados daquela casa espírita que tanto haviam me ajudado no processo terapêutico da desobsessão.

- Boa noite, meu irmão Joel. Vim lhes informar que estou morando aqui no Lar. Parece até que estou saindo de um vulcão, queimando por dentro e com o cérebro torrado. Ainda me encontro muito debilitado, mas posso caminhar sozinho. Preciso

saber sobre minha esposa e filho.

- Caro Hugo! Que surpresa boa! Estamos felizes em saber do seu progresso! Nossa mãe, Benedita, informou-nos que poderemos resgatar sua esposa no Vale dos Suicidas e que em breve você verá seu filho.

- Quando o verei?

- Você será informado do dia, portanto tenha um pouco de paciência, meu irmão. Os companheiros do Lar apoiar-lhe-ão em tudo quanto precisar.

Fui convidado a participar do Culto do Evangelho no Lar na casa de Lúcia. Com reservas, aceitei.

Meus novos amigos do Lar seguiram comigo. Depois de meses reveria novamente minha desafeta. Estava apreensivo.

Ao adentrar àquela casa percebi o quanto eu me achava diferente. Minhas emoções me traíam. Com esforço permaneci o tempo todo. Conforme a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo ia sendo feita, fui, do mesmo modo, percebendo a necessidade de me fortalecer nele. Também eu o estudaria, com afinco.

Passei a ler, com total dedicação, o Evangelho sob o ponto de vista do Espiritismo. Esse livro me transmitia forças morais para quebrar as assim não tão sólidas estruturas mentais construídas ao longo da minha existência. Passei então a perceber que, lentamente, as deformações do meu corpo perispiritual começaram a ser retiradas. Eu sabia que a força mental, agora canalizada para o Bem, agiria de forma contrária quando, no passado, criara, para o Mal, um monstro. Tratava-se apenas de inverter o sentido da seta, apontando-a dessa vez para o Bem a fim de retirar a conformação anômala na qual me tornara ao insculpi-la.

Estava mudado, minha vingança não existia mais.

O arrependimento empurrava-me para frente. O desejo ardente de ser um espírito melhor firmava-se na minha consciência, e o esforço pessoal apresentava resultados positivos.

Voltei várias vezes ao Culto do Evangelho no Lar na casa do casal Douglas-Lúcia.

- Essa reunião evangélica fortalece os laços de união com a família. É necessário que isto aconteça. - Esclarecia-me dona Benedita.

- Quando iremos buscar minha esposa? Quando verei meu filho?

- Não fique tão apreensivo, Hugo, isso ocorrerá em breve (empo.

Você precisará estar bem fortalecido, pois as emoções do momento serão grandes e fortes.

Perguntava-lhe com frequência, mas, em meu intimo, temia encontrar Maria. Como ela estaria7 O que iria encontrar? Muitas dúvidas angustiantes. Realmente era preciso estar bem fortalecido emocionalmente.

- Dona Benedita, não sei por que, mas toda vez que vou ao Culto no lar de Lúcia sinto-me incomodado com a presença de seu filho doente. Acho que estou constrangido pelo mal que lhe causei. A senhora não acha a mesma coisa?

- Mais uma vez lhe digo, Hugo: "calma, não se angustie". Apenas avalie o que sente quando se encontra perto desse rapaz.

Assim seguia minha vida. Estudo, conversas edificantes, e repouso reflexivo sob uma árvore frondosa. Sentia-me bem.

Chegou, afinal, o dia do resgate de Maria. Enfim iria rever o amor de minha vida! Estava feliz, mas, ao mesmo tempo, receoso. A angústia, lentamente, passou a me dominar.

Segui com a Equipe do Lar de Nossa Senhora de Nazaré. Na frente seguia Irmã Celeste, espírito iluminado a serviço de nossa Mãe Santíssima. Dessa companheira transbordava o amor incondicional que nos envolvia a todos. Eu me encontrava confiante.

Quando, depois de horas de caminhada, chegamos na parte do Vale dos Suicidas onde Maria se encontrava, parei ao rever minha esposa.

Chorei.

Minha pobre amada se apresentava completamente desfigurada, cabelos desgrenhados, olhos esbugalhados, roupas em farrapos, esquálida, com a pele semelhante a teia de aranha. De seu ventre, aberto, escorria um líquido espesso. Partes das suas entranhas se precipitavam para fora de seu abdome sem, contudo, cair.

A cena era demasiado chocante.

- Bebê... Onde está meu bebê?...

Eram as únicas palavras que sussurrava. Há vários anos não dormia, sempre em delírio. Encontrava-se em piores condições do que imaginara.

Com muito amor Irmã Celeste a envolveu. Tocou-lhe as faces do rosto e beijou-a. Maria, porém, nada demonstrou.

- Ela não percebe o que acontece ao seu redor. Temos que ter muita paciência, Hugo, seja forte. - Mais uma vez dona Benedita

me ensinava.

Tenho aprendido muito com o sofrimento. Depois de séculos - posso dizer milênios - a dor despertou o verdadeiro sentimento dentro de mim: o amor-serviço.

Segui a caravana em profundo silêncio. Dona Benedita cantava. Soube que havia sido uma cristã da primeira hora. Cantava, como outrora, para angariar forças e motivar todo grupo. Nunca presenciei nada tão tocante. As lágrimas insistiam em cair, mas eu já não me envergonhava delas, antes me faziam bem, como se estivessem lavando meu espírito, purificando meu corpo.

Apesar da piedade que sentia por Maria, rejubilava-me, pois a felicidade estava morando em minha consciência.

É inenarrável poder falar sobre o verdadeiro sentimento!

Necessário se faz senti-lo, apenas. Somente desse modo poderemos saber exatamente o que ele significa.

Esse estado de bem-aventurança, imerecido para mim, fortificava minha esperança, garantindo sem dúvidas a minha definitiva mudança.

Logo que adentramos o Lar Nossa Senhora de Nazaré, minha esposa foi encaminhada para a Ala dos Deficientes Mentais. Nada perguntei. Já sabia, de antemão, o processo de socorro que lhe seria ministrado.

Com o correr dos dias Maria foi apresentando alguns sinais de melhoria física, orgânica. Sua aparência revelava a beleza anterior há tanto tempo escondida de minhas vistas. Embora mentalmente repetisse as mesmas frases e os mesmos gemidos, eu confiava em seu restabelecimento.

- Hugo, meu amigo - dizia-me o nosso querido Dr. Celso, encarregado do Setor de Psiquiatria, no Lar -, ore a Jesus. Nossa paciente, em breve tempo, estará conversando normalmente.

- Sim, doutor Celso, acredito que sim. O senhor estima em quanto, esse breve tempo?

- Pelas nossas experiências, de dois a três anos. O amor faz milagres.

- Acredito muito em suas palavras, embora dois a três anos pareçam-me um longo período.

- E por causa da sua ansiedade. Procure controlá-la e verá quão rápido esse tempo passará.

As palavras do médico aliviavam-me.

- Afinal, para quem com paciência e precisão alimentou e modificou por trezentos anos seu perispírito por uma vingança,

dois a três anos nada significam. Se tiver persistência para aquilo, também posso trabalhar em paz ao lado de minha Maria.

- Sem dúvida, Hugo. Todos nós, como você, filhos de Deus, podemos adquirir, através da fé, a perseverança necessária para superar nossas aflições. A vingança, realmente, exibe um aspecto interessantíssimo, principalmente para nós que estudamos a mente.

Permaneci atento às explicações.

- A mente é o veículo propulsor das manifestações do espírito e se molda conforme os interesses deste. A vingança é uma emoção que produz por si mesma um estado de êxtase ao seu portador por lhe exigir uma concentração, uma vontade pertinaz capaz de prejudicar o outro numa ação completamente compreensível, pois o vingador odeia aquele quem o fez sofrer, porquanto justamente foi atingido na parte mais sensível das suas emoções, qual seja, o orgulho. Orgulho ferido mente ferida, mas pronta para o ataque. Para atingir esse intento a mente, incansável, maquina, passo a passo, os detalhes das ações, não importando quanto tempo leve pata o revide; importa-lhe, apenas, a satisfação a ser vivenciada.

- O senhor esta querendo me dizer que...

- A satisfação de podei vir a atingir o outro provoca na mente um estado de êxtase, propiciando ao vingador a permanente vivência do prazer.

Admirei-me com o raciocínio do Dr. Celso e seu consequente ensinamento!

- Todavia a mente vivência um estado diferente quando, pelo processo da culpa, o espírito anseia pelas resoluções dos problemas causados por suas ações desequilibrantes, dando origem à depressão, uma emoção negativa que atua lentamente, induzindo seu portador ao desespero, à fuga de si mesmo.

- Sim, é exatamente assim que me sinto. Culpo-me, excessivamente, pelo estado de minha Maria; mas felizmente desejo, urgentemente, resolver este meu conflito. Aliás, desejo ver toda minha vida e das pessoas que amo vivendo em paz e alegria.

- Por isso a culpa não nos serve para nada. Quando errarmos precisaremos descobrir onde foi, exatamente, que erramos, e arrependermo-nos para mudarmos, definitivamente. Chorar pelo

erro em coisa alguma nos ajudará antes nos prejudicará, de nada nos adiantando. São as atitudes no Bem, e somente estas, que nos servirão de alavancas para a cura definitiva das nossas mentes e, por extensão, dos nossos espíritos.

- Isto é bem verdade, amigo Celso. Tomo, como base, todas as oportunidades que tive de fazer o bem, mas, como não me desvinculara do orgulho, vivi sempre fracassando.

Ninguém pode fazer a nossa parte na tarefa da evolução, Hugo.

Continuamos a conversar até o salão principal onde iríamos participar da prece coletiva que acontece sempre exatamente às dezoito horas no abençoado Lar de Nossa Senhora de Nazaré.

Com o passar das semanas Maria foi visivelmente se restabelecendo. Já conseguia caminhar pelo jardim tão bem cuidado pela menina Florzinha. Este, na verdade, não é seu nome verdadeiro, mas é como todos tratamos, carinhosamente, a jovem Trabalhadora Angélica Lisboeta. Afinal ela cuida com muito esmero das plantas do maravilhoso local paisagístico existente no Lar.

Passei a caminhar diariamente com minha esposa e, normalmente, conversávamos sobre amenidades. Contudo, quando ela se recordava de Juan, entrava em depressão:

- Onde está meu filho? Hugo, pot que me esconde Juan? Onde ele está?

Naquelas horas, seguindo orientações dos Mentores, procurava elevar meu pensamento e convidá-la à oração, contudo Maria entrava em estado de alienação por vários dias.

Todo ensinamento adquirido sobre Jesus, nosso mestre de vida plena, no amor, procurava lhe passar quando Maria, novamente, oferecia condições de dialogar. Lembrava-lhe, inclusive, da própria Maria de Nazaré que tanto sofreu por seu amado filho, inocentemente morto por ser, na Terra, o único espírito justo.

Em algumas outras ocasiões minha amada esposa necessitou ser conduzida ao Centro Espírita Nossa Senhora de Nazaré a fim de receber tratamento fluídico nas Atividades de Atendimento aos Espíritos Portadores de Deficiências Mentais. Os médiuns recebiam-na e nosso irmão Joel conversava pacientemente com ela, porém alegre por verificar seu progresso, apesar de lento. As orientações dos Mentores são sempre para que os espíritos com essas deficiências recebam os choque magnético e fluido vital dos encarnados, facilitando-lhes seus tratamentos.

Sempre que possível eu procurava dona Benedita para saber sobre o paradeiro de Juan.

- Esforce-se por ficar calmo, meu filho, vá se fortalecendo pois logo saberá.

Lúcia havia desistido do tratamento espiritual, optara em continuar com os remédios, e seu filho também. Agora os efeitos colaterais das drogas passaram a agir como fatores dominantes de seus distúrbios mentais.

Vez ou outra seguia com os Caravaneiros para o Culto do Evangelho no Lar na casa dos ex-desafetos. Controlava-me com bastante propriedade, tendo em vista já não sentir ódio; todavia não podia ter bons sentimentos ainda. Estava me esforçando para perdoá-los.

Um dia, quando eu me encontrava bastante tranquilo e Maria também se encontrava bastante melhor, fui chamado pela querida Benedita:

- Vamos conversar um pouco.

Hugo, meu querido filho, acredito que você já possua as imprescindíveis condições morais para saber de toda verdade sobre Juan.

Nada falei, mas meu coração acelerou seus batimentos. A ansiedade, até há tempos dominada, fez-se novamente presente, reapresentando-se.

- Seja prudente, meu filho, e procure se acalmar.

Imediatamente senti-me envergonhado e procurei respirar fundo para que a paz voltasse ao meu íntimo.

- Bem... Continuando, vamos expor-lhe alguns fatos já de seu conhecimento: algumas de suas reencarnações foram marcantes para o desfecho das últimas ações praticadas por Hugo. Gráviu amou Dámila e a fez sofrer profundamente; Séquia também era amado por Gráviu, como filho, e houve uma disputa entre ambos. Depois conviveu com Brígida e Max.

- Sim, lembro-me.

- Dámila, seu grande amor, apenas nesta última reencarnação voltou novamente a conviver com você, sendo Maria; Séquia seguiria posteriormente como Vincent, irmão que o ajudou muito.

- Hugo, infelizmente você não apurou a bondade em seu

coração; o ímpeto bárbaro tem deixado marcas profundas em seu íntimo. Como François provocou um ódio insano em Margot, a esposa que lhe ofereceu a oportunidade de reajuste e novamente foi vilipendiada. Essa mesma Margot renasceria tempos depois como Encarnación e seu...

- Como! Margot foi Encarnación que agora é Lúcia? Desesperei-me.

- Sim, ela mesma, Hugo. Veja, meu filho, que o ódio provoca marcas profundas.

Procurei ouvir atentamente o desenvolvimento do surpreendente relato.

- Como ia dizendo, o filho de Encarnación que provocara toda vingança contra Hugo e Maria era o primeiro filho do casal François e Margot.

- Estou preocupado, dona Benedita! Quem é Juan? Minha vontade, naquele instante, era a de sumir sem mais nada querer saber.

- Coragem, meu filho. Entenda que os fatos já aconteceram e agora é a hora da compreensão, da tolerância, e do perdão, perdão inclusive para si mesmo.

- Desculpe-me.

- Então Juan era Séquia, o qual acabou sendo criado por um casal que o recebeu de Gilda. Em reencarnação posterior, Gilda, cujo nome fora Esmeralda, tivera um filho - Juan, reencarnado -, contudo não o quisera criar e Encarnación, cujo nome era Maria Dolores, recebeu o menino e o levou para a neta impossibilitada de engravidar.

- Sim, estou ciente desta história, contada pela própria Gilda.

- Atualmente Juan está reencarnado com o nome de Paulo, filho muito amado de Lúcia, o qual sofreu sua pressão por desejo de vingança.

- Não! Não! Não pode ser! Eu estava me vingando em meu próprio filho?

- Sim, Hugo. A nossa postura perante a vingança leva-nos a cometer atrocidades.

Desejei gritar, fugir... Matar-me, se possível fosse!

- Deixe de pensamentos destruidores e acalme-se mais uma vez. Busque a sua coragem, moral, desta vez.

Mas eu não conseguia me conter!

- Hugo, preste atenção, meu querido! Você teve coragem para

planejar uma vingança por trezentos anos, não foi mesmo?

- Sim, dona Benedita, tive. - A bondosa senhora segurava amorosamente minhas mãos trêmulas.

- Então agora deverá ter coragem moral para enfrentar a dor desta tragédia.

- O mundo desabou sobre minha cabeça!

- Não! Foi você mesmo quem provocou estas dores em si próprio e nas pessoas que ama! Agora vamos consertai.

- Meu filho! Tanto desespero, tanta luta, para reencontrá-lo, e ele estava diante de meus próprios olhos!

Dona Benedita nada falou. Deixou-me extravasar a grande dor em meu peito, ou melhor, em minha consciência.

- Como não pensei nesta possibilidade?

- Porque o ódio nos cega. Você não percebeu que Encarnación poderia ter se arrependido e procurado ressarcir os males causados.

- Não! Jamais passou pela minha cabeça que aquela mulher pudesse nutrir um pouco de piedade por alguém!

- Hugo, o passado só serve para nos mostrar onde erramos, enquanto o presente serve para tomarmos decisões a fim de serem executadas em breve futuro. Aja em proveito de todos.

- Não poderei dizer a Maria que eu mesmo estava provocando o enlouquecimento de nosso tão amado filho!

- Por ora ela não deve saber mesmo, isso pioraria seu estado mental.

- Agora compreendo os estranhos sentimentos que sentia pelo jovem!

- No fundo de sua consciência o amor de pai desejava lhe avisar.

- Se pudéssemos dar ouvidos às nossas intuições, tudo seria diferente!

- Sem dúvida, Hugo. A misericórdia divina nos dotou de infinitas capacidades - e a intuição é uma delas - no intuito de nos orientar a caminho do Bem. Como somos muito displicentes e orgulhosos, enxergamos apenas aquilo que desejamos.

- Sei hoje, dona Benedita, que estava profundamente cego pela vingança!

- Tudo quanto é contrário às Leis Divinas nos obscurece. Vamos, meu filho, é hora de trabalharmos.

A partir daquele dia minha vida se transformou mais um pouco. Sou outro homem. Aprendi que fazer ao outro o que

gostaríamos que o outro nos fizesse deve ser o pilar seguro das minhas ações.

Tenho ido várias vezes visitar a família Douglas-Lúcia. O amor por meu filho tem facilitado transformar o meu sentimento por ela, que o trata muito bem.

Maria, minha amada esposa, sente-se já bem melhor, conseguindo se expressar numa fala com desenvoltura. Só não acha totalmente curada porque ainda não me perdoou. Afirma que eu dediquei mais tempo à vingança do que a ela.

Fim



Devo confessar que ela tem razão, eu a abandonei totalmente ao buscar conhecer técnicas para me vingar. Ao invés, se fosse evangelizado, poderia buscar conhecer técnicas para socorrê-la na hora da dor.

Amigos! Hoje peço perdão a Deus por todo mal que pratiquei, mas também peço-Lhe forças para continuar lutando em prol do Bem, do amor, e da justiça.

Desejo forças para continuar trabalhando sempre e cada vez melhor.

DEUS esteja com todos nós.



Esta edição foi impressa nas gráficas do Centro de Estudos Vida & Consciência Editora Ltda., de São Paulo, SP, sendo tiradas três mil cópias, todas em formato fechado 140x210mm e com mancha de 104xl75mm. Os papéis utilizados foram o ofsete Chambril Book (International Paper) 120g/m2 para o miolo e o cartão Supremo Duo Design (Suzano) 250g/m2 para a capa. O texto foi composto em Goudy Old Style 11,5/13,7 e os títulos em Dear Joe Four 20/25. Joel Fernandes realizou a revisão, a equipe CENSN elaborou a programação visual da capa e Bruno Tonel desenvolveu o projeto gráfico do miolo.

Fevereiro de 2013

ESPÍRITA há mais de 30 anos, Marise Ceban nasceu em São Paulo, capital, em 22 de julho de 1956. Possui graduação e pós-graduação em Administração de Empresas, pela FMU, e pós-graduação em Administração para o Terceiro Setor, pela FGV.

Atualmente preside o Centro Espírita Nossa Senhora de Nazaré (www.censn. org.br), em Itupeva, interior de São Paulo, onde, além de exercer atividades de expositora do ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita) e de educação mediúnica, participa das reuniões de desobsessão especializada.

É médium dos livros Sibéria, berço da renovação, Mais uma vez é preciso recomeçar, Descolado? e Espíritos — a cura pelo entendimento.

Marise Ceban psicografando a mensagem que abre a presente obra. Madri/Espanha, 13 de outubro de 2010.